

UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

MARCOS DE OLIVEIRA CRUZ

**DISCURSO DA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL
NAS ELEIÇÕES DE 2018–2022: ANÁLISE SEMIÓTICA**

**SÃO PAULO
2023**

MARCOS DE OLIVEIRA CRUZ

**DISCURSO DA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL
NAS ELEIÇÕES DE 2018-2022: ANÁLISE SEMIÓTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* do Mestrado em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre Interdisciplinar em Ciências Humanas.

Área de concentração: Interdisciplinar em Ciências Humanas

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Margarida Farias Coelho

**SÃO PAULO
2023**

C963d Cruz, Marcos de Oliveira.

Discurso da Assembleia de Deus no Brasil nas eleições de 2018–2022: análise semiótica / Marcos de Oliveira Cruz. — São Paulo, 2023.

133 p.: il., color.

Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) —
Universidade Santo Amaro, 2023.

Orientadora: Prof.^a Me. Dr.^a Patrícia Margarida Farias Coelho.

1. Igreja protestante. 2. Discurso político. 3. Análise de conteúdo. I. Coelho, Patrícia Margarida Farias, orient. II. Universidade Santo Amaro. III. Título.

Nome: CRUZ, Marcos de Oliveira.

Título: **DISCURSO DA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL NAS ELEIÇÕES DE 2018-2022: ANÁLISE SEMIÓTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre Interdisciplinar em Ciências Humanas.

Aprovado em: / /

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Patrícia Margarida Farias Coelho **Instituição:** Universidade de Santo Amaro

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. João Augusto Mattar

Instituição: Universidade de Santo Amaro

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. Alexandre Bueno

Instituição: Universidade Presbiteriana Mackenzie

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Para minha esposa, Maria Luísa,
que me acompanha
e apoia há 31 anos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado saúde, alegria, paz, e ter me ajudado a chegar até aqui.

Aos meus pais. Embora a minha maravilhosa mãe não esteja mais entre nós e o meu pai, nesse momento, aos 80 anos, enfrenta o Alzheimer e o câncer na próstata, eles foram os maiores incentivadores da minha vida.

À minha linda esposa, Maria Luísa, que me encorajou nessa carreira acadêmica e lutou comigo, suportando as muitas horas de leitura e estudos. Foram muitas xícaras de cappuccino que ela me serviu durante este trabalho.

À CAPES, pelo apoio financeiro durante o desenvolvimento da minha pesquisa.

À Universidade Santo Amaro, pela competência e organização do curso de Pós-Graduação.

À minha orientadora, professora Dra. Patrícia M. Farias Coelho, pela orientação firme e abundante que me conduziu ao mundo da semiótica francesa.

Ao professor Dr. João Augusto Mattar, pela valiosa cooperação nas aulas e pelo incentivo para o próximo passo em busca do doutorado.

Ao professor Dr. Expedito Leandro da Silva, pelo contínuo apoio desde a graduação em jornalismo.

Aos meus companheiros de sala, José Calazans, Iara Azevedo, Baltazar Ruiz e Lilia Figueiredo, pelo companheirismo nos trabalhos. Essas pessoas foram demais.

À Igreja Assembleia de Deus Ministério de Interlagos, que suportou minha ausência no pastorado enquanto precisei me dedicar à pesquisa.

RESUMO

No Brasil, logo após a chegada dos missionários, em 1910, a denominação cristã Assembleia de Deus cresceu e se expandiu significativamente em nossa sociedade (CORREA, 2020a). Em 2018, essa denominação se engajou na campanha eleitoral do candidato Jair Bolsonaro, apoiando sua candidatura ao maior cargo político brasileiro, o de presidente da República. A justificativa desta temática se deu pelo fato de a Assembleia de Deus possuir mais de 12 milhões de membros, de acordo com o censo (IBGE, 2012). Além disso, ela é a instituição que mais possui representantes na bancada evangélica do Congresso Nacional Brasileiro, composta em 2018 (DIAP, 2018). Para a realização deste estudo, propomos o seguinte problema de pesquisa: de que modo se caracteriza o discurso político-partidário na fala de pastores da Assembleia de Deus no Brasil, nas eleições de 2018 e 2022? Como hipótese, propomos que as propostas políticas de candidatos da Igreja ou ligados a ela recebem o revestimento de sagrado no templo, com o sentido de direcionar o voto dos fiéis. Por essa razão, como objetivo geral, a partir dos discursos dos pastores da Assembleia de Deus sobre os candidatos aos cargos eleitorais, propomos verificar as marcas discursivas na perspectiva da semiótica francesa. Temos como objetivos específicos, a saber: (i) contextualizar a origem, implantação, desenvolvimento, o discurso fundante e o discurso político-partidário da Assembleia de Deus no Brasil adotado a partir da gestão do pastor José Wellington Bezerra da Costa, na década de 1980; (ii) conceituar os discursos político e o religioso a partir da semiótica discursiva; e (iii) analisar o plano de conteúdo tripartido em níveis narrativo, discursivo e fundamental da semiótica francesa de discursos político-partidários da Assembleia de Deus nas eleições de 2018 e 2022. Para tanto, a metodologia utilizada neste estudo é a teórico descritiva, como prevê a semiótica discursiva. O arcabouço teórico que sustenta esta pesquisa parte de um olhar interdisciplinar composto por estudos de Ciências da Religião realizados por Alencar (2000, 2019), Correa (2020a, 2020b) e Soares (2021), e da semiótica de linha francesa. Manteremos, porém, como suporte teórico principal, a semiótica discursiva de Barros (2002), Fiorin (2016a, 2016b), Greimas (2014) e Greimas e Courtés (2020). O *corpus* selecionado para este estudo é composto por cinco recortes de sermões dos pastores José Wellington Bezerra da Costa e José Wellington Costa Junior, líderes da Assembleia de Deus no Brasil, extraídos da plataforma YouTube. O parecer dos efeitos de sentido dos sermões analisados demonstra que o discurso da Assembleia de Deus é religioso, embora se proponha a discutir temas relacionados ao campo político.

Palavras-chave: Igreja protestante; discurso político; análise de conteúdo.

ABSTRACT

In Brazil, shortly after the arrival of the missionaries, in 1910, the Christian denomination Assembly of God grew and expanded significantly in our society (CORREA, 2020a). In 2018, this denomination was engaged in the electoral campaign of candidate Jair Bolsonaro, supporting his candidacy for the highest Brazilian political office, that of President of the Republic. The justification for this theme was given by the fact that the Assembly of God has more than 12 million members, according to the census (IBGE, 2012). In addition, it is the institution that has the most representatives on the evangelical bench of the Brazilian National Congress, formed in 2018 (DIAP, 2018). To carry out this study, we propose the following research problem: how is the political party discourse characterized in the speech of pastors of the Assembly of God in Brazil, in the 2018 and 2022 elections? As a hypothesis, we propose that the political proposals of candidates from the Church or linked to it receive a sacred coating in the temple, in order to direct the vote of the faithful. For this reason, as a general objective, based on the speeches of the pastors of the Assembly of God about candidates for electoral positions, we propose to verify the discursive marks from the perspective of French semiotics. We have as specific objectives, namely: (i) contextualize the origin, implantation, development, the founding speech and the party-political discourse of the Assembly of God in Brazil adopted from the management of pastor José Wellington Bezerra da Costa, in the decade of 1980; (ii) conceptualize political and religious discourses from discursive semiotics; and (iii) analyze the tripartite content plan at narrative, discursive and fundamental levels of the French semiotics of party-political discourses of the Assembly of God in the 2018 and 2022 elections. predicts discursive semiotics. The theoretical framework that supports this research is based on an interdisciplinary approach composed of studies of Sciences of Religion carried out by Alencar (2000, 2019), Correa (2020a, 2020b) and Soares (2021), and French semiotics. However, we will maintain, as main theoretical support, the discursive semiotics of Barros (2002), Fiorin (2016a, 2016b), Greimas (2014) and Greimas and Courtés (2020). The corpus selected for this study consists of five excerpts from sermons by pastors José Wellington Bezerra da Costa and José Wellington Costa Junior, leaders of the Assembly of God in Brazil, extracted from the YouTube platform. The opinion of the meaning effects of the analyzed sermons demonstrates that the discourse of the Assembly of God is religious, although it proposes to discuss themes related to the political field.

Keywords: Protestant church; political speech; content analysis.

LISTA DE SIGLAS

AD	Assembleia de Deus
ADs	Assembleias de Deus no Brasil
ADBelém	Assembleia de Deus Ministério do Belém
AGO	Assembleia Geral Ordinária
AGE	Assembleia Geral Extraordinária
CADB	Convenção da Assembleia de Deus no Brasil
CIADESPEL	Convenção das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus do Estado de São Paulo, Estados e Limítrofes
CGADB	Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil
COMADESPE	Convenção dos Ministros das Assembleias de Deus do Estado de São Paulo e Outros
CONAMAD	Convenção Nacional das Assembleias de Deus de Madureira
CONIMADIB	Convenção Nacional de Igrejas e Ministros de Assembleias de Deus no Brasil
COMOESPO	Convenção dos Ministros Ortodoxos das Assembleias de Deus do Estado de São Paulo e Outros
CONFRADESP	Convenção Fraternal das Assembleias de Deus no Estado de São Paulo
CPAD	Casa Publicadora das Assembleias de Deus
DIAP	Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MEC	Ministério da Educação e Cultura

MFA	Missão de Fé Apostólica
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PL	Partido Liberal
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSC	Partido Social Cristão
PSD	Partido Social Democrata
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSL	Partido Socialista Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
STF	Supremo Tribunal Federal
Vs	Versus

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL: ORIGEM, DESENVOLVIMENTO, EXPANSÃO E CONVERGÊNCIAS POLÍTICO-PARTIDÁRIAS	22
1.1 O nascedouro da Assembleia de Deus no Brasil: discurso pentecostal	22
1.2 A expansão em ministérios	31
1.3 Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB) e convenções estaduais	38
1.4 CGADB, Conselho Político e sua participação na política partidária.....	44
1.5 Pastor José Wellington Bezerra da Costa e sua atuação no campo político da Assembleia de Deus.....	48
2 SEMIÓTICA GREIMASIANA, DISCURSOS POLÍTICO-PARTIDÁRIO E RELIGIOSO	52
2.1 Semiótica greimasiana: pressupostos teórico-metodológicos	52
2.2 Discursos de veridicção: o político-partidário e o religioso	61
3 ANÁLISE DO PLANO DE CONTEÚDO DOS DISCURSOS DE PASTORES DA ASSEMBLEIA DE DEUS	70
3.1 Discurso 1 - Pastor José Wellington Bezerra da Costa	70
3.2 Discurso 2 - Pastor José Wellington da Costa Junior	78
3.3 Discurso 3 - Pastor José Wellington Bezerra da Costa	83
3.4 Discurso 4 - Pastor José Wellington Bezerra da Costa	89
3.5 Discurso 5 - José Wellington Costa Junior	96
4 COMPARAÇÃO DOS DISCURSOS ANALISADOS	103
4.1 Análise dos dados de acordo com o referencial teórico	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	116
GLOSSÁRIO	120
ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DOS DISCURSOS UTILIZADOS NO CORPUS	124

INTRODUÇÃO

Um dos temas que vem gerando muitos debates na sociedade brasileira é o apoio que pastores evangélicos têm dado, em campanhas eleitorais, aos candidatos evangélicos ou àqueles que têm qualquer tipo de ligação com a Igreja evangélica (MARIANO, 2019). Nas eleições de 2018, o então candidato à presidência da República, Jair Bolsonaro, atraiu o apoio desse importante setor da sociedade.

Durante a campanha eleitoral, em 23 de agosto de 2018, em sua conta no Twitter, o candidato Jair Bolsonaro prometeu não destinar verbas do governo para Organizações Não Governamentais (ONGs) empenhadas em defender a inversão de valores, aborto, bandidos, dentre outros¹. Em 27 de outubro de 2021, o portal *Poder360* publicou² um vídeo contendo um discurso do então presidente Bolsonaro defendendo a família tradicional, composta por um homem e uma mulher. Já em 2022, o jornal *Correio Braziliense*³ publicou matéria contendo recortes de discursos de Bolsonaro onde ele afirma ser contrário ao aborto e à abordagem do tema da ideologia de gêneros com crianças, entre outros.

Em outras palavras, Jair Bolsonaro se posicionou contra o aborto, contra a abordagem do tema ideologia de gênero com crianças e defendeu a família tradicional, isto é, aquela formada por um homem, uma mulher e filhos, conforme está escrito na Bíblia, em Gênesis 2.24. Além disso, comprometeu-se também em indicar um pastor para compor a corte do Supremo Tribunal Federal (STF). Os três primeiros pontos são valores defendidos por parte dos evangélicos, por essa razão, não demorou para que a cúpula da Assembleia de Deus no Brasil fechasse apoio ao então candidato.

O jornal *Poder360* divulgou um vídeo da reunião em que a mesa diretora da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), por meio de seu presidente, José Wellington Costa Junior, declarou apoio à eleição de Bolsonaro naquela campanha⁴. Acrescenta-se a isso que, alguns dias antes dessa publicação,

¹ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1032716432008773632>. Acesso em: 6 jan. 2023.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=38Gj86KZAag&t=14s>. Acesso em: 6 jan. 2023.

³ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/05/5010970-bolsonaro-diz-ser-contrario-legalizacao-de-drogas-e-do-aborto-e-ataca-mst.html>. Acesso em: 6 jan. 2023.

⁴ O material foi publicado em 25 de outubro de 2018 e está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-x16X46hMeg>. Acesso em: 19 dez. 2022.

em 22 de outubro de 2018, o Jornal *Folha Gospel*⁵ havia divulgado matéria contendo uma entrevista do presidente da CGADB elencando pontos pelos quais a instituição fechou a questão de apoio ao candidato.

Já eleito presidente do Brasil, Jair Bolsonaro indicou três pastores para ocuparem três pastas em seu governo, a saber: Damares Alves, ligada à Igreja Batista da Lagoinha, em MG, para a pasta da Mulher e Cidadania; Milton Ribeiro, presbiteriano, para o cargo de ministro da Educação e Cultura (MEC); e André Mendonça, para, inicialmente, ministro da Justiça e, depois, ministro do STF. Em direção à Assembleia de Deus, Bolsonaro participou do culto de aniversário do pastor José Wellington Bezerra da Costa⁶, presidente da Assembleia de Deus Ministério do Belém (ADBelém), em São Paulo, realizado em 5 de outubro de 2020 e, posteriormente, esteve presente na 45ª Assembleia Geral Ordinária (AGO) da CGADB, realizada em Cuiabá - MS, em abril de 2022. Esse evento foi noticiado pela TV CNN⁷ como sendo o maior encontro de pastores evangélicos do Brasil.

Retomando o culto de aniversário do pastor José Wellington Bezerra da Costa, o jornal *Folha de São Paulo* publicou que esse encontro é o *Pit Stop* de políticos brasileiros, exatamente pela representatividade do pastor e da Igreja liderada por ele no campo político nacional.⁸ O presidente Bolsonaro também participou de outros eventos evangélicos, entre eles, da Marcha para Jesus, que acontece anualmente nas principais capitais do País, sob a liderança do apóstolo Estevam Hernandes, da Igreja Renascer em Cristo, e do congresso dos Gideões Missionários da Última Hora⁹ (GMUH), realizado pela Assembleia de Deus em Camboriú – SC.

⁵ A notícia do apoio da CGADB à candidatura de Jair Bolsonaro na eleição de 2018 está disponível em <https://folhagospel.com/eleicoes-2018-cgadb-e-cadb-declaram-apoio-a-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

⁶ Disponível em: <https://istoe.com.br/sp-aniversario-de-pastor-reune-bolsonaro-covas-ministros-e-candidatos/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

⁷ A CNN Brasil noticiou, em 18 de abril de 2022, o encontro da CGADB como o maior encontro desse segmento no País, que reúne mais de 100 mil pastores, sendo: 15 mil presentes no evento e mais de 90 mil online. A matéria está disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-decide-ir-a-maior-encontro-de-pastores-evangelicos-para-fortalecer-apoio-politico/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

⁸ A matéria da Folha de São Paulo publicada nessa edição recupera o texto que o veículo publicou em 1997, quando o pastor José Wellington acenou em favor da reeleição ao presidente Fernando Henrique Cardoso, no 2º Congresso Mundial das Assembleias de Deus, realizado no Campo de Marte, São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/10/aniversario-de-pastor-cortejado-por-bolsonaro-sempre-foi-pit-stop-de-politicos.shtml>. Acesso em: 19 dez. 2022.

⁹ O congresso de missões dos Gideões Missionários da Última Hora é realizado pela Assembleia de Deus de Camboriú e reúne evangélicos de todo o Brasil e do mundo. A participação do presidente Bolsonaro foi divulgada pelo canal oficial do GMUH no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S8WkmrPh21s>. Acesso em: 19 dez. 2022.

Além da participação do presidente Bolsonaro nesses eventos, a imprensa o ligou ainda mais à Assembleia de Deus por meio do suposto escândalo no Ministério da Educação e Cultura (MEC). Nesse episódio, os pastores Gilmar Santos, presidente da Assembleia de Deus Ministério Cristo para Todos e da Convenção Nacional de Igrejas e Ministros de Assembleias de Deus no Brasil (CONIMADB), ambas com sede em Goiânia, e Arilton Moura, Diretor do Conselho Político da CONIMADB, foram presos pela Polícia Federal, por suspeita de corrupção por tráfico de influência¹⁰.

A prisão desses pastores assembleianos provocou a CGADB, órgão que agrêmia pastores assembleianos do Brasil e do mundo, a emitir uma nota de esclarecimento¹¹, em 22 de março de 2022, divulgada no perfil que a instituição mantém no Instagram, informando que os pastores Gilmar Santos e Arilton Moura não representam a instituição e nem têm autorização para falar em seu nome, mesmo que fossem pastores de uma ramificação da Assembleia de Deus, instalada em Goiânia. Uma ramificação da Assembleia de Deus? Por quê? Existem muitas Igrejas Assembleias de Deus no Brasil? Quantas?

Essa não é uma tarefa fácil de executar, mas começamos por informar que, no Brasil, a Igreja Assembleia de Deus nasceu do trabalho missionário realizado por Daniel Berg e Gunnar Vingren, em Belém, no Pará. No entanto, ela cresceu e possui mais de 12 milhões de membros, segundo o censo de 2010 (IBGE, 2012). Além disso, de acordo com os dados fornecidos pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP), publicado em 18 de outubro de 2018,¹² ela é a instituição que mais possui representantes na bancada evangélica composta em 2018, dados que compõem a justificativa para a produção desta pesquisa. Assim, ela se fragmentou em muitos ministérios e convenções, de modo que, atualmente, existe um grande número de Igrejas registradas como Assembleia de Deus que são ligadas a diferentes convenções estaduais e nacionais de pastores e Igrejas.

¹⁰ Parte da imprensa brasileira noticiou a prisão dos pastores Gilmar Santos e Arilton Moura, além do ministro e pastor Milton Ribeiro na operação da Polícia Federal batizada de *Acesso Pago*. De acordo com as informações divulgadas pela imprensa, os pastores Gilmar Santos e Arilton Moura facilitavam a liberação de verbas para prefeitos e municípios. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ultima-hora/pais/saiba-quem-sao-os-pastores-alvos-da-mesma-operacao-que-prendeu-milton-ribeiro-1.3246936>. Acesso em: 19 dez. 2022.

¹¹ A nota de esclarecimento da CGADB está disponível no perfil que a instituição mantém no Instagram. https://www.instagram.com/p/CbbdrP5D8KY/?utm_source=ig_embed&ig_rid=c1a094b8-d571-4d77-ad7c-1024fd320e9e. Acesso em: 19 dez. 2022.

¹² Disponível em: <https://www.diap.org.br/index.php/noticias/noticias/88900-eleicoes-2018-bancada-evangelica-cresce-na-camara-e-no-senado>. Acesso em: 3 jan. 2023.

As mais antigas convenções assembleianas são: CGADB, formada pelos missionários suecos e pastores brasileiros, em 1930, e a Convenção Nacional das Assembleias de Deus Madureira (CONAMAD), formada pelo pastor Paulo Leivas Macalão, na época, companheiro de Gunnar Vingren, filiado ao trabalho missionário em São Cristóvão - RJ. Apesar dessa diversidade de Assembleias de Deus (ADs), nosso estudo se concentra apenas na Assembleia de Deus, de agora em diante AD, ligada à CGADB. Entretanto, propomos discorrer sobre essa pluralidade de ministérios e das convenções assembleianas no primeiro capítulo deste trabalho.

No Brasil, não foi apenas a AD que se fragmentou. De maneira geral, o protestantismo também é fragmentado, pois ele é representado por diferentes Igrejas evangélicas. De forma sucinta, mencionamos a origem e instalação de algumas Igrejas em solo brasileiro e como estão agrupadas. Para isso, partimos do período da descoberta do Brasil. O conhecimento desses eventos contribui para pensarmos no nosso objeto de pesquisa.

De acordo com Conde (1960, p. 18), o primeiro grupo a realizar um culto evangélico no Brasil foi composto por imigrantes europeus, originários do protestantismo calvinista, do século XV, que chegou por volta de 1555, na Guanabara. Ainda segundo o autor, a data do primeiro culto evangélico “[jamais seria esquecida: 10 de março de 1557]”. Nessa expedição, a fé evangélica foi anunciada por Nicolas Durand de Villegaignon, huguenote francês; depois dele, afirma Mendonça (2004), os holandeses desembarcaram na Bahia, por volta de 1624, onde realizaram cultos protestantes.

Um pouco mais à frente, em 1810, chegaram os anglicanos; depois, em 1835, os metodistas; e os presbiterianos, em 1859¹³. Em relação aos adventistas, o Centro Ellen G. White¹⁴, informa que as primeiras literaturas adventistas do sétimo dia começaram a desembarcar no Brasil em 1879, e o primeiro missionário adventista, em 1893. Já os batistas, a Convenção Batista informa que sua primeira Igreja foi fundada em Santa Bárbara, no ano de 1871¹⁵.

¹³ Sobre a chegada dos presbiterianos, disponível em: <https://www.ipb.org.br/sobre-a-ipb.php>. Acesso em: 19 dez. 2022.

¹⁴ Sobre os adventistas ao Brasil, disponível em: <http://www.centrowhite.org.br/iasd/desenvolvimento-cronologico-da-iasd-no-brasil/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

¹⁵ Sobre os batistas, as informações referentes à chegada no Brasil estão disponíveis em: http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=24. Acesso em: 19 dez. 2022.

O segundo grupo, denominado como pentecostal, composto pelas Igrejas Congregação Cristã no Brasil (CCB) e Assembleia de Deus (AD), chegou ao Brasil no início do século XX. A CCB, em 1910, e a AD, em 1911. O terceiro grupo, neopentecostal, composto pelas Igrejas Universal do Reino de Deus e Internacional da Graça de Deus, surgiu como dissidente do movimento pentecostal, na década de 1970 (RABUSKE et al., 2012; MARIANO, 2014).

Como vimos, desde a candidatura, passando pela eleição de Bolsonaro, em 2018, e estendendo para o período correspondente aos quatro anos de seu mandato como presidente, houve setores do movimento evangélico brasileiro que demonstraram maior aproximação do campo político. Por essa razão, por reconhecer a riqueza da temática e a importância desse segmento social, propomos pensar o discurso político assembleiano a partir dos postulados da semiótica francesa. Tendo essa definição, o passo seguinte foi conhecer o estado da arte.

Em maio de 2021, realizamos uma busca na plataforma Google Acadêmico com a seguinte descrição: “pastor José Wellington Bezerra da Costa”, sem citações e patentes. Essa procura nos trouxe 214 trabalhos. Então, realizamos uma nova busca com os seguintes refinamentos: de 2017-2021, sem citações e patentes, com a seguinte descrição: “pastor José Wellington Bezerra da Costa” and “análise do plano de conteúdo da semiótica francesa”. Essa busca não encontrou nenhum trabalho. Outra pesquisa foi realizada na mesma plataforma, com os mesmos refinamentos e a seguinte descrição: “pastor José Wellington Bezerra da Costa” and “análise de conteúdo”, e essa trouxe cinco resultados.

Antes de apresentar os trabalhos selecionados, cremos ser importante esclarecer os critérios de exclusão utilizados. Inicialmente, excluímos trabalhos que não eram dissertações ou teses; depois, aqueles que não tratavam da Assembleia de Deus vinculada à CGADB, que não abordavam historicamente o desenvolvimento das Assembleias de Deus no Brasil, sobretudo, na visão das Ciências da Religião e/ou História. Excluímos aqueles que abordavam a temática na perspectiva da teologia. Mesmo que este trabalho se proponha a tratar o discurso de pastores da AD, não queríamos que se tornasse um trabalho teológico. Também excluímos trabalhos que abordavam pastores da Assembleia de Deus, mas não de seus representantes maiores. Por fim, excluímos aqueles que tratavam da Assembleia de Deus, mas na perspectiva da psicologia e da Análise do Discurso. Dito isso, vamos aos critérios de inclusão.

Nossa preferência foi por trabalhos que contemplassem a AD na perspectiva das Ciências da Religião e da História, produzidos a partir do ano de 2017, porque entendemos que, de alguma forma, essas pesquisas nos auxiliam a complementar ou confrontar a versão oficial da instituição. Dito isso, nos parágrafos a seguir, passamos a mencionar as obras dessas áreas do conhecimento que nos apoiaram na construção do primeiro capítulo desta dissertação.

A primeira é *Onde a luta se travar: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980)*, de Maxwell Fajardo. Em 2015, Fajardo apresentou sua tese à Universidade de Ciências e Letras de Assis – UNESP - Universidade Estadual Paulista e virou livro, em 2019. Nessa obra, o autor discorre sobre a expansão da instituição por meio do esgarçamento. A organização da igreja, a estrutura e as novas identidades assumidas por ela foram abordadas nessa obra, que dialoga com a História.

Outro trabalho relevante encontrado em nossa busca foi a tese de Paul Freston, apresentada à Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) no ano de 1993. Com o título *Protestantes e Política no Brasil: da constituinte ao Impeachment*, o autor estudou as transformações políticas e midiáticas difundidas pelo movimento pentecostal brasileiro. Ele também discorreu sobre as influências que o movimento neopentecostal exerceu sobre o movimento pentecostal, inclusive, no campo midiático televisivo como meio de evangelização e sobre as relações de trocas estabelecidas entre pastores e políticos.

Destacamos os textos de Gedeon Freire de Alencar e Marina Correa. O primeiro apresentou dissertação à Universidade Metodista de São Paulo, em 2000, com o seguinte título: *Assembleias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia 1911- 2011*. Nessa obra, o autor discorre sobre a formação da Assembleia de Deus no Brasil e sua difusão por todo o País. Entre os assuntos abordados pelo autor, conta a migração dos assembleianos, de um estado para outro no Brasil, movido pela crise estabelecida na seringueira. A leitura desse texto nos permitiu compreender fatores diferentes, não contados na versão oficial. Além disso, o autor também trabalha o conceito de formação do pastor presidente a partir da definição de carisma, estudada por Max Weber.

Já a tese de Marina Correa, apresentada à PUC-SP, em 2012, com o título *A operação do carisma e o exercício do poder: a lógica dos Ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil*, oferece contribuições importantes para compreender

a formação dos ministérios e dos diferentes níveis pastorais do campo assembleiano. A autora discorre sobre as funções eclesiais, começando pela formação do pastor de congregação, passando pelo pastor de campo até o pastor presidente de ministério.

Partindo das informações citadas, pensamos em analisar o discurso político da AD porque é a denominação que possui o maior número de pastores filiados na sua própria agremiação, a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), e é a Igreja que se mantém ligada à árvore genealógica do movimento fundador, iniciado por Daniel Berg e Gunnar Vingren, em 1911, na cidade de Belém - PA (FREESTON, 1993).

Desde que a ADBelém e a CGADB passaram a ser presididas pelo pastor José Wellington Bezerra da Costa, na década de 1980, e da criação do Conselho Político da CGADB, em 1999, a AD tem aumentado sua participação no cenário político nacional (ARAUJO, 2012, p. 215). Como instituição, a AD tem apoiado candidatos à presidência da República desde 1997, como fez com o presidente Fernando Henrique Cardoso, na época, candidato à reeleição. Além disso, apoiou o candidato do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), Geraldo Alckmin, em 2006, e Jair Bolsonaro, em 2018.

Em relação à bancada evangélica, segundo o Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar¹⁶ (DIAP), 33% dos parlamentares da bancada composta em 2018 são ligados às ADs. Acrescentamos, também, que, nas eleições de 2018 e 2020, a ADBelém elegeu três filhos de seu pastor-presidente, José Wellington Bezerra da Costa. Os eleitos foram: Rute Costa, vereadora, pelo PSDB; Marta Costa, deputada estadual, pelo Partido Social Democrata (PSD) e Paulo Freire da Costa, deputado federal, pelo Partido Liberal (PL) de São Paulo.

Diante da compreensão de que o afastamento do objeto, enquanto pesquisador, constitui-se em uma barreira a ser vencida, mesmo assim, partindo desse panorama, propomos o seguinte problema de pesquisa: como se configura o discurso político de pastores da Assembleia de Deus no Brasil, tendo como referência o que foi dito nas eleições de 2018 e 2022? Partimos da hipótese de que os pastores revestem seus candidatos com características que dialogam com os ideários reconhecidos e propagados pelo cristianismo. Como objetivo geral, propomos verificar

¹⁶ Dados do DIAP, disponíveis em: <https://www.diap.org.br/index.php/noticias/noticias/88900-eleicoes-2018-bancada-evangelica-cresce-na-camara-e-no-senado>. Acesso em: 19 dez. 2022.

marcas discursivas nos discursos de pastores da Assembleia de Deus, na perspectiva da semiótica greimasiana. E como objetivos específicos, propomos:

- (i) contextualizar a origem, implantação, desenvolvimento, o discurso fundante e o discurso político-partidário da Assembleia de Deus no Brasil adotado a partir da gestão do pastor José Wellington Bezerra da Costa, na década de 1980;
- (ii) conceituar os discursos político e o religioso a partir da semiótica discursiva;
- (iii) analisar o plano de conteúdo tripartido em níveis narrativo, discursivo e fundamental da semiótica francesa dos discursos político-partidários pronunciados pelos pastores da Assembleia de Deus nas eleições de 2018 e 2022.

A pesquisa é analítica, como determina a tradição semiótica. É exploratória, porque busca as últimas atualizações produzidas sobre o tema, e de natureza básica, porque contribui para que estudos posteriores sejam desenvolvidos pela comunidade acadêmica. É descritiva, porque visa entender um objeto de estudo a partir de suas características.

O *corpus* de análise é composto por cinco recortes de discursos dos pastores José Wellington Bezerra da Costa e José Wellington Costa Junior, disponíveis na plataforma do YouTube. A escolha destes se deu, dentre os dez encontrados, porque contêm marcas discursivas do alinhamento político da Igreja. Neles, os autores declaram seus votos e orientam os presentes no templo em relação ao voto, marcas não encontradas nos demais, que foram descartados. Além disso, os dois pastores são os dois últimos líderes da instituição assembleiana desde a década de 1980, quando a Igreja passou a demonstrar a existência de um projeto político-partidário.

Esclarecemos que existem outros recortes de outros pastores, mas foram excluídos por não serem de pastores-presidentes da ADBelém, nem da CGADB, por exemplo, como Silas Malafaia, pastor da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, e Samuel Ferreira, pastor da Assembleia de Deus Brás. Excluímos também discursos de pastores da Assembleia de Deus Ministério do Belém, ou da CGADB que não foram pronunciados por José Wellington Bezerra da Costa e José Wellington Costa Junior. Como critério de seleção do *corpus*, nossa atenção se voltou para objetos que apresentavam termos que criam o parecer dos efeitos de sentido Deus e Diabo, céu

vs inferno e sagrado vs profano, dentre outros, relacionados a projetos de campanha e candidatos a cargos públicos nas eleições de 2018 e 2022 que tivessem sido pronunciados para um público composto por pastores, presidentes ou não, da CONFRADESP, ou da CGADB.

Nossa busca encontrou sete vídeos. Dentre eles, cinco foram retirados para serem analisados, a saber: (i) José Wellington Bezerra da Costa, publicado pelo canal TV AD Brás Brasilândia, em 17/08/2017; (ii) José Wellington Bezerra da Costa, publicado pelo Ativismo Protestante, em 3/10/2018; (iii) José Wellington Costa Junior, publicado pelo canal Ativismo Protestante, em 3/10/2018; (iv) José Wellington Costa Junior, publicado pelo site Estadão, em 10/02/2022; e (v) José Wellington Bezerra da Costa, publicado pelo Jornal *Poder360*, em 4/5/2022. Essa também será a ordem em que os discursos são analisados no capítulo 3.

Tendo feito a descrição do *corpus* e os critérios de seleção e exclusão, partimos para a descrição de como esse trabalho está dividido metodologicamente. No capítulo 1, discorreremos sobre a Assembleia de Deus no Brasil e o discurso fundador ancorado no batismo no Espírito Santo, milagres e fenômenos sobrenaturais, como expulsão de demônios. Para a construção desse recorte histórico da Assembleia de Deus, construímos um arcabouço teórico interdisciplinar porque, em primeiro lugar, sem dados levantados por estudos oriundos da História, das Ciências da Religião e da Sociologia, teríamos dificuldade para construir uma linha do tempo que nos permitisse entender como a Igreja se formou, cresceu, como o discurso político foi inserido na instituição e ganhou força, transformando a Igreja numa instituição que trafega pela política partidária. Se não partíssemos de um prisma interdisciplinar, cairíamos no autodidatismo (JAPIASSU, 1976, p. 60-63).

Em segundo lugar, compreendemos que a ausência da interdisciplinaridade neste trabalho nos conduziria em apenas uma direção. E como não é esse o objetivo, antes, propomos romper as barreiras delimitadas pelas disciplinas que compõem as Ciências Humanas, a partir da perspectiva de várias delas, e contemplar o mesmo objeto de pesquisa. Aliás, foi com a proposta de se opor à formação unilateral acadêmica que a interdisciplinaridade foi apresentada na década de 1970, na Europa (FAZENDA, 2012).

Assim, com o objetivo de melhor guiar a pesquisa, construímos este capítulo a partir dos trabalhos das Ciências da Religião produzidos por Alencar (2000, 2019), que pesquisou a matriz pentecostal brasileira e apresentou dados referentes à história

não contada oficialmente, como a disputa entre os pastores brasileiros e os suecos; e Correa (2020a, 2020b), que nos fornece contribuições sobre as disputas acontecidas entre os pastores assembleianos do Nordeste e do Sudeste, além da criação dos ministérios e congregações.

Contamos também com os estudos de Soares (2021), que contribui com dados sobre a origem do movimento pentecostal, começando pelo avivamento de Topeka, no Kansas, EUA, e de Souza (1969), que parte da sociologia da religião para demonstrar como se descreveu a experiência pentecostal na cidade de São Paulo. Sobre o campo político, trabalhamos com Freston (1993), que fornece contribuições interessantes sobre os interesses políticos dos evangélicos no desenrolar da criação da nova Constituinte, em 1988. Em sua pesquisa, esse autor apresenta dados sobre o alinhamento político dos missionários suecos, quando ainda estavam na Suécia, que determinaram o posicionamento político-partidário das Assembleias de Deus no Brasil até a década de 1960. Além dos trabalhos de origem histórica, como da história oficial contada por Conde (1960) e Araujo (2007), além das contribuições fornecidas por Fajardo (2019), que explica o crescimento da Assembleia de Deus a partir do esgarçamento.

No capítulo 2, construímos o capítulo metodológico buscando compreender o discurso político-partidário e o discurso religioso na perspectiva da semiótica greimasiana. Para isso, trabalhamos com autores que utilizam essas modalidades de discurso, como Barros (2011), Fiorin (1988, 2016a) e Greimas (1966, 1976, 2014, 2020).

No capítulo 3, realizamos a análise semiótica dedicada aos níveis narrativo, discursivo e fundamental dos recortes selecionados. O método de análise segue a seguinte ordem: o primeiro a ser analisado é o nível narrativo. Nele, estudam-se as *conjunções* e *disjunções* com os *objetos de valor* e os *valores modais*, os *enunciados de estados* e *enunciados de fazer*, a *competência*, *sansão*, *manipulação*, a *performance* e os *valores* que revestem os objetos. O segundo será o discursivo. Nele, estudam-se as projeções de *pessoa*, *espaço* e *tempo*. As formas abstratas de sujeito entram em *conjunção* no nível narrativo e se revestem de termos que lhe dão concretude. Nesse nível, o *objeto de valor* pode aparecer como algo real na *enunciação*, permitindo que a *manipulação* do *enunciatário* aconteça. O terceiro será o fundamental. Nele, são reconhecidas as *oposições semânticas*, tais como: *parcialidade vs totalidade*, *bom vs mau*, *humano vs divino*, e assim por diante.

No capítulo 4, preparamos quadros e analisamos os dados encontrados nos discursos, de acordo com o referencial teórico. Buscamos elencar termos que demonstram como cada pastor construiu o parecer de efeitos de sentido, tanto dos candidatos apoiados pela igreja, quanto dos não apoiados pela Instituição.

Tendo concluído a demonstração do tema, justificativa, problema de pesquisa, objetivos, metodologia, método semiótico de análise e o *corpus*, partimos para a construção do primeiro capítulo com base no surgimento do movimento pentecostal no Brasil. Para isso, propomos retroceder ao movimento de santidade iniciado no final do século XIX, em Topeka, nos Estados Unidos, que teve como expoente o pregador e professor de Teologia Charles Fox Parham. Dele, abordamos os seus seguidores, entre eles, William Joseph Seymour, William Howard Durham e, então, chegamos aos missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren, fundadores da Assembleia de Deus no Brasil.

Tratamos recortes do movimento assembleiano e o discurso empregado desde o início, até o começo da década de 1980, quando o pastor José Wellington Bezerra da Costa assumiu a presidência da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), momento em que a instituição se movimenta em direção à política partidária.

1 ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL: ORIGEM, DESENVOLVIMENTO, EXPANSÃO E CONVERGÊNCIAS POLÍTICO-PARTIDÁRIAS

Neste capítulo, vamos contextualizar a origem da AD no Brasil, porém, partimos das experiências de Daniel Berg e Gunnar Vingren em Chicago, nos EUA, quando foram vocacionados pelo Espírito Santo para desenvolverem o trabalho missionário em solo brasileiro.

Para isso, dividimos metodologicamente este capítulo em tópicos: no primeiro, fazemos um resgate do surgimento da doutrina pentecostal, do envolvimento dos missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren com essa doutrina e da vocação deles para desenvolverem o trabalho na cidade de Belém, no Pará; no segundo, propomos contextualizar o discurso fundador dos missionários e recortes discursivos que demonstram alterações no discurso da denominação, que engloba o período entre os anos de 1910 a 1960; e no terceiro, apresentamos *modalizações* que levaram a denominação a aderir ao discurso político-partidário, a partir dos anos 1980, quando se formou o Conselho Político da CGADB.

Na construção deste capítulo, partimos de uma perspectiva interdisciplinar que agrega trabalhos historiográficos de Araujo (2007), Conde (1960), Fajardo (2019) e Synan (2009); sociológicos de Mariano (2014), Souza (1969), Souza e Martino (2004) e Weber (2004, 2018); e das Ciências da Religião, contamos com Alencar (2019), Correa (2020a, 2020b), Costa (2020) e Soares (2021).

1.1 O nascedouro da Assembleia de Deus no Brasil: discurso pentecostal

Para tratar do discurso assembleiano, propomos retornar às origens do movimento pentecostal que, segundo Synan (2009), teve início na escola bíblica de Charles Fox Parham (1873-1929), em 1901, em Topeka, no Kansas. O autor explica que Parham foi um jovem metodista, convertido ao movimento denominado de Movimento de Santidade, professor da Escola Bíblica Betel, em Topeka, que direcionou seus alunos ao estudo sistemático da Bíblia e à busca pelo batismo no Espírito Santo.

Soares (2021) explica que em 1º. de janeiro de 1901, uma das alunas de Parham, Agnes Ozman, pediu-lhe que orasse para que recebesse a experiência do batismo no Espírito Santo. Parham orou, e a aluna foi batizada. Depois disso, outros alunos de Parham também receberam o batismo e passaram a falar em outras línguas.

Araujo (2007) assevera que Parham formulou a teologia do pentecostalismo clássico ao reunir doutrinas de cura divina, de santificação, de pré-milenismo e do poder do Espírito Santo evidenciado pela glossolalia, desencadeando forte ação missionária na Igreja. O autor também argumenta que a oposição e a ridicularização promovida por parte da sociedade da época contra aqueles que foram batizados esfriou o movimento iniciado por Parham. Por esse motivo, o pregador transferiu-se para Houston, no Texas, por volta do ano de 1905, onde iniciou a escola de estudos bíblicos.

Apesar do esfriamento do avivamento de Topeka, a doutrina da glossolalia¹⁷, isto é, as línguas estranhas como evidência inicial do batismo com Espírito Santo e sua experiência espiritual missionária, estava se consolidando por outras cidades, estados e países, e alcançou William Joseph Seymour (1870-1929), que se tornaria o líder do movimento pentecostal, atualmente, conhecido como *Avivamento da Rua Azusa*.

Synan (2009) conta que Seymour era filho de pais escravos nascido em Centerville (St. Mary Parish), na Louisiana. Em 1905, quando já estava na fase adulta, Seymour se transferiu para Houston, no Texas, e se juntou a uma Igreja de negros ligada ao Movimento de Santidade, passando a estudar na escola de Parham, onde aprendeu sobre a doutrina do batismo no Espírito Santo.

Araujo (2007) assevera que, em 1906, Seymour recebeu o convite de Julia W. Hutchins para assumir o pastorado de uma Igreja recém-criada em Los Angeles. Esse grupo havia sido expulso da segunda Igreja Batista, por ter aderido aos ensinamentos alinhados ao Movimento de Santidade, de Parham, que acreditava ser o batismo com o Espírito Santo e a santificação a mesma experiência. Conforme o autor explica, Seymour aceitou o convite, embarcou para aquela cidade e, em 22 de janeiro de 1906, pregou o primeiro sermão dizendo que o batismo com o Espírito Santo é uma

¹⁷ Compreende-se por glossolalia, o falar em outras línguas, como descrito no livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 2. O falar em línguas é tido como sinal de que a pessoa foi batizada com o Espírito Santo.

experiência posterior à santificação, e é evidenciada pelo falar em línguas, isto é, glossolalia, como citado.

Ainda segundo o autor, a divergente interpretação sobre a experiência do batismo no Espírito Santo foi o bastante para gerar uma ruptura entre Seymour e o grupo de Hutchins. Segundo Synan (2009) explica, após a primeira pregação, no domingo de manhã, sobre Atos 2.4, em que Seymour afirmou que quem não falava em línguas não havia recebido o batismo do Espírito Santo, Seymour foi impedido de pregar no culto da noite, porque, segundo o autor, a igreja estava fechada com cadeado. Como mencionamos, o grupo de Hutchins acreditava que a experiência da redenção e a do batismo no Espírito eram a mesma.

Apesar da ruptura entre os dois líderes, a pregação de Seymour já havia alcançado alguns membros daquela Igreja e, após a expulsão, juntos, Seymour e o grupo que o apoiou foram para um novo endereço, na rua Bonnie Brae, na residência de Owen Lee, para continuar os cultos em busca do batismo no Espírito Santo. Ainda segundo Synan (2009), quando o número de pessoas foi o bastante para encher a casa de Lee, o grupo foi para um novo endereço, a residência de Richard e Ruth Asberry. O público cresceu também e, de lá, o grupo passou a se reunir no edifício que tinha abrigado a Igreja Metodista Episcopal Africana, na *Azusa Street*, 312.

Segundo Araujo (2007), o Avivamento da Rua Azusa foi uma quebra de paradigma. Primeiro porque, além da produção de milagres sobrenaturais, o movimento foi capaz de juntar pessoas de diferentes raças e nacionalidades no mesmo ambiente. E não só isso, mas o autor explica que Seymour manteve pretos e brancos, americanos e europeus trabalhando juntos na administração da Igreja, que mantinha o nome de Missão de Fé Apostólica (MFA), adotado por Charles F. Parham e seu trabalho.

Soares (2021) explica que o movimento iniciado por Seymour em Los Angeles atraiu pessoas de todos os lugares dos Estados Unidos, da Europa e, conseqüentemente, do mundo. Dentre essas pessoas, William Howard Durham (1873-1912), líder de uma Igreja em Chicago, saiu de sua cidade para se dirigir até Los Angeles, a fim de buscar o batismo com o Espírito Santo. Segundo Araujo (2007), Durham foi pastor da *North Avenue Mission*, em Chicago.

Conforme o autor, Durham, após ter recebido o batismo no Espírito Santo, retornou para Chicago, levou consigo o avivamento recebido, e sua Igreja passou a ser um centro de liderança pentecostal daquela época, para onde muitas pessoas se

dirigiram a fim de receberem o batismo no Espírito Santo. É desse movimento acontecido em Chicago que saem Daniel Berg e Gunnar Vingren, para iniciar o trabalho pentecostal no Brasil (SOARES, 2021, p. 68).

Soares (2021, p. 68-69) relata que Gunnar Vingren era de origem batista, foi batizado aos 18 anos, em 1897, e viajou para os Estados Unidos em 19 de novembro de 1903. Em 1904, em Chicago, iniciou o curso de teologia no seminário teológico sueco dos batistas. Vingren se tornou um pregador, e de junho de 1909 a fevereiro de 1910 pastoreou a Primeira Igreja Batista de Michigan. Já Daniel Berg, segundo o autor, nascido em Vargön, na Suécia, foi batizado nas águas aos 15 anos, na Igreja Batista de Ranum, em 1899. Em 5 de março de 1902, aos 17 anos, viajou pela primeira vez para os Estados Unidos.

No entanto, tendo retornado ao seu país de origem, e ouvido falar da doutrina do batismo de fogo, como também era conhecido o batismo no Espírito Santo, Berg viajou novamente para os Estados Unidos onde, em 1909, recebeu o batismo no Espírito Santo. Nessa segunda viagem, Daniel Berg foi para Chicago, na Igreja pastoreada por William H. Durham.

De acordo com Synan (2009, p. 416), foi numa conferência nessa Igreja em Chicago, que Daniel Berg e Gunnar Vingren se conheceram e receberam a vocação para o trabalho missionário no Brasil. Ivar Vingren, filho e biógrafo de Gunnar Vingren, reuniu as anotações do diário de Gunnar no livro *Diário do Pioneiro* e publicou como biografia oficial do missionário. Na obra, Gunnar relata sua experiência, afirmando que:

Em um determinado dia, Deus colocou no meu coração que deveríamos nos reunir num sábado à noite, para orar na casa de um irmão da igreja que tinha sido batizado com o Espírito Santo. Enquanto orávamos, o Espírito do Senhor veio sobre nós [...]. Durante aquelas semanas de oração, sentimos o poder de Deus vir sobre nós como uma pressão, como forte peso, de tal maneira que muitas vezes não conseguíamos nos sentar à mesa para comer [...]. Em uma daquelas reuniões durante esse período de oração, notamos que um dos irmãos foi arrebatado em espírito de maneira especial, como um arrebatamento profético [...]. Um outro irmão, Adolfo Ulldin, recebeu do Espírito Santo palavras maravilhosas, e vários mistérios sobre o meu futuro lhes foram revelados. Entre outras coisas, o Espírito Santo falou através desse irmão que eu deveria ir para o Pará (VINGREN, 1973, p. 26-27).

Movidos pelo discurso profético, Berg e Vingren resolveram embarcar para o Brasil a fim de cumprir a vontade de Deus, revelada na profecia. No entanto, faltavam-lhes recursos para custear a missão. Como explica Conde (1960), os dois missionários foram à cidade de Nova York, onde encontraram alguém que conhecia Vingren, e que também, por obediência a uma visão celestial, doou 90 dólares aos jovens missionários. Com esse recurso, os missionários suecos embarcaram para o Brasil (CONDE, 1960, p. 23-30).

Conde (1960) explica que, em 19 de novembro de 1910, a cidade de Belém, no Estado do Pará, recebeu os dois missionários. O autor afirma que os dois pregadores foram para uma praça da cidade, sentaram num banco e fizeram uma oração. Vingren (1973, p. 29) assevera que mesmo sem conhecerem nada no Brasil, os missionários encontraram outros suecos que estavam na cidade. Alencar (2019) conta que havia muitos suecos instalados no Brasil, naquela época, por causa do ciclo da borracha. O autor acrescenta que, das quatro Igrejas existentes na cidade, naqueles dias, duas eram pastoreadas por suecos.

Um dos pastores suecos que residiam em Belém, Justus Nelson, pastor da Igreja Metodista de Belém, facilitou os primeiros passos dos missionários naquela cidade. Ele os apresentou ao pastor da Igreja Batista, Adriano Nobre, que também falava inglês. Segundo Conde (1960), Nobre estava como pastor interino naquela Igreja, por isso, os missionários foram hospedados por ele no porão do templo batista e passaram a auxiliar os trabalhos da Igreja. No primeiro momento, Daniel Berg e Gunnar Vingren cooperavam com a Igreja nos cultos de oração e pregavam a doutrina do batismo no Espírito Santo, como criam. Por essa razão, o autor explica que:

Alguns membros daquela Igreja Batista creram nas verdades do Evangelho completo que os missionários anunciavam. Os primeiros a declararem publicamente sua crença nas promessas divinas foram as irmãs Celina Albuquerque e Maria de Nazaré. Elas não somente creram, mas resolveram permanecer em oração até que Deus as batizasse com o Espírito Santo, conforme o que está registrado em Atos 2.39 (CONDE, 1960, p. 35).

Ainda conforme Conde (1960), após o término dos cultos, os missionários oravam constantemente enquanto estavam em sua hospedagem. Por esse motivo, segundo Fajardo (2019, p. 63), ao contrário do que tradicionalmente faziam os batistas, os crentes daquela congregação começaram a procurar pelos missionários

pentecostais nesses períodos de oração, buscando as experiências pentecostais, sobretudo o batismo no Espírito Santo¹⁸.

Correa (2020a, p. 97-100) acrescenta que ao tomar conhecimento desse movimento de oração, o pastor da Igreja Batista excluiu os missionários e todos os envolvidos que quiseram acompanhar os pregadores pentecostais. A autora também afirma que uma das razões para que a exclusão ocorresse está no fato de que as orações realizadas no porão do templo não tinham autorização do pastor da Igreja, Adriano Nobre, para que fossem realizadas. Esse episódio, para os batistas, se configurou em ato de rebeldia. No entanto, a divisão gerou o novo grupo, que Freston (1993) classificou como de primeira onda do movimento pentecostal no Brasil. Soares (2021) explica que o novo grupo, inicialmente, denominou-se como Movimento da Fé Apostólica (MFA), o mesmo adotado por William Joseph Seymour, em Los Angeles, mas, posteriormente, o grupo passou a adotar o nome de Assembleia de Deus.

Nesse momento de nosso trabalho, entendemos ser importante recuperar o que já mencionamos anteriormente, que, para nos referir a essa Igreja, Assembleia de Deus, fundada pelos missionários suecos, usaremos a sigla AD. No entanto, como daqui para frente e, em alguns momentos, falaremos também de ramificações resultantes de dissidências surgidas nessa Igreja, fato que gerou e continua gerando muitas Igrejas autônomas, que se denominam como Assembleias de Deus, incluiremos a sigla ADs para nos referirmos às múltiplas Igrejas Assembleias de Deus autônomas existentes no Brasil.

Retomando a questão referente ao início da AD, um dos efeitos da mensagem pentecostal pregada pelos missionários, como revela Conde (1960), era transformar leigos em pregadores. Após terem sido batizados no Espírito Santo e testemunhado milagres sobrenaturais, os novos seguidores da AD testemunharam por todas as partes por onde passaram. No entendimento dos fundadores da denominação, as manifestações eram necessárias:

¹⁸ O Batismo no Espírito Santo, segundo Araujo (2007, p.118-119), é uma das principais doutrinas pentecostais contidas na Bíblia. No entendimento do autor, ela é um revestimento de poder celestial, evidenciado pelo falar em línguas. Além disso, é destinado a todos os que creem e é experimentado após a conversão. O autor afirma que é condição essencial para transformar o cristão em um evangelizador.

Para convencer corações tão incrédulos e empedernidos, e confirmar a obra em um meio tão hostil, [por essa razão] o Senhor começou a manifestar seu poder perante os olhares atônitos dos descrentes. Certa noite, em um culto realizado na Vila Coroa, apareceu um endemoninhado que se retorcia com tanta violência que ninguém podia conter. Os descrentes que lá estavam tentaram imobilizá-lo, porém não conseguiram. Em dado momento, a irmã Josina Galvão começou a profetizar e, cheia do poder de Deus, dirigiu-se para onde estava o endemoninhado. Apontando o dedo na direção do possesso, ela ordenou em nome de Jesus que o demônio se retirasse. Para admiração geral, o homem ficou de cócoras, imobilizado, completamente dominado pelo poder de Deus. Todos viram algo que, como um raio, saiu pela janela e desapareceu [...]. Cada membro era um evangelista a testificar a parentes, amigos e vizinhos (CONDE, 1960, p. 40-41).

Foi exatamente isso o que relatou Vingren (1973). Segundo o autor, o poder sobrenatural capacitou os novos cristãos pentecostais a não apenas dominar, mas também expelir demônios. Além disso, o poder divino transformou os discípulos dos missionários em pregadores e, posteriormente, em pastores. Foi por esse motivo que:

Um irmão que trabalhava com borracha viajou diversas vezes para um outro rio a fim de testificar de Jesus. Depois de um determinado tempo havia ali um grupo de uns sessenta crentes que esse irmão mesmo batizou nas águas. Ele foi depois separado como evangelista e pastor para atuar na evangelização das ilhas do Pará. Seu nome era Crispiano Fernando de Melo (VINGREN, 1973, p. 53).

Segundo o relato oficial, depois do batismo no Espírito Santo, Crispiano foi transformado em um pregador dedicado e juntou pessoas em outra localidade onde as batizou nas águas. Conforme Horton (1996), a celebração do batismo em águas, para as ADs, é uma confissão pública de identificação com a doutrina de Cristo e com a Igreja local, isto é, a congregação que oficializa o batismo. A partir desse momento, o batizado passa a ser membro daquela Igreja.

É dessa forma que Vingren (1973) demonstra o empenho dos assembleianos na evangelização dos povos de diferentes localidades. No entender do autor, a mensagem pentecostal era capaz de transformar pessoas simples, sem preparo teológico, em pregadores e missionários do movimento pentecostal enviados para qualquer parte do País. Essa foi a tônica do discurso fundante: de perdido, a salvo; de salvo, a batizado no Espírito Santo; de batizado no Espírito Santo, a missionário evangelizador; de evangelizador, a pastor. É assim que o autor descreve as muitas

pessoas — mulheres e homens — que atuaram firmemente no período de implantação e afirmação da AD no Brasil.

Se nos exemplos citados Vingren (1973) descreve aqueles que atravessaram o rio para pregar a mensagem assembleiana, nos próximos, o autor fala daqueles que avançaram fronteiras estaduais. Foi como o autor descreveu o ocorrido com Joaquim Batista de Macedo, como quem introduziu a pregação pentecostal na Paraíba e Rio Grande do Norte; e outros, da mesma forma, expandiram a doutrina pentecostal para os estados do Amazonas, Rondônia, Maranhão, Piauí, Ceará, Pernambuco, enfim, todo o Norte e o Nordeste, e, posteriormente, para todas as regiões do País.

Entretanto, Alencar (2000, p. 66-68) traz uma explicação que conflita com a versão oficial, que diz que o movimento de expansão assembleiano resultou da ação direta do Espírito Santo na vida do crente. Ele explica que a migração pentecostal aconteceu por causa da crise da borracha. No dizer do autor, a queda na seringueira fez com que muitos pentecostais saíssem do Pará e retornassem a seus estados, levando a nova religião e compartilhando-a com seus familiares e amigos e, com isso, criaram-se núcleos de pregação.

Ainda no dizer do autor, esses núcleos foram organizados e as pessoas, inicialmente, doutrinadas por anônimos. Posteriormente, esses novos grupos receberam um pastor para dar sequência aos trabalhos que resultaram em uma nova Igreja. Mas, de acordo com a versão oficial, na medida em que novos núcleos assembleianos iam sendo criados e avançavam pelas regiões Norte e Nordeste, surgiu a necessidade de estabelecer pastores capazes de atender à demanda. É dessa forma que a denominação institui o método de consagração de pastores e de expansão da Igreja, partindo do que a instituição denomina como ponto de pregação (VINGREN, 1973, p. 61-62).

Fajardo (2019) enxerga a atitude individual do cristão pentecostal na expansão da instituição pelo País, por isso, assevera que o crescimento da denominação não se deu de forma planejada. O autor também comenta que, desde o início, não era requerido preparo intelectual e teológico daqueles que ingressaram no ministério, mas o aval para que o cristão fosse consagrado ao pastorado, ou reconhecido como pregador, estava na condição de ser cheio do Espírito Santo e de apresentar um bom testemunho de vida. Por essa razão, muitos fiéis saíam por todas as regiões do País e pregavam sua nova fé por onde passavam, mesmo sendo leigos.

Araujo (2007) demonstra a dinâmica de crescimento e formação de pastores da AD começando pelo Pará. Segundo o autor, o filho de Isidoro Filho, Jairo Saldanha de Oliveira Filho, relatou que seu pai foi um guarda-livro que se converteu em 1911:

Em Soure, parte leste da Ilha de Marajó, num domingo do mesmo mês que o grupo de crentes da Igreja Batista de Belém foi expulso, por terem crido no batismo no Espírito Santo. Alguns desses crentes viajaram para Soure, e ali, por meio deles, a família de Isidoro Filho aceitou a Jesus e a mensagem pentecostal. Nesse dia, converteram-se vários dos seus familiares e membros da família Crecenço. Isidoro Filho logo se tornou um pregador eloquente e desbravador do evangelho. Naturalmente, com aqueles novos crentes pentecostais, logo foi dado início à AD de Soure. Em razão do milagre da salvação e por ser uma pessoa alfabetizada, detendo um nível de instrução acima da média das pessoas de seu tempo, logo se envolveu no trabalho evangelístico, propagando as Boas Novas. Em 1912, aos 33 anos, foi consagrado como primeiro pastor da recém-fundada Assembleia de Deus no Brasil (ARAUJO, 2007, p. 524).

Como ocorreu com Isidoro Filho, que logo após a conversão e atuação evangelística foi elevado ao pastorado, Fajardo (2019) comenta que essa seria uma das características da expansão da nova Igreja: criação informal de novos núcleos, surgimento de congregações e consagrações de pessoas simples ao ministério pastoral. Araujo (2007) afirma que, em dezembro de 1921, Isidoro Filho inaugurou o primeiro templo da Assembleia de Deus, em Capanema, no Pará.

Vingren (1973, p. 61-62) descreve que os inimigos ficavam admirados ao “[...] ver a grande sabedoria e inteligência com que Deus, através do seu Espírito, reveste servos de origem tão simples [...]”. Isto é, a dinâmica apresentada pelos novos cristãos pentecostais impressionava até mesmo os não simpatizantes da Igreja, tornando-se uma marca do evangelismo da AD e que atraiu a muitos.

No entendimento de Araujo (2007), essa ação individual dos crentes assembleianos gerou o que é conhecido, na denominação, como ponto de pregação. Segundo o autor, as ADs fizeram desse o método oficial de implantação de novas filiais da Igreja. O autor argumenta que o ponto de pregação é:

Considerado a base da hierarquia estrutural e organizacional de um Ministério, cujo topo é a igreja mãe*, organismo supralocal. O culto é dirigido por um obreiro chamado de “dirigente”, que pode ser um “auxiliar de trabalho”, diácono, presbítero, ou até pastor. A casa de Celina Cardoso de Albuquerque, em Belém do Pará, era um ponto de pregação [...]. Neste local, foi iniciada a Assembleia de Deus, em 18 de junho de 1911. Os crentes batistas, agora pentecostais, desenvolveram uma ação intensiva de evangelização e conseguiram

chegar ao ano de 1913 com 140 membros. A nova igreja multiplicou-se de tal forma, que, em 1920, já era maior que a Primeira Batista de Belém, que contava com 200 membros (Araujo, 2007, p. 712, aspas do autor).

Em linhas gerais, o cristão comum entra em contato com o batismo no Espírito Santo e é impulsionado a assumir condição semelhante à dos missionários suecos, tornando-se, inicialmente, pregadores, depois, dirigentes de ponto de pregação e, por fim, pastores. Sobre as oportunidades oferecidas aos novos cristãos pentecostais assembleianos, Carreiro (2014) escreveu que:

A qualquer fiel é dada a oportunidade de iniciar um trabalho, abrindo um ponto de pregação, organizar as atividades religiosas, determinar o local onde será construído o templo e batalhar para adquirir os recursos necessários para construir a igreja e mantê-la aberta. Todas essas atividades ele, normalmente, faz sem o auxílio da igreja-mãe, muito menos das convenções estaduais ou da convenção nacional (CARREIRO, 2014, p. 204).

Como vimos, a AD se instalou primeiramente no Pará, sob o discurso transformador do batismo no Espírito Santo. De lá, a instituição se expandiu aleatória e desprogramada para as regiões Norte e Nordeste, por meio do empenho de pessoas simples, transformadas em pregadores pelo Espírito Santo.

No entanto, a Igreja não cresceu apenas em público e em número de filiais espalhadas por todo o País, ela também se organizou em ministérios e convenções, com o intuito de manter a harmonia e a hegemonia doutrinária da instituição. Nesse processo de expansão, surgiram as congregações, os campos de trabalhos, resultando nos ministérios e na figura do pastor-presidente.

No próximo tópico, contextualizamos esses investimentos realizados pela instituição, buscando explorar o discurso de cada período e a construção da figura do pastor presidente. Começamos por sua organização em ministérios e convenções.

1.2 A expansão em ministérios

A abertura de novos pontos de pregação, que se tornaram congregações, fez com que a Assembleia de Deus crescesse de forma não planejada, como vimos no tópico anterior (FAJARDO, 2019). Retomando Alencar (2000), esse movimento

migratório se deu por causa da crise no ciclo da borracha, que fez com os pentecostais saíssem por todas as partes do Norte e Nordeste e compartilhassem sua fé com os seus familiares e amigos.

Eles não apenas pregaram, mas batizaram os que creram e formaram novos grupos pentecostais. Isso obrigou os missionários Berg e Vingren a enviarem novos dirigentes para esses pontos de pregação, que viraram congregações, por isso, a liderança da AD teve de consagrar novos pastores para atender às novas congregações. Além disso, precisaram organizar meios de doutrinação que permitissem manter o discurso doutrinário pentecostal em todos os lugares por onde estava sendo instalada uma filial da Assembleia de Deus.

Neste tópico, discorreremos sobre essa expansão da Igreja e sua organização em ministérios e convenções. Para isso, partimos do discurso fundante, com uma breve discussão sobre o conceito de líder carismático, na perspectiva de Weber (2004), e na leitura de Correa (2020a), Fajardo (2019) e Alencar (2019). Esse recorte contribui para a compreensão de como se forma a imagem do pastor presidente na instituição. A seguir, abordamos as rupturas surgidas na denominação e tratamos do surgimento da figura de Paulo Leivas Macalão e da criação da Igreja Assembleia de Deus Madureira.

Por fim, finalizamos este tópico inserindo o tema da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB). Para isso, partimos dos trabalhos de Ciências da religião de Correa (2020a, 2020b), Costa (2020), Freston (1993), Soares (2021) e Mariano (2014).

Para Correa (2020a), a Igreja AD nasceu e cresceu fundamentada no discurso de poder sobrenatural do Espírito Santo, que legitimou a atividade eclesial realizada por seus fundadores. Ainda segundo a autora, parte dos registros nos diários de Berg e Vingren indicavam que a narrativa construída foi a de que o Espírito Santo operou em todas as ações dos missionários, desde as suas experiências com o movimento pentecostal de Chicago. As manifestações sobrenaturais são importantes para serem analisadas sob o conceito weberiano de líder carismático.

Weber (2004) aponta que o carisma é qualitativamente singular e se define por questões internas. Para o autor, o carisma confirma a ação do sujeito e exerce uma considerável parte no processo de sujeição dos liderados. Ao explicar o fenômeno ocorrido com o líder da seita mórmon, Weber esclarece o papel do fenômeno na submissão ao líder carismático e sua visão. Segundo o autor:

O carisma conhece apenas determinações e limites imanentes. O portador do carisma assume tarefas que considera adequadas e exige obediência e adesão em virtude de sua missão. Se as encontra, ou não, depende do êxito. Se aqueles aos quais ele se sente enviado não reconhecem sua missão, sua exigência fracassa. Se o reconhece, é o senhor deles (WEBER, 2004, p. 324).

É nesse sentido que Correa (2020a) explora o conceito weberiano para explicar o poder de influência dos missionários suecos e dos pastores presidentes, que surgiram posteriormente, sobre os demais membros da Assembleia de Deus. Alencar (2019) argumenta que o carisma weberiano não está alinhado à hierarquia, não está condicionado a qualquer tipo de treinamento especializado e não segue a trilha das demais carreiras que objetivam remunerações e avanços no campo profissional.

Ainda segundo Alencar (2019), o líder carismático não impõe sua liderança aos liderados, mas é reconhecido por eles. Aliás, os liderados reconhecem o dom sobrenatural no líder. A esse pensamento, Fajardo (2019) corrobora afirmando que os fenômenos sobrenaturais confirmaram a liderança dos missionários suecos, sobretudo, depois da divisão ocorrida na Igreja Batista de Belém.

Além disso, como vimos anteriormente, o fator preponderante para o surgimento do primeiro cisma surgido na Igreja Batista de Belém foi a narrativa de que os eventos ocorridos naqueles dias tratavam-se de manifestações do Espírito Santo. Correa (2020a) examinou as anotações dos missionários em seus diários e constatou um cuidado no apontamento de fatores negativos. Segundo a autora:

A história dos missionários fundadores da igreja Assembleia de Deus corrobora com a teologia da igreja, com o uso dos dons carismáticos como a profecia, orações em línguas estranhas, orações de cura, fenômenos que têm influência sobrenatural na vida cotidiana da membresia brasileira. As narrativas são cercadas de um extremo cuidado para filtrar apenas aspectos positivos (CORREA, 2020a, p. 53).

Ainda no dizer da autora, os missionários e pastores brasileiros procuraram projetar o parecer de sentido de que o poder sobrenatural os livrou de possíveis reveses, mesmo durante a expansão. De toda forma, a Igreja cresceu e se expandiu pelo Norte, Nordeste e Sudeste do País, ancorada nesse discurso de poder do Espírito Santo. No entanto, esse crescimento fez com que ela tivesse de se organizar

internamente, estabelecendo novos campos de trabalho e consagrando pastores para atenderem à demanda.

Já mencionamos anteriormente que os cristãos pentecostais saíram por todas as partes estabelecendo pontos de pregação, e que esse movimento resultou no surgimento de congregações que, posteriormente, foram transformadas em campos de trabalho e depois em ministérios. Agora, retomamos o que já foi dito para demonstrar o processo de institucionalização, afinal, se há a necessidade de abertura de novos campos de trabalho, certamente, surge, também, a necessidade de supervisão. Correa (2020a) explica que:

Dentro da visão assembleiana, tudo começa com um ponto de pregação (embrião), que, geralmente, está ligado a uma congregação – a mais próxima. Suas atividades começam nas casas dos convertidos, que após algum tempo de prática nas congregações resolvem iniciar um ponto de pregação em sua casa, na garagem, etc., com poucas pessoas, que, na maioria, são vizinhos e amigos. A congregação supervisiona o ponto de pregação através de relatório mensal feito por um obreiro da congregação, que depois é levado ao conhecimento do pastor-presidente nas reuniões administrativas (CORREA, 2020a, p. 179).

No dizer da autora, a lógica funcional administrativa das ADs se dá da seguinte forma: de alguém (anônimo) a dirigente de ponto de pregação; desse, a pastor de congregação; depois, de pastor de congregação a pastor de setor; e de pastor de setor a pastor de campo ou ministério, nesse caso, pastor-presidente. Araujo (2007) explica que o cargo de pastor presidente é administrativo.

Segundo Correa (2020b), o título de pastor-presidente surgiu como uma evolução da expressão pastor geral de campo, usado para designar pastores que administravam várias congregações e pontos de pregação. A autora também diz que o campo geralmente era designado pela cidade onde se localizava a Igreja matriz, ou Igreja mãe. Entretanto, em 1957, segundo a autora, surge a nomenclatura pastor-presidente, e, em 1959, a de pastor vice-presidente.

Ainda no dizer da autora, o primeiro pastor a se intitular ou ser intitulado como pastor-presidente foi Horácio da Silva, que na época pastoreava o campo da Assembleia de Deus de Bento Ribeiro, no Rio de Janeiro. A partir de então, o título passou a ser adotado para se referir aos demais pastores que tinham as mesmas responsabilidades administrativas. Em 7 de julho de 1920, Gunnar Vingren realizou o primeiro culto em São Cristóvão, no Rio de Janeiro (CONDE, 1960, p. 114). Essa obra

creceu e se transformou na Igreja de onde o missionário passou a dirigir o trabalho assembleiano do Brasil. Segundo Correa (2020b), a Igreja de São Cristóvão aplicou os títulos de pastor presidente e pastor vice-presidente aos pastores que lideravam o ministério. Depois disso, Cícero Canuto de Lima foi o primeiro a receber o título.

A autora complementa que a adesão ao título não foi tão consensual quanto se pensa. Enquanto os pastores brasileiros aprovaram o uso da titulação, os pastores suecos, apesar de defenderem a autonomia de cada congregação, viam nisso o risco de que a titulação pudesse se tornar uma questão de vaidade e atrapalhar o andamento da missão. No entendimento de Correa (2020b, p. 56), o pastor sueco Otto Nelson recomendou aos pastores brasileiros, por meio do jornal *O Mensageiro da Paz*, que vigiassem para que esse tema não se tornasse o principal assunto com os quais os pastores assembleianos viessem a se ocupar.

Entretanto, diferentes temas, como por exemplo, administração das Igrejas brasileiras, acesso às reuniões onde se tratavam as questões sobre o futuro da Igreja e o exercício do ministério feminino, foram alguns dos pontos que geraram rupturas e também contribuíram para a construção do simulacro do pastor-presidente assembleiano. No entanto, como já citado, os pioneiros filtraram esses relatos em seus diários.

Correa (2020a) afirma que o primeiro pastor a romper com a AD foi Manoel Higino de Souza, em 1933. Segundo a autora, esse pastor Higino abraçou pontos teológicos do calvinismo americano, por isso, saiu da AD e montou uma Igreja com o nome de Assembleia de Cristo, mantendo-se, atualmente, com o nome de Igreja de Cristo no Brasil. Já o segundo a romper com a Assembleia de Deus foi Paulo Leivas Macalão, que iniciou o trabalho em Bangu, no Rio de Janeiro, em 1929.

Araujo (2007) explica que Paulo Leivas Macalão nasceu em 1903, em Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul. Filho de general, João Maria Macalão, Paulo Leivas estudou, primeiramente, no Colégio Batista e, depois, na escola D. Pedro II, onde fez o ginásio. Era interesse de seus pais que ele seguisse a carreira militar, no entanto, Paulo Leivas Macalão se converteu ao evangelho pentecostal e seguiu carreira eclesiástica. A conversão de Macalão se deu por meio de um panfleto evangélico encontrado na rua, que convidava pessoas para participarem de um culto organizado pelos crentes oriundos da AD no Pará.

Araujo (2007) explica que Macalão se tornou um evangelista proeminente. Além disso, foi músico, compositor, pastor e fundador da Assembleia de Deus Madureira. Correa (2020b) descreve que Macalão:

Foi um grande colaborador da evangelização empreendida nos locais periféricos do Rio de Janeiro. Ele evangelizou trabalhadores que construíram a estrada de ferro Central do Brasil. Foi a partir dessa via que o jovem obreiro lançou bases de seus trabalhos nas áreas mais distantes do centro do Rio. Há controvérsias na história oficial sobre as motivações do pioneiro para iniciar o seu trabalho na região, mas fato é que o público que Paulo Leivas encontrou nessa seara era, em grande parte, extensão dos morros e favelas da Cidade Maravilhosa. Tempos depois, trinta e um pontos de pregação estavam constituídos em casas ou barracos nas favelas da Rocinha, do Vidigal, Morro do Cantagalo, Morro do Leme, Morro da Babilônia, Morro do Chapéu Mangueira, Morro do Marquês de Abrantes, Morro Euclides da Rocha e outras situadas no Rio de Janeiro (CORREA, 2020b, p. 52).

Apesar de sua desenvoltura na evangelização de comunidades carentes, Araujo (2007) e Freston (1993) afirmam que Macalão tinha um sermão severo, que atacava violentamente o pecado, razão que, segundo Correa (2020b), gerou descontentamento dos missionários suecos.

Mesmo assim, segundo a autora, Macalão foi ordenado pastor pelo missionário sueco Samuel Nyström, no ano de 1930. E mesmo sendo subordinado à AD de São Cristóvão, primeiramente, liderada por Gunnar Vingren e posteriormente por Samuel Nyström, Macalão não se submetia à liderança do sueco. E, em 1941, Paulo Leivas Macalão oficializou sua ruptura com a AD de matriz sueca ao registrar juridicamente a Assembleia de Deus Madureira (ADM), inaugurando o templo central da ADM em 1953. Por um longo período, a ADM se manteve dentro da AD.

Segundo Correa (2020b), em 1958, o trabalho de Macalão já havia atingido a marca de 37 pastores, 170 presbíteros, 60 evangelistas, mais de 1.200 diáconos e auxiliares, além de Igrejas instaladas nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Paraná e Espírito Santo, reunindo cerca de 50 mil crentes. Diante disso, Macalão organizou a Convenção Nacional das Assembleias de Deus Madureira (CONAMAD), com o objetivo de manter a unidade do ministério diante dos ataques sofridos, tanto por aqueles que eram de fora da Igreja, como de dentro, nesse caso, da AD missão¹⁹, como era conhecido o trabalho dos suecos.

¹⁹ No campo assembleiano, a AD de origem sueca também é identificada por Assembleia de Deus Missão.

Freston (1993, p. 74) afirma que “[...] Macalão dirigiu sua obra com mão firme (e como presidente vitalício) até a morte em 1982 [...]”. Os autores Araujo (2007), Correa (2020b) e Fajardo (2019) aceitam a discordância dos missionários suecos sobre a pregação de Paulo Leivas Macalão. Para os autores, não havia necessidade de tamanho rigor na apresentação da mensagem pentecostal.

À margem de Macalão, em Madureira, está a Igreja de São Cristóvão, liderada, primeiramente, por Gunnar Vingren e, depois, por Samuel Nyström. Araujo (2007) apresenta Nyström como poliglota, fluente nos idiomas inglês, francês, alemão, espanhol e português, além de conhecimentos em grego e hebraico. Segundo o autor, Nyström chegou a Belém do Pará em agosto de 1916. Em agosto de 1932, Nyström, que havia substituído Gunnar Vingren na liderança da Igreja de Belém, novamente o substituiu na Igreja de São Cristóvão. A AD havia transferido sua sede para a capital federal do País.

Araujo (2007) assevera que Nyström esteve à frente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) nos anos de 1933, 1934, 1936, 1938, 1939, 1941, 1943, 1946 e 1949, período em que, segundo Alencar (2000), a AD alcançou o número de 120 mil membros em todo o País.

Fajardo (2019, p. 119-121) explica o direcionamento dado por Nyström em três vertentes, a saber: a primeira, o espaço da mulher para exercer funções pastorais é cortado; a segunda, a transição da era profética, representada por Gunnar Vingren, para a era da burocratização, nesse caso, a CGADB. No dizer do autor, Nyström se dedicou mais em traçar um caminho para institucionalizar a denominação, dando a cada Igreja campo para a autonomia pensada por Lewi Pethrus, líder da missão sueca. Araujo (2007) afirma que, no entender de Pethrus, cada Igreja deveria ter sua autonomia. E a terceira, o trabalho realizado em parceria com os pastores brasileiros, assunto debatido na convenção de 1930, em Natal - RN, com a presença de Lewi Pethrus é transferido para os brasileiros. Para Araujo (2007), Pethrus defendia a transição da liderança da missão sueca para pastores brasileiros.

Fajardo (2019) apresenta que Nyström teve a seu lado não apenas Paulo Leivas Macalão, a quem consagrou pastor, mas também a Cícero Canuto de Lima, que viria a se tornar o pastor-presidente da CGADB e, também, da Igreja ADBelém, localizada na Zona Leste de São Paulo.

1.3 Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB) e convenções estaduais

No tópico anterior, discorremos sobre o crescimento da Assembleia de Deus, começando pela expansão no Norte e Nordeste do País. Neste tópico, tratamos da criação das instituições que agregam pastores, como a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), e as convenções estaduais. As convenções estaduais são tratadas aqui superficialmente, mas sobre a CGADB e sua finalidade tomamos um pouco mais de tempo neste estudo porque dela procedem as diretrizes para as ADs em todo o Brasil. Lembramos que as diretrizes da CGADB são destinadas apenas às Igrejas filiadas.

Vimos no tópico anterior que a Assembleia de Deus cresceu e se expandiu para todo o território nacional sem que houvesse planejamento prévio (FAJARDO, 2019). Abordamos seu crescimento em ponto de pregação, congregação, campo e ministérios. Falamos também da formação de um pastor, do pastor de campo e do pastor-presidente. Agora, neste tópico, abordamos a criação da convenção como meio de integrar pastores, manter a padronização doutrinária e estabelecer diretrizes para a instituição em todo o território nacional. Com esse intuito, surgiu a proposta da criação da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) e das convenções estaduais. De acordo com o site da CGADB, a primeira convenção de pastores assembleianos²⁰ aconteceu:

[...] No ano de 1930. Após três décadas do surgimento no país das Assembleias de Deus, devido ao estuendo crescimento do movimento pentecostal iniciado pelos missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren, os pastores das Assembleias de Deus resolveram que já era tempo de se criar uma organização que estabeleceria o espaço para discussão de temas de máxima relevância para o crescimento da denominação. [...] Foi nessa Assembleia Convencional que os missionários suecos transferiram a liderança das Assembleias de Deus no Brasil para os pastores brasileiros (CGADB, 2018).

No entanto, segundo Costa (2020, p. 108-133), a versão oficial omite algumas informações sobre a criação da CGADB e as pautas do encontro. O autor inicia seu texto abordando que, mesmo após passados quase 20 anos de atividades das

²⁰ Convenção Geral das Assembleias de Deus. História das Assembleias de Deus. Disponível em: <https://cgadb.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

Assembleias de Deus em solo brasileiro e com mais de 160 igrejas no País, principalmente no Norte e no Nordeste, nenhuma das Igrejas iniciadas por brasileiros recebeu autonomia até o ano de 1929.

O autor também explica que esse impasse sobre a liderança da instituição, somado ao exercício do ministério pastoral feminino, representado por Frida Vingren, esposa de Gunnar Vingren, poderiam gerar uma enorme divisão no trabalho já realizado até aquele ano. Por essa razão, segundo o autor, uma convenção entre os pastores nacionais, sem a presença e o consentimento dos missionários suecos, foi realizada em 1929, em Natal, no Rio Grande do Norte. No encontro:

Ficou decidido que convocariam uma Convenção Geral, incluindo pastores nacionais, missionários e um representante da Missão Sueca. [...] A reunião inicial foi prevista para julho de 1930, depois remarcada para a última semana de agosto e, em seguida, para setembro do mesmo ano. Os protelamentos ocorreram em função da chegada do pastor Lewi Pethrus da Suécia. Na convocação, os pastores brasileiros argumentaram que era de notório saber a crise pela qual as Assembleias de Deus haviam passado no país, que não podiam aceitar tal situação passivamente e que era necessário um entendimento entre eles e os que implantaram a obra no país (COSTA, 2020, p. 109).

Araujo (2007) descreve Petrus Lewi Pethrus como líder da missão sueca, em Estocolmo, que mantinha os missionários escandinavos no Brasil. Segundo o autor, Pethrus nasceu em 11 de março de 1884, em Västra Tunhem, no condado de Älvsborg, na Suécia. Ele cresceu na Igreja Batista de Vänersborg e foi batizado nas águas aos 15 anos. Depois de algumas mudanças de cidade e atuações em fábricas de sapatos, segundo o autor, em 1902, Pethrus passou a se dedicar integralmente à pregação e tornou-se co-pastor, com Adolf Milde, na Igreja Batista de Arendal, na Noruega.

Ainda segundo o autor, enquanto Pethrus voltava para Oslo, após ter realizado alguns trabalhos em Lillesand, mesmo sem saber exatamente o que estava acontecendo, foi surpreendido por uma experiência com o Espírito Santo que marcou a sua vida e o inseriu no movimento pentecostal. Synan (2012) descreve que Pethrus foi batizado com o Espírito Santo enquanto contemplava a natureza, durante uma viagem de navio.

Depois disso, segundo Araujo (2007), em 1910, Pethrus recebeu convite para pastorear a Igreja Batista de Estocolmo. O autor assevera que a Igreja também

recebeu bem a mensagem pentecostal e, por isso, em 1913, ambos — Pethrus e a Igreja Batista de Estocolmo — foram excluídos pela Convenção Batista Sueca. Apesar da expulsão, Synan (2012) afirma que nos anos seguintes, a Igreja pastoreada por Pethrus passou para mais de 7 mil membros.

Araujo (2007) afirma que, mesmo depois de ter sido expulso pela Convenção Batista, Pethrus manteve traços administrativos da Igreja Batista. Um deles refere-se à autonomia de cada Igreja. Segundo o autor, “O modelo de Pethrus ensinava que cada igreja era totalmente independente e não deveria existir uma organização central. As Igrejas trabalhavam em cooperação, por meio de convenções estaduais e nacionais informais de pastores e presbíteros” (p. 656).

O pensamento de Pethrus sobre gestão de Igreja mudaria o quadro da AD brasileira. De acordo com Costa (2020), Gunnar Vingren, após a reunião dos pastores brasileiros realizada em Natal, em 1929, viajou à Suécia e convidou Pethrus para participar da Convenção Geral. Ele veio e a reunião aconteceu em setembro de 1930, como citado anteriormente.

Ainda conforme o autor, no convite feito por Vingren havia o apelo para que Pethrus ajudasse a evitar uma divisão na missão desenvolvida no Brasil. Pethrus embarcou para o Brasil e, na convenção, ministrou estudos bíblicos e acertou para que as Igrejas do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco fossem transferidas para pastores brasileiros, incluindo o patrimônio, até a data de 1º de julho de 1931. Segundo o autor, os missionários suecos deveriam abrir novos trabalhos no Sul e Sudeste do País (COSTA, 2020, p. 112).

Entre as pautas da Convenção Geral de 1930, estava a questão do exercício do ministério pastoral feminino. Segundo Costa (2020, p. 117-133), Frida Vingren incomodava os pastores brasileiros e também o sueco Samuel Nyström, enviado ao Brasil por Pethrus, em 1916. Frida é descrita por Araujo (2007, p. 903) como “[...] enfermeira, poetisa, compositora, musicista, redatora, pesquisadora, pregadora e ensinadora [...]”. Sua atuação e desenvoltura colocou-a em posição de destaque no desenvolvimento da Igreja naquele momento.

Ainda segundo Araujo, a cooperação de Frida era inestimável. Ela substituiu Gunnar na pregação e ensino quando ele precisava se ausentar por doença ou viagens; foi comentadora da revista *Lições Bíblicas*, publicada pela instituição, na década de 1930; era habilidosa com a escrita, por isso, foi proeminente colaboradora dos jornais *Boa Semente*, *O Som Alegre* e *O Mensageiro da Paz*, canais

desenvolvidos e utilizados pela Igreja para manter a comunicação e hegemonia doutrinária durante o crescimento e institucionalização. Por esses motivos, afirma Costa (2020), Frida sofreu grande perseguição por parte dos pastores brasileiros e, também, de Samuel Nyström. Além disso, o autor afirma que a atuação de Frida foi um dos motivos da Convenção Geral de 1930.

Alencar (2019) apresenta quatro pontos fundamentais para o surgimento da Convenção Geral, são eles: o conflito entre os pastores brasileiros e os suecos; da mesma forma, entre as Igrejas do Norte/Nordeste e as do Sul e Sudeste; os jornais *Boa Semente* (Belém- PA) e *O Som Alegre* (Rio de Janeiro); e, finalmente, a atuação das mulheres na Igreja. Para o autor, os três primeiros pontos citados resultaram no quarto, tendo em vista que Frida Vingren, esposa de Gunnar Vingren, foi uma mulher atuante no ministério eclesiástico, numa sociedade dominada por homens. Ainda segundo Alencar (2019), Samuel Nyström foi o maior de seus algozes, e o caso foi parar na Convenção Geral.

No entanto, a CGADB não se limitou apenas aos eventos elencados, mas, também e posteriormente, direcionou o discurso da denominação, sobretudo, no campo político-partidário. Ela representa o órgão de maior representatividade da denominação no País, por isso, uma breve descrição de sua historiografia se faz necessária.

Correa (2020a) informa que a CGADB foi registrada como pessoa jurídica no ano de 1946, no Cartório Civil de Pessoas Jurídicas da Comarca da Capital do Estado do Rio de Janeiro, sob o nº 197. Segundo a autora, na prática, a CGADB é:

Uma associação que se caracteriza pela força dos seus pastores associados individualmente em suas convenções estaduais, caracterizando-se, portanto, como uma associação de pastores [...]. Os pastores [...] são livres para votar por suas conveniências pessoais e suas consciências, em detrimento da vontade de sua região administrativa. Assim, a mesa diretora é formada por: um presidente, cinco vice-presidentes, cinco secretários, e dois tesoureiros. Todos os integrantes da mesa diretora administram, conjuntamente, as questões políticas, sociais e administrativas, reunindo-se quantas vezes forem necessárias, sempre convocados pelo presidente. Conforme o Art. 37, parágrafo único do Estatuto Interno, somente o presidente e o tesoureiro poderão ser reeleitos para um único período subsequente; já o presidente geral, José Wellington Bezerra da Costa [o pastor José Wellington assumiu a presidência da CGADB na década de 1980], encontra-se investido do cargo há duas décadas (CORREA, 2020a, p. 147).

A autora também assevera que a CGADB possui alguns departamentos, dentre eles, destacam-se: secretaria geral, responsável pelo recebimento de novos membros, pastores e evangelistas; tesouraria, responsável pelo recebimento das mensalidades dos filiados; comissão de planos e estratégias de evangelismo e discipulado, responsável por planejar estratégias de evangelização e discipulado, e um conselho político, responsável pelo “[...] lançamento de candidatos oficiais da denominação nos pleitos eleitorais em todo o Brasil [...]” (CORREA, 2020a, p.149). Além disso, esse conselho se ocupa de coordenar o desenvolvimento de conscientização política nas ADs em todo o Brasil.

Alencar (2019) explica que, no Brasil, existem duas grandes convenções nacionais: a CGADB, criada em 1930 pelos missionários suecos e pastores brasileiros, e a CONAMAD, criada na década de 1940 pelo pastor Paulo Leivas Macalão, de quem falamos anteriormente. No entendimento de Araujo (2007, p. 31-33), a COMANAD se manteve filiada à Convenção Geral até o ano de 1989, quando se separou definitivamente da CGADB. Na época da oficialização de seu desligamento, a CONAMAD era liderada pelo pastor Manoel Ferreira.

No entanto, além dessas duas convenções nacionais, existem outras, dentre elas, destacamos a Convenção da Assembleia de Deus no Brasil, em Belém - PA (CADB), presidida atualmente pelo Pastor Samuel Câmara, que rompeu com a CGADB no ano de 2017²¹. A Igreja presidida pelo pastor Samuel Câmara na cidade de Belém - PA foi a sede do trabalho missionário realizado pelos suecos no Brasil. Em linhas gerais, toda a região Norte do País, até o momento da produção deste trabalho, está sob a liderança da Igreja de Belém. No entanto, por questões administrativas, a AD de Belém - PA se desfiliou da CGADB em 2017.

Retomando a CGADB, Alencar (2019) e Correa (2020a) citam a existência de convenções estaduais. Elas servem de porta de entrada para as Igrejas ADs independentes se filiarem na CGADB. Os ministérios assembleianos independentes surgem a partir das seguintes situações: a primeira, por autonomia. Nesse caso, o pastor-presidente de um grande ministério, por questões administrativas, concentra

²¹ O pastor Samuel Câmara preside a AD de Belém - PA, conhecida como *Igreja Mãe*. Esse trabalho não contempla as ADs e convenções que estão sob sua presidência, pois ele se desligou da CGADB no ano de 2017. Mais informações sobre o desligamento do pastor Samuel Câmara e da “Igreja mãe” estão disponíveis em: <https://pleno.news/fe/pr-samuel-camara-se-desliga-da-convencao-das-assembleias.html>. Acesso em: 19 dez. 2022.

um determinado número de igrejas, que podem ser na mesma cidade, sob a liderança de um pastor, e uma diretoria, formando um campo ou ministério.

Já a segunda, diferentemente da primeira, surge a partir de rupturas e divisões. Nesse caso, o pastor de alguma congregação ou campo, por alguma divergência administrativa com o pastor presidente do ministério onde trabalha, se desliga dando origem a uma nova Assembleia de Deus. Por fim, existem aqueles que surgem como resultado de evangelização. Diferentemente dos dois primeiros, nesse caso, como citamos no início deste capítulo, há pessoas que voluntariamente iniciam trabalhos evangelísticos em determinada região de uma cidade, estado, País ou no exterior e, depois de crescidas e atingidas as exigências para se tornarem filiadas a uma convenção estadual e na CGADB, pedem filiação.

De acordo com o site da CGADB²², apenas em São Paulo existem quatro convenções estaduais ligadas na CGADB, onde os ministérios assembleianos independentes são filiados: Convenção dos Ministros das Assembleias de Deus do Estado de São Paulo e outros (COMADESPE); Convenção das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus do Estado de São Paulo, Estados e Limítrofes (CIADESPEL); Convenção dos Ministros Ortodoxos das Assembleias de Deus no Estado de São Paulo (COMOESPO) e a Convenção Fraternal e Interestadual das Assembleias de Deus de São Paulo (CONFRADESP). É com essa estrutura estadual e nacional que a CGADB consegue manter o alinhamento doutrinário da AD no Brasil.

Como citado anteriormente, segundo Araujo (2007, p. 207), a criação da CGADB teve o objetivo de agregar pastores, evangelistas, missionários e demais obreiros para manter a identidade das Igrejas ADs e deliberar sobre questões internas e externas. Em seu trabalho, *Dicionário do Movimento Pentecostal*, o autor elenca os temas que foram discutidos nas convenções de 1930 até 2007, data da publicação de sua obra.

Numa leitura dos temas, constatamos que a política aparece pela primeira vez na Assembleia Geral Ordinária (AGO) de 1981. Depois disso, o tema volta aos plenários convencionais das AGOs de 1987, 2001, 2003, 2005 e em 2007, na reformulação da Comissão Política das AD. Segundo o autor, o tema também apareceu na Assembleia Geral Extraordinária (AGE), em 2003 (p. 215-219). Desde então, o tema política passou a ser mais frequente nos encontros da CGADB e o

²² Informação disponível em: <https://cgadb.org.br/convencoes/>. Acesso em: 3 jan. 2023.

número de políticos ligados à denominação cresce cada vez mais no cenário político nacional.

1.4 CGADB, Conselho Político e sua participação na política partidária

Como explica Araujo (2007), a política partidária ganha força na CGADB a partir da criação do Conselho Político, no ano de 1999. Nos dizeres do autor, até o ano de sua criação, a denominação interagiu politicamente por meio dos membros ou pastores que eram eleitos para cargos públicos em candidaturas avulsas. Nesse tempo, o apoio aos candidatos, pastores ou membros, era feito apenas com a citação de seus nomes no jornal *O Mensageiro da Paz* e, uma vez eleitos, requeria-se o apoio deles nas causas defendidas pela Igreja. No entanto, o autor assevera que, para a organização desse conselho, a CGADB se inspirou no modelo adotado pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) (ARAUJO, 2007, p. 709). Mas como foi o modelo adotado pela IURD?

Araujo (2007, p. 704, 705) explica que o modelo adotado pela IURD consistia em direcionar o capital eleitoral dos membros da Igreja, trabalhar a imagem dos candidatos, membros ou não da Igreja, e implantar um sistema de conscientização política na Igreja, que incluía até a colocação de uma urna eleitoral em um de seus templos, a fim de treinar os fiéis a votarem. Esse modelo foi eficiente para ajudar na eleição de candidatos da Igreja, deu à instituição a possibilidade de eleger um senador da República, Marcelo Crivella, além de apoiar a candidatura de presidentiáveis, como Anthony Garotinho ao pleito presidencial de 2002, no primeiro turno, e Luiz Inácio Lula da Silva, no segundo turno.

Em relação a Anthony Garotinho, Figueredo Filho (2020) relata que esse político não nasceu no berço evangélico, antes, converteu-se ao cristianismo evangélico sendo já um radialista profissional e atuante no campo político. Segundo o autor, Garotinho se apropriou da condição de ser um radialista, em cujo programa propunha solucionar problemas de pessoas que viviam em situação de vulnerabilidade, na região de Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro, para alavancar sua carreira política. As soluções conseguidas por Garotinho para a população que compunha sua audiência o projetaram como um benfeitor e o popularizaram.

Ainda segundo o autor, Garotinho foi eleito prefeito da cidade de Campos dos Goytacazes, em 1988, pelo PDT; secretário de agricultura e de interior do governo de Leonel Brizola (PDT), nos anos de 1992 e 1993; eleito como governador do Estado do Rio Janeiro, em 1993 e candidato à presidência da República, em 2002. Na campanha presidencial de Garotinho, houve uma articulação evangélica partindo do, na época, deputado federal e dono de uma emissora de rádio evangélica, Rádio Melodia, Francisco Silva, que, como explica o autor, conseguiu:

[...] Ampliar sua influência através da instrumentalização das redes de rádio pentecostais, veículo com o qual tinha maior proximidade e familiaridade, sobretudo através do radialista Francisco Silva, proprietário da Rádio Melodia, voltada para o público evangélico, ainda hoje uma das líderes de audiência no RJ (Silva foi deputado federal por três mandatos e faleceu em 2017). O braço direito de Francisco Silva era Eduardo Cunha (o ex-presidente da Câmara tornou-se evangélico por influência de Silva, que também o indicou à presidência da Companhia Estadual de Habitação (Cehab), em 1999, ano do governo de Garotinho) (FIGUEREDO FILHO, 2020, p. 57).

Essa articulação política em torno da candidatura de Garotinho deu notoriedade aos objetivos políticos de uma parte da Igreja protestante brasileira, que tinha e tem o intuito de alcançar os mais altos escalões na vida pública. No dizer de Figueredo Filho (2020), o projeto de poder desses políticos evangélicos e da Igreja evangélica é o de alcançar o voto do maior número possível de eleitores para eleger o máximo de candidatos que defendam os interesses da Igreja.

Em resumo, o modelo político-partidário adotado pela IURD, considerado por Araujo (2007) como modo sofisticado de fazer política, produziu os seguintes resultados nas eleições de 1986 a 2002.

Tabela 1 – Candidatos eleitos pela Igreja para cargos públicos, a partir do ano da eleição, cargo, número de votos de deputados e senadores

Ano eleição	Senador	Dep. Fed.	Dep. Est.	Gov. Est.	Pref.	Total de votos	Total de votos Sem.
1986	0	1					
1990	0	3					
1994		6	8				500.000
1998		17	26			1.400.000	
2002	1	16					3.235.570

Fonte: Autoria própria, a partir dos dados de Araujo (2007, p. 704-707).

Além disso, em 2014, a IURD publicou, em seu site, o texto intitulado *10 Razões por que cristão vota em cristão*. O texto, que é uma referência aos *dez mandamentos* registrados na Bíblia, em Êxodo (20, 1-17), apresenta as seguintes razões que justificam a ideia de que irmão deve votar em irmão:

1. Porque tudo o que é preciso para os maus prevalecerem é que os bons não façam nada e simplesmente assistam das arquibancadas (Ester 4.14);
 2. Porque somos chamados a obedecer às autoridades governamentais. Se estas forem más, estaremos sujeitos a elas e às suas leis (Romanos 13.1);
 3. Porque o governo eleito cria, executa e julga segundo leis que afetam os princípios cristãos, tais como casamento, família, sexualidade, liberdade religiosa e muito mais. Para proteger esses princípios, precisamos eleger líderes que os tenham (Daniel 3.5-8);
 4. Porque o povo de Deus é advertido por Ele a não eleger um incrédulo para governá-lo (Deuteronômio 17.15);
 5. Porque *“Os maus não governarão para sempre a terra do povo de Deus; se eles governassem, até os bons começariam a fazer o mal”* Salmo 125.3. A nossa obrigação é não permitir que os maus continuem governando nossa terra;
 6. *Porque feliz é a nação cujo Deus é o Senhor*. Salmo 33.12. Devemos eleger líderes de nossa nação que não somente digam que creem em Deus, mas que realmente tenham um histórico de vida com Deus e para Deus.
 7. Porque nós somos sal da terra e fazemos a diferença positiva na esfera do governo. Temos vivido dias em que pessoas más, odiosas e sem Deus tem ocupado cargos políticos importantes. Se não tivermos representantes cristãos nesse meio, seremos ainda mais perseguidos e oprimidos. Mateus 5.13;
 8. Porque *“Pela bênção dos homens de bem a cidade se exalta, mas pela boca dos perversos é derrubada”*. Provérbios 11.11. Os perversos fazem sua voz ser ouvida nas urnas. Os do bem não podem ficar omissos ou em silêncio. Temos o poder para abençoar nossa cidade, estado e país;
 9. Porque *“Quando os honestos governam, o povo se alegra; mas, quando os maus dominam, o povo geme”*. Provérbios 29.2;
 10. Porque o padrão bíblico para os líderes do povo é que sejam capazes, temam a Deus, mereçam confiança e sejam honestos em tudo (Êxodo 18.21,22), pois eles serão responsáveis por servir o povo com a justiça todo o tempo.
- Nem todos os candidatos que se dizem cristãos, verdadeiramente são. Informe-se, investigue e, acima de tudo, vote por fidelidade a Deus, acima de fidelidade a qualquer pessoa ou partido. O futuro da nação está em suas mãos. Não deixe de votar. Espalhe isso para todos os cristãos que você conhece.²³

²³ Transcrição do texto publicado pela Igreja Universal do Reino de Deus. Disponível em: <https://www.universal.org/bispo-macedo/post/10-razo%CC%83es-por-que-crista%CC%83o-vota-em-crista%CC%83o/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

Foi nessa fonte iurdiana de fazer política que, segundo Araujo (2007), a CGADB se inspirou para se lançar institucionalmente no campo político-partidário, com a criação do Conselho Político, no ano de 1999, como mencionamos anteriormente (ARAUJO, 2007). A seguir, fazemos um breve percurso do caminho político tomado pela instituição a partir da gestão do pastor José Wellington Bezerra da Costa, na presidência da CGADB, iniciada em maio de 1988, e da Igreja Assembleia de Deus Ministério do Belém (ADBelém), em São Paulo, em janeiro de 1980.

De acordo com Freston (1993, p. 75), para compreender os avanços político-partidários das Assembleias de Deus, é preciso entender que, para os missionários suecos, a política partidária não era um assunto de interesse dos assembleianos, pois os fundadores entendiam que política não era assunto de pastor, considerando o iminente retorno de Cristo para arrebatá-la Igreja, como creem os pentecostais.

Além disso, o processo de institucionalização da AD, como expõem os autores Fajardo (2019) e Alencar (2019), se dá a partir da oficialização jurídica da CGADB, na década de 1946. Entretanto, é a partir de 1979 que se vê um esforço em direção a um maior engajamento político-partidário da instituição. Freston (1993) indica que a politização partidária da AD se deu, entre outros motivos, pelo entendimento de uma possível perseguição religiosa que poderia surgir com a eleição de Tancredo Neves, em 1982.

Ainda segundo Freston (1993, p. 114), Tancredo era católico e, por isso, uma parte da cúpula assembleiana resolveu romper com os ideários apartidários politicamente dos missionários suecos e, com pastores de outros segmentos, resolveu estabelecer bases político-partidárias que dessem maior representatividade à instituição na política nacional.

De acordo com Araujo (2007), em 1987, as ADs elegeram oito deputados para a Assembleia Nacional Constituinte. Os eleitos compareceram à AGO da CGADB daquele ano para receberem instruções de como deveriam apoiar as questões de interesse da Igreja. No entanto, como mencionamos anteriormente, essas candidaturas foram avulsas, não institucionais. Outros interesses apontados por Freston (1993) se traduzem na conquista de concessão de canais de televisão, na ampliação das ações sociais realizadas pela Igreja a partir da destinação de verbas públicas e no reescrever da história, uma vez que a história — a Constituição — estava sendo reescrita naquele período. Segundo o autor:

Dos 49 protestantes que chegaram ao congresso nacional entre 1987 e 1992, o número alto de 23 (incluindo 18 constituintes) tinham vínculos com a mídia. Dois eram ex-diretores do Dentel. Quinze atuavam ou já haviam atuado em programas religiosos de rádio, e quatro de televisão. Quatro eram proprietários de rádios antes de se elegerem. Pelo menos seis ganharam concessões de rádio e dois de TV durante a Constituinte. Três compraram TVs ou rádios, enquanto deputados. [...] Daí a mística da Constituinte como um momento em que seria possível reescrever o Brasil, ou, pelo menos, garantir que outros não o reescrevessem (FRESTON, 1993, p. 147, 213).

Os meios de comunicação exerceram importante papel nos avanços políticos dos evangélicos brasileiros, sobretudo dos assembleianos. Araujo (2007) assevera que, em 1998, o pastor José Wellington Bezerra da Costa, na época, presidente da CGADB, no 2º congresso Mundial das Assembleias de Deus, realizado no Campo de Marte, em São Paulo, acenou para o então candidato à reeleição, Fernando Henrique Cardoso (FHC). FHC, na ocasião, discursou para cerca de 700 mil pessoas reunidas no evento.

Ainda segundo Araujo (2007), o gesto do presidente da CGADB, José Wellington Bezerra da Costa, foi considerado pela imprensa como um aceno institucional da Igreja. A partir daquele momento, nas eleições presidenciais de 2010, 2014 e 2018, a AD se fez presente no discurso político de seus candidatos.

1.5 Pastor José Wellington Bezerra da Costa e sua atuação no campo político da Assembleia de Deus

Na gestão do pastor José Wellington Bezerra da Costa na ADBelém e na CGADB, em relação à política partidária, a AD alterou o quadro político assembleiano na bancada evangélica (ARAUJO, 2012). De acordo com o Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP), dos 84 parlamentares que compuseram a frente parlamentar nas eleições de 2018, 33% são membros das ADs.

Como mencionamos anteriormente, a AD se fragmentou e se dividiu em ramificações que receberam *status* de ministérios, independentes, que se mantêm vinculados fraternalmente pela CGADB. Além disso, outras rupturas ocorreram na AD fazendo com que grandes ministérios se desligassem da CGADB e se unissem a

outras convenções nacionais, como ocorreu com a Assembleia de Deus Ministério de Santos²⁴.

Essa Igreja, fundada em 1924 por crentes saídos de Recife - PE, teve como pastores Daniel Berg e Gunnar Vingren. Atualmente, é pastoreada por Paulo Alves Corrêa, soma mais de mil pastores e 80 mil membros em 800 templos espalhados pelas cidades litorâneas de São Paulo, em muitos estados no Brasil e no Exterior. A Igreja de Santos se filiou²⁵ à CADB em maio de 2018. Sendo assim, como citamos anteriormente, ao nos referirmos aos muitos ministérios assembleianos de diferentes convenções nacionais, usaremos a sigla ADs.

Quando estivermos nos referindo à Assembleia de Deus de matriz sueca, e suas ramificações espalhadas por todos os estados do País e do mundo filiadas à CGADB, continuaremos usando a sigla AD. Nesse caso, inclui-se a Igreja Assembleia de Deus Ministério do Belém em São Paulo (ADBelém), presidida pelo pastor José Wellington Bezerra da Costa, desde 6 de janeiro de 1980 (ARAUJO, 2007, p. 225).

Conforme a biografia oficial do pastor José Wellington, a ADBelém teve seu início no ano de 1927, com a chegada do missionário sueco Daniel Berg e sua esposa Sara Berg. Segundo o autor, o casal de missionários realizou o primeiro culto no mesmo dia em que chegaram, mas na Vila Carrão, Zona Leste de São Paulo. O autor explica que o primeiro templo da ADBelém foi inaugurado em 30 de abril de 1930, no Tatuapé, e comportava cerca de 300 pessoas. Em 1962, a Igreja já contava com 20 mil membros e cerca de 200 congregações na capital do estado e adjacências. Em 1979, a Igreja já tinha 500 congregações e mais de 70 mil membros na cidade (ARAUJO, 2012).

Como mencionado no início deste capítulo, desde o início de 1980, na ADBelém se concentram os principais líderes da AD, isto é, o pastor José Wellington Bezerra da Costa, que até o momento da produção desse trabalho é o presidente da Igreja, e, além disso, foi presidente da CGADB até o ano de 2017, quando passou a presidência da convenção para o seu filho, José Wellington Costa Junior, que também acumula o cargo de vice-presidente da ADBelém. Além disso, os líderes da ADBelém

²⁴ A Assembleia de Deus Ministério de Santos reivindica o *status* de pioneira do estado de São Paulo, inclusive por ter sido pastoreada pelos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren. Informações sobre a fundação da Igreja disponíveis em: <https://www.facebook.com/adsantosapioneira/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

²⁵ Sobre a filiação na CADB, disponíveis em: <https://jmnoticia.com.br/cadb-recebe-ad-ministerio-de-santos-e-mais-de-1-mil-pastores-se-filiam-a-convencao/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

— presidente e vice-presidente — também presidem a Convenção Fraternal das Assembleias de Deus no Estado de São Paulo (CONFRADESP), uma dentre as quatro convenções do Estado de São Paulo.

Sob a gestão do pastor José Wellington Bezerra da Costa, Araujo (2012) assevera que, a ADBelém passou de 500 filiais e cerca de 86 mil membros para 500 mil fiéis e 2.500 templos na grande São Paulo. Além disso, a ADBelém lidera 118 campos-igrejas autônomas no interior do estado de São Paulo, que estão sob a liderança de outros pastores presidentes, mas que respondem à ADBelém e mantêm 26 missionários nacionais e 151 estrangeiros em 26 países. Tamanho crescimento, como evidencia Souza (1969), se deu porque:

Evangelizar constitui a obra por excelência da Assembléia de Deus, segundo afirma sua liderança. Paralelamente à instalação de novas igrejas, sempre houve, desde as primeiras distribuições de Bíblias efetuadas por Daniel Berg, a preocupação de realizar o “evangelismo itinerante”, que consiste no trabalho missionário, visitas domiciliares, distribuição de folhetos doutrinários, pregações em praças públicas, etc. A Assembléia realiza, ainda, campanhas para os próprios membros, procurando “manter aceso o fogo do avivamento” entre os fiéis mais antigos e seus filhos, que não passaram pelo processo da conversão. Ganham também importância as campanhas de evangelização, para as quais são designados alguns missionários e evangelistas que percorrem todo o país. Utilizando recursos modernos de comunicação, a Assembléia de Deus concilia, nas mensagens que prega, o apelo ao arrependimento dos pecados e necessidade de salvação à esperança de cura divina para todas as enfermidades (SOUZA, 1969, p. 122-123 - mantida a grafia original).

Diante de tamanho crescimento da ADBelém, Araujo (2012, p. 215) explica que a ADBelém aumentou sua participação na política municipal, estadual e nacional “[...] estabelecendo uma ação política, apontando candidatos e elegendo vereadores, prefeitos e vice-prefeitos, deputados estaduais e federais [...]”. Essa declaração evidencia a importância do pastor José Wellington na AD de todo o País.

Em relação à eleição de candidatos evangélicos, nas eleições de 2018 e 2020, a ADBelém elegeu três filhos do pastor José Wellington Bezerra da Costa aos cargos de vereador, deputado estadual e deputado federal. São eles: Rute Costa, vereadora; Marta Costa, deputada estadual e Paulo Freire da Costa, deputado federal. Na campanha presidencial, os líderes da Igreja se posicionaram durante um culto realizado no templo sede em favor da campanha de Jair Bolsonaro. Por essa razão,

propomos compreender, a partir da análise semiótica do plano de conteúdo, de que modo se caracteriza a política partidária no discurso da Assembleia de Deus.

No próximo capítulo tratamos dos pressupostos teóricos da teoria e o método de análise da semiótica francesa. Abordamos, também, como ela compreende o discurso político-partidário e o discurso religioso, afirmando que ambos trabalham no campo da *veridicção*, isto é, do *fazer-crer*.

2 SEMIÓTICA GREIMASIANA, DISCURSOS POLÍTICO-PARTIDÁRIO E RELIGIOSO

Neste capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos da semiótica discursiva que sustentam o nosso estudo. Para tanto, dividimos o capítulo em três tópicos, a saber: no primeiro, faremos a exposição do plano de conteúdo da semiótica discursiva e do método de análise. Nele, discorreremos sobre os conceitos²⁶ que compõem os níveis narrativo, discursivo e fundamental do percurso gerativo.

No *nível narrativo*, fazemos abordagens dos valores de junção, a saber: *conjunção* e *disjunção*. Discorreremos, também, sobre as etapas de manipulação, de *doação de competência* e *performance*. No *discursivo*, contextualizamos nosso leitor sobre os conceitos de *debreagem enunciativa* e *debreagem enunciativa*, as noções de *pessoa*, *espaço* e *tempo* e as isotopias temáticas e figurativas. E finalizamos este tópico com a exposição do *nível fundamental*, onde abordamos as oposições semânticas, os valores de *euforia* e *disforia* e os níveis de abstração. Para construção deste capítulo, nos ancoramos nos estudos de Barros (2001, 2002), Fiorin (2016a) e Greimas (2014).

No segundo tópico, abordamos o discurso político-partidário na perspectiva greimasiana. E no terceiro, o discurso religioso na perspectiva da semiótica. Na construção desses tópicos, ancoramos nosso trabalho nos estudos de Fiorin (1988) e Greimas (1976).

2.1 Semiótica greimasiana: pressupostos teórico-metodológicos

A teoria semiótica se apresenta como uma teoria da significação. Seu objetivo primário é explicitar a forma de produção do sentido do discurso²⁷ (GREIMAS; COURTÉS, 2020, p. 455). Ela foi forjada em 1966 a partir dos postulados do lituano

²⁶ Os termos próprios da semiótica estão grafados em itálico porque têm definições distintas do meio comum.

²⁷ Discurso é definido como “[...] plano de conteúdo do texto, que resulta da conversão pelo sujeito da enunciação, das estruturas sêmo-narrativas em estruturas discursivas. O discurso é, assim, a narrativa “enriquecida” pelas opções do sujeito da enunciação que assinalam os diferentes modos pelos quais a enunciação se relaciona com o discurso que enuncia [...]” (BARROS, 2002, p. 85).

Algirdas Julien Greimas (1917-1992), que junto com um grupo de estudos denominado Grupo de Investigação Sêmico-linguísticas, da Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais, lançou bases da semiótica discursiva. Em seu livro, *Semântica Estrutural*, Greimas (1969) critica os estudos de linguística que se limitavam às dimensões da frase e propõe uma análise que depreende o sentido do discurso como um todo. Seu trabalho marcou o surgimento epistemológico de uma teoria que atualmente recebe o nome de semiótica discursiva, semiótica greimasiana, ou semiótica francesa, termos que utilizamos neste estudo.

No livro, Greimas (1966) assevera a significação como a ação mais importante no processo de constituição do mundo dos homens. Segundo o autor, o homem só consegue se perceber como humano, ao passo que todas as coisas ao seu redor significam algo para ele. Por entender que o homem é perturbado diariamente e o tempo todo por significações, Greimas se esforçou por formular uma epistemologia semiótica que permitisse compreender as estruturas do discurso partindo da frase para o texto, descrevendo as construções sintáticas, semânticas e as relações que se estabelecem nas estruturas internas do texto, formando uma unidade de sentido.

A semântica estrutural apresenta uma perspectiva diferente da gramática e da fonologia porque objetiva esclarecer as relações entre as partes que constituem uma língua(gem). Para alcançar os primeiros resultados, Greimas leu *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure (1857-1913), lançado em 1916, e fomentou a perspectiva teórica da semiótica. Por essa razão, é consenso entre os semioticistas que a semiótica é uma teoria de base saussuriana e hjelmsleviana. De Saussure, Greimas resgata a noção de valor e compreende o signo considerando os seus valores correlatos; já a de Hjelmslev, o de significação, conforme afirmam Coelho, Costa e Fontanari (2015). Por valor, segundo Saussure (2012), deve-se considerar todas as variantes, isto é, os valores correlatos de um termo, incluindo outro termo que se expressa com o mesmo valor.

Resgatado o conceito saussuriano, devemos citar a compreensão de estrutura em Louis Hjelmslev (1899-1965). Hjelmslev (2013) individualiza as partes internas contidas na estrutura, aparelha a noção de *valor* ao lado da de *significação* e acrescenta que elas se inter-relacionam. É a partir disso que o autor separa expressão de conteúdo e os apresenta como *functivos* da *função semiótica* que se relacionam numa estrutura textual. Sobre isso, Hjelmslev escreveu:

A função semiótica é, em si mesma, uma solidariedade: expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe necessariamente o outro. Uma expressão só é expressão porque é expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo de uma expressão. Do mesmo modo, é impossível existir (a menos que sejam isolados artificialmente) um conteúdo sem expressão e uma expressão sem conteúdo. Se se pensa em falar, o pensamento não é um conteúdo linguístico e não é funtivo de uma função semiótica. Se se fala sem pensar, produzindo série de sons sem que aquele que os ouve possa atribuir-lhes um conteúdo, isso será um abracadabra e não uma expressão linguística, e tampouco um funtivo da função semiótica. Evidentemente, não se deve confundir ausência de conteúdo com ausência de sentido: o conteúdo de uma expressão pode perfeitamente ser caracterizado como desprovido de sentido de um ponto de vista qualquer (por exemplo, o da lógica normativa ou do fisicalismo) sem com isso deixar de ser um conteúdo (HJELMSLEV, 2013, p. 54).

José L. Fiorin (2017), ao lado de Diana Luz Pessoa de Barros (2002), expoentes dessa teoria no Brasil, explicam ser dessas perspectivas saussuriana e hjelmsleviana que Greimas (1966) parte para conceber o percurso gerativo de sentido. Para Fiorin (2017, p. 18), “[...] o percurso gerativo de sentido deve ser entendido como um modelo hierárquico em que se relacionam os níveis de abstração do sentido [...]”. Além disso, afirma o autor, por se tratar de uma teoria do discurso, a semiótica entende que a passagem dos níveis mais profundos e simples aos mais superficiais se dá pela *enunciação*²⁸, e deseja integrar a *enunciação* e *enunciado*²⁹ numa teoria geral.

Barros (2002, p. 86) explica que *enunciado* é a manifestação da *enunciação*. Nesse caso, pode-se falar de um discurso. Coelho, Mendes e Santos (2010) esclarecem que o ator sujeito da *enunciação* é um ser dividido entre *actante-enunciador* e *actante-enunciatário* do discurso, e acrescentam que:

A verdade em si não existe, ela é uma (re)criação da interação entre o enunciador, aquele que enuncia, e o enunciatário, aquele que interpreta. Esses são pares intercambiáveis e coautores do enunciado produzido. [...] O actante enunciador possui um fazer persuasivo (fazer-criar) que busca a adesão do enunciatário. Este, por sua vez, possui um fazer interpretativo (ato de criar) que pode ou não aderir à manipulação do enunciador (COELHO; COSTA; FONTANARI, 2015, p. 7).

²⁸ Enunciação “[...] é a instância de mediação entre as estruturas narrativas e discursivas que, pressuposta no discurso, pode ser reconstruída a partir das pistas que nele se espalha; é também mediadora entre o discurso e o contexto sócio-histórico e, nesse caso, deixa-se apreender graças às relações textuais [...]” (BARROS, 2002, p. 86).

²⁹ Enunciado “[...] é o objeto-textual resultante da enunciação [...]” (BARROS, 2002, p. 86).

Greimas (1976) assevera que o discurso se constitui, portanto, em um lugar de passagem por onde o *enunciador* – na linguística, sujeito falante – recebe a designação de sujeito do discurso. Nesse caso, para o autor, o sujeito do discurso é dotado de competência discursiva capaz de manipular o sujeito destinatário, tendo em vista, como dito anteriormente, que o discurso pressupõe a comunicação entre dois sujeitos: *destinador* e *destinatário* (GREIMAS, 1976, p. 5).

É nesse sentido que Greimas (1976) propõe o sujeito do discurso como aquele que assume o papel de produtor do discurso, dotado de uma capacidade “[...] que manipula e organiza os termos convocados [...]”, nem que seja apenas para a construção de enunciados que pressupõem um *fazer-saber*, ou *fazer- crer*, ou ainda *fazer-fazer*. Essas categorias *modais* serão retomadas mais adiante neste trabalho.

Greimas e Courtés (2020, p. 144) afirmam que o discurso pode ser verbal, emitido por práticas linguísticas, ou não linguísticas, nesse caso, não verbal. Mendes, Santos e Coelho (2010) explicam que qualquer expressão verbal ou não verbal que se apresente, isto é, um conto, uma carta, uma receita de bolo, uma dança, uma pintura, uma música, um discurso político ou um discurso religioso, enfim, qualquer manifestação se constitui seu *corpus* de análise. Dito isso, passamos à exposição do plano de conteúdo da semiótica francesa.

Fiorin (2017) assevera que, no domínio do conteúdo, o percurso gerativo de sentido oferece três patamares de análise, a saber: *narrativo*, *discursivo* e *fundamental*.

2.1.1 No nível narrativo

Para iniciar o estudo desse patamar semiótico, é importante destacar que propomos analisar as relações de *junção* e *transformação* e os *valores modais* no nível narrativo. Greimas (2014, p. 33-38) demonstra que as pessoas se movimentam em função dos valores investidos nos *objetos*. O autor exemplifica afirmando que a compra de um automóvel nem sempre é realizada tendo o veículo como valor almejado, mas a aquisição pode se dar em função da mobilidade que o bem oferece ou pela representatividade do bem diante de um determinado grupo social. Independentemente do valor investido no objeto, o sujeito poderá entrar em conjunção

ou disjunção com ele. Esse movimento, de acordo com Greimas e Courtés (2020, p. 279), é denominado como relação de junção.

Em relação à sintaxe narrativa e semântica narrativa, Barros (2002, p. 16) explica que “[...] a *sintaxe narrativa* deve ser pensada como um espetáculo que simula o fazer do homem que transforma o mundo [...]”. Nessa etapa, os *actantes*³⁰, os *papéis actanciais*³¹, os *sujeitos* e suas relações com o *objeto de valor* do *destinador-manipulador* e do *destinador-julgador* se manifestam.

Ainda segundo Barros (2001), “[...] o enunciado elementar da sintaxe narrativa será definido pela relação-função entre pelo menos dois objetos actantes [...]”. A transitividade caracteriza a relação do *enunciado elementar*, ou seja, ela comporta um investimento semântico mínimo que, no dizer da autora, se refere à existência que surge a partir da relação entre o sujeito e o objeto (BARROS, 2001, p. 29).

Fiorin (2016a, p. 28-29) apresenta dois *enunciados elementares* da *sintaxe narrativa*. São eles: *enunciados de estado* e *enunciados de fazer*. Os *enunciados de estado* são os que estabelecem uma relação de *conjunção* e *disjunção* com os *objetos de valor*. Já os *enunciados de fazer* são os que mostram as transformações de um *enunciado de estado* a outro. O autor segue informando que há, também, duas narrativas mínimas: a de *privação* e a de *liquidação* de uma *privação*.

Tomando como exemplo o nosso objeto de análise, ou seja, o discurso religioso da AD, a eleição do candidato indicado pela Igreja representa a *conjunção* da Igreja com o seu *objeto valor*, nesse caso, a eleição do candidato; do mesmo modo, também significa o rompimento da Igreja com a condição de não ter um candidato eleito, o que representa *disjunção* (FIORIN, 2016a, p. 29). A passagem de um estado para outro se dá pela *manipulação* em torno do objeto de valor.

Por modalização, Greimas e Courtés (2020, p. 314-315) definem como “[...] o que modifica o predicado de um enunciado, pode-se conceber a modalidade como a produção de um enunciado dito modal que sobredetermina o enunciado descritivo [...]”. Os autores também explicam que quando o ser modifica o fazer, tem-se a *performance*; quando o fazer modifica o ser, tem-se a *competência*; quando o ser

³⁰ Greimas & Courtés (2020, p. 21) afirmam que “[...] o conceito de actante deve, igualmente, ser pensado no âmbito da gramática dos casos (Filmore) em que cada caso pode se considerar como a representação de uma posição actacial [...]”.

³¹ Da mesma forma, Greimas e Courtés (2020, p. 357) explicam que os papéis actanciais “[...] tem um caráter muito mais formal e vem a ser sinônimo de função. Os papéis actanciais constituem o paradigma das posições sintáticas modais que os actantes podem assumir ao longo do percurso narrativo [...]”.

modifica o ser, dá-se a *veridicção*; e quando o fazer modifica o fazer, tem-se a factitiva. Neste trabalho, trabalhamos com as três primeiras modalizações.

Como citado anteriormente, o sujeito é movido pelo valor que reveste os objetos, além disso, os valores circundam entre os sujeitos (BARROS, 2002). A eleição do candidato escolhido indicado pela Igreja representa tanto a *conjunção* da Igreja com o seu objeto de valor, um representante no poder legislativo, executivo e judiciário, como do candidato com o seu *objeto valor*, nesse caso, o mandato. O discurso sobre o candidato pode ser modalizado de modo que projeta o simulacro³² no destinatário que o postulante possa ter recebido a *competência* para exercer tal função, exemplo: “nós — homens de Deus — impomos as mãos sobre ele para que seja um instrumento de Deus naquela casa”, referindo-se ao candidato da Igreja.

Ou então, no mesmo exemplo, a modalização pode ser pensada pela perspectiva da *performance*: “o teu testemunho de crente e suas ações de homem de Deus farão de você um político diferente naquela casa, exatamente porque o Senhor te ungiu”. E por fim, há a possibilidade de que o discurso simule o parecer de sentido de que o político é a representação da divindade: “você é o representante de Deus naquele lugar”. Nos três exemplos criados para essa exposição, temos: *competência*, *performance* e *veridicção*. Sobre essa última, tratamos mais adiante, mas no parágrafo a seguir, vamos contemplar os programas narrativos apresentados por Barros (2001).

De acordo com a autora, a comunicação entre os *enunciados de fazer* e *enunciados de estado* definem o *programa narrativo*. Para a nossa compreensão, Barros (2001, p. 32) apresenta os seguintes *programas narrativos*:

- a) Os de natureza de junção — conjunção ou disjunção — que determinam os programas de aquisição e de privação de objetos de valor [...].
- b) O valor investido no objeto — modal ou descritivo — que define, no primeiro caso, programas de transformação de competência e de

³² Na obra *Introdução à linguística I: objetos teóricos*, organizada por José Luiz Fiorin, Barros (2019, p. 44) define simulacro como “[...] representações das competências respectivas que se atribuem reciprocamente aos participantes da comunicação e que intervêm como algo prévio, necessário a qualquer relação intersubjetiva. Os simulacros são objetos imaginários que os sujeitos projetam e que, embora não tenham nenhum fundamento intersubjetivo, determinam de maneira eficaz o comportamento dos sujeitos e as relações entre eles [...]”. Em resumo, é a imaginação que um sujeito faz, ou em relação a um objeto, ou a outro sujeito.

- alteração de estados passionais, e no segundo caso, programas de *performance*³³.
- c) A complexidade do programa narrativo — simples ou complexo — e a relação entre os programas que o constituem (os programas, em geral, são complexos, constituídos por mais de um programa, hierarquizado: um *programa narrativo de base*, que exige a realização prévia de outros programas, pressupostos, denominados *programas narrativos de uso* [...]).
 - d) Relação entre os sujeitos, actantes narrativos, e os atores discursivos: os dois sujeitos, do estado e do fazer, podem ser assumidos por um único ator, ou por dois atores diferentes [...] (BARROS, 2001, p 32-33 – itálico do autor).

Combinadas as etapas, têm-se: a e b, programas de *aquisição transitiva* ou por *doação*, de *aquisição reflexiva*, ou por *apropriação*; de *privação reflexiva*, ou por renúncia. Sendo assim, segundo Barros (2001, p. 33), evidenciam-se os seguintes programas: PN¹, programa de doação; PN² de espoliação; PN³, de renúncia e PN⁴, de apropriação. Nessa etapa, se os critérios a e d forem combinados, ocorrem programas de aquisição transitiva. Tendo percorridas as relações de junção, transformação e valores modais do patamar narrativo, passaremos à exposição do nível discursivo.

2.1.2 Nível discursivo

Para Barros (2002, p. 53), o nível discursivo é o mais superficial e complexo do percurso gerativo. Nele, os valores com os quais os sujeitos entraram em *conjunção* ou *disjunção* no nível narrativo se revestem de concretude e se tornam mais próximos da manifestação. Por exemplo: a riqueza com a qual o sujeito do fazer quis entrar em *conjunção* no nível narrativo, nesse, pode ser vista como uma herança recebida, ou um bilhete de loteria premiado, e assim por diante (FIORIN, 2016a, p. 89-96).

Fiorin (2016a, p. 55) afirma que todo enunciado pressupõe uma *enunciação*, haja vista que nenhum *enunciado* se projeta sozinho. É nesse sentido que o sujeito da enunciação faz uma série de escolhas relacionadas à noção de pessoa, espaço e tempo na construção do discurso. Esses elementos permitem criar efeitos denominados pelo autor como efeitos de proximidade ou afastamento. A proximidade é conceituada pelo linguista como *debreagem enunciativa*; já o distanciamento, como

³³ Segundo Greimas e Courtés (2020, p. 363), a *performance* deve ser interpretada como um ato de fazer-ser. “[...] uma transformação que produz um novo ‘estado de coisas’ [...]”. Os autores asseveram que a *performance* está condicionada pela modalização originária da *competência* do sujeito transformador e pelo crivo modal do dever-ser (necessidade ou impossibilidade).

debreagem enunciva. Em linhas gerais, é nesse nível e por meio dessas construções que se compreende quem fala, de que lugar fala e de que tempo fala (FIORIN, 2016b).

Ainda segundo o autor, outra categoria desse nível apresentada se refere à relação entre o *enunciador* e o *enunciatário*. Nela, o *sujeito da enunciação*, objetivando manipular o *enunciatário* a aceitar seu enunciado como verdade pode dar diferentes formas ao enunciado. A forma culta³⁴ do uso da língua atribui o parecer de intelectual, a forma científica, de pesquisador, até mesmo a linguagem utilizada por grupos específicos, como a dos evangélicos, pode atribuir o sentido de participante desse setor da sociedade. Há também, nesse patamar, os temas e figuras.

Os temas e figuras revestem os enunciados no domínio da semântica discursiva. Barros (2002, p. 68-71) afirma que as tematizações devem ser pensadas como valores abstratos assumidos pelo sujeito, que são organizados em percurso. A autora assevera que, para se perceberem os temas, é necessário observar a recorrência de semas no discurso. São eles que tornam o discurso coerente.

Ainda no dizer da autora, os traços semânticos são recorrentes e permitem a formulação de um percurso. Os percursos temáticos, por sua vez, resultam da formulação abstrata dos valores narrativos e são revestidos pela figurativização semântica. Sobre figuras, Greimas (2014) assevera que, no enunciado, uma figura se encontra com outra e ambas geram possibilidades de diferentes leituras isotópicas. Para Greimas:

Figuras não são objetos fechados em si mesmos, mas estendem a todo instante seus percursos semêmicos, e que ao encontrar e se conectar a outras figuras aparentadas constituem como que constelações figurativas dotadas de uma organização própria. Para tomar um exemplo familiar, a figura do sol organiza em torno de si um campo figurativo que comporta *raios, luz, calor, ar, transparência, opacidade, nuvens* e etc. [...] elas transcendem facilmente e constroem uma rede figurativa relacional que perpassa sequências inteiras e assim constituem as configurações discursivas (GREIMAS, 2014, p. 72 - itálico do autor).

Ainda segundo o autor, deve-se atentar para os papéis temáticos sugeridos pelas figuras, porque o emprego de uma figura com determinado papel temático pode

³⁴ De acordo com Flávia Neves, professora de português, “[...] a norma culta se refere ao conjunto de padrões linguísticos usados habitualmente pela camada mais escolarizada da população. Define-se como a variação linguística utilizada por pessoas que vivem em meios urbanos e que possuem elevado nível de escolaridade, em situações formais e monitoradas de comunicação falada ou escrita [...]”. Disponível em: <https://www.normaculta.com.br/norma-culta/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

provocar diferentes percursos figurativos. Greimas (2014, p. 75) explica que, ao usar a figura de um sacerdote, do sacristão ou de um coroinha, a variante nas leituras isotópicas será certa, porque o modo de atuar e a localidade de atuação de cada um dos exemplos é diferente. É nesse sentido que Barros (2002, p. 72) explica o processo de figurativização. Para a autora, a figurativização se dá na aplicação de figuras que dão efeito de verdade, de realidade nos temas. Num tema de eleição de políticos religiosos, as figuras da Bíblia, da imposição de mãos sobre o candidato e da unção com óleo, podem criar o efeito de verdade de que o determinado candidato escolhido pela Igreja, de fato, foi escolhido pela divindade. Em nosso objeto de análise – o discurso político-partidário da AD –, a concretização do discurso pode ser visualizada na eleição do candidato. Tendo exposto o nível discursivo, no próximo tópico vamos discorrer sobre nível fundamental do percurso gerativo de sentido.

2.1.3 Nível fundamental

Barros (2002, p. 9) afirma que no nível fundamental se observam as abstrações contidas no texto. A autora completa que, nesse nível, “[...] a significação aparece como uma oposição semântica mínima, por exemplo: verdade *versus* mentira, Deus *versus* Diabo, céu *versus* inferno e assim por diante [...]”. Essas categorias correspondem ao primeiro patamar dos níveis de abstração.

Fiorin (2016a) corrobora com Barros (2002) e acrescenta outros dois níveis de abstração. Usando como exemplo o *Apólogo dos Dois Escudos*, de José da Silva Ramos, o autor apresenta dois cavaleiros armados com seus respectivos escudos, que se encontram pelo caminho, mas, divergem sobre o material usado na sua produção, por causa das perspectivas de cada um. Enquanto para um dos cavaleiros o seu escudo fora fabricado em ouro, para o outro, que vinha de encontro, o instrumento era de prata. Embora, como declara o autor no exemplo que deu, os dois escudos fossem de ouro, não houve consenso entre eles e uma batalha foi travada. Como conta o autor, ao final da batalha, os cavaleiros concluíram que a divergência não passava de uma visão limitada que tiveram dos objetos, e que ambos eram de ouro. Portanto, ambos passaram de um estado de não saber para o saber.

Retomamos Barros (2002) para dizer que as categorias fundamentais podem assumir valores *positivos eufóricos* ou *negativos disfóricos* no enunciado. A depender

dos objetivos estabelecidos pelo enunciador, o conhecimento transmitido por meio de um discurso pode ser recebido como positivo ou negativo pelo enunciatário. Para isso, é necessário que haja um *contrato fiduciário*, isto é, um *fazer-saber enunciativo* e um *fazer-criar*, modalidades já exploradas no nível narrativo.

Compreendidas as bases que sustentam a teoria semiótica, desde a *semântica estrutural* até os estudos sobre as funções *isotópicas* do nível discursivo, no próximo tópico abordamos como a semiótica compreende o discurso político-partidário e o discurso religioso, objeto de análise desta pesquisa. É importante tratar desse tema agora, porque mais adiante, no capítulo de análise, retomamos conceitos semióticos de análises e os aplicamos na análise do nosso objeto. Do percurso gerativo de sentido, partimos para o discurso político-partidário e o discurso religioso.

2.2 Discursos de veridicção: o político-partidário e o religioso

Greimas (2014) instrui que o discurso de *veridicção* não é aquele que diz a verdade, mas que carrega elementos que o fazem ser interpretados como verdade. Em geral, as marcas de verdade carregadas no discurso pelo *enunciador manipulador* terão efeitos diferentes em contextos diferentes. Barros (1985, p. 159) explica que o “[...] enunciador não produz discursos verdadeiros ou falsos, mas cria efeitos de sentido de verdade ou de falsidade, que parecem verdadeiros [...]”. É a partir da base estabelecida no contrato de *veridicção* que o parecer verdadeiro é interpretado como ser verdadeiro. Tanto o discurso político quanto o religioso trabalham no campo da veridicção. No entanto, para iniciar nosso estudo sobre esses discursos, vamos entender cada um deles e como trabalham.

De acordo com Fiorin (2013), o discurso político trabalha no campo da fidiúcia, é modalizado pelo poder-fazer e tem parâmetros de parcialidade. Ao contrário do religioso, que é atemporal, o político é válido por um tempo e um espaço. É um discurso que se pretende verdadeiro, mas não universal. Ele está imerso na história, não anuncia o seu fim e pretende compreender a demanda da população.

O discurso político pode se caracterizar como verdade e ser aderido pelo destinatário. Em geral, esse tipo de discurso personaliza a credibilidade daquele que pretende alcançar o poder. Ao pensarmos o discurso político-partidário, na perspectiva da semiótica, logo surge o questionamento: como o *simulacro* dos

políticos se constrói, de modo que atravessam eleitores em busca de seus votos ou de apoio em suas causas? A questão está nas marcas que os discursos carregam. Essa temática foi abordada por Fiorin (1988) na pesquisa intitulada *O Regime de 1964: discurso e teoria*.

Fiorin fez análise dos níveis narrativo e discursivo de discursos de presidentes, sobretudo, da construção do parecer do sentido de comunização à nação brasileira. Na obra, o autor buscou demonstrar a inconsistência dos discursos apreciados e, com isso, forneceu bases para que pesquisadores pudessem tomar proveito e dar sequência, produzindo novas pesquisas. Neste tópico, tomamos seu trabalho como aporte para introduzir o objeto de análise, o discurso da AD nas eleições de 2018 e de 2022.

Como destacado na Introdução deste trabalho, o objeto deste estudo não se refere apenas ao discurso político-partidário, mas também ao discurso religioso atravessado pelo discurso político-partidário, sobretudo, no contexto das eleições presidenciais de 2018 e de 2022. No entanto, por se tratar de discurso de *veridicção*, dividimos este tópico em duas partes: na primeira, tratamos do discurso político, sobretudo, no contexto da abordagem de Fiorin (1988); e na segunda, do discurso religioso.

Ao longo do desenvolvimento do tópico, propomos estabelecer diálogos com textos de autores ligados a outras áreas do conhecimento que tratam dessa temática, dentre eles, Freston (1993), que apresentou estudos sobre a convergência dos evangélicos para o campo político, e com os estudos de Ciências Políticas de Figueredo Filho (2020), que estudou a militância de evangélicos em apoio a candidatos concorrendo a cargos eleitorais. Começamos pelo trabalho de Fiorin (1988).

Segundo Fiorin (1988, p. 23), o discurso político se estrutura em dois eixos: de situação e de oposição. O primeiro é o de prestação de contas, nesse caso, o discurso tem o objetivo de persuadir o detentor do poder, o povo, para que o *sancione positivamente* na eleição, reconduzindo-o ao cargo desejado. Já o segundo, o de oposição, atua no intuito de *sancionar negativamente* o candidato da situação, a fim de que ele entre em *disjunção* com o cargo pretendido. Segundo o autor, os manipuladores conflitam entre si em eleições.

A narrativa da oposição do presidente João Goulart, de acordo com Fiorin (1988), dizia que o Brasil estava entrando em *disjunção* com o capitalismo, para entrar

em *conjunção* com o comunismo. O discurso da oposição foi estruturado a fim de gerar o parecer de sentido de que o País estava entrando em *disjunção* com a ordem, entrando em *conjunção* com a desordem.

Segundo o autor, os militares não queriam que Jango (abreviação do nome João Goulart) assumisse o cargo, quando da renúncia de Jânio Quadros. Por essa razão, depois da posse do novo presidente, os militares promoveram ações que resultaram na derrubada de Jango, liberando o caminho para que comandassem o País durante 21 anos. No entanto, é importante destacar que, para que a manobra fosse realizada, o discurso religioso da época, originário de diferentes setores do cristianismo brasileiro, contribuiu para a instauração do regime militar. Sobre o posicionamento da Assembleia de Deus nesse período, falamos mais adiante. Agora, porém, continuamos conceituando o discurso político, e sobre ele Fiorin (1988, p. 144) afirma:

O discurso político é um discurso de busca de poder. No entanto, deve ele afirmar um querer-ser e um saber-fazer do enunciador, ou seja, o político que busca o poder deve afirmar seus desejos de ser investido do poder e sua capacidade (saber) de se satisfazer às necessidades e reivindicações dos atores sociais. Afirmando seu querer e seu saber, solicita ao povo que lhe dê o poder.

Ao pensar no discurso político-partidário no prisma da semiótica francesa, compreendemos que, em eleições, sempre haverá um conflito de manipuladores. O candidato, isto é, o *sujeito do fazer*, é possuidor de um programa de governo que propõe convencer o povo, dotado do poder do voto, com o qual o candidato pretende entrar em *conjunção*. Seu objetivo nessa fase é estabelecer o contrato *veridictório*, isto é, o *fazer-criar*. Caso o povo, destinatário nessa ação, acredite no discurso do candidato, o contrato será validado e *sancionado* positivamente por meio da eleição do candidato (FIORIN, 1988, p. 23).

Assim se altera o nível de *competência*, nesse caso, o povo como o *destinador* doa *competência* — *poder-fazer* — ao candidato, que por um tempo determinado exercerá seu mandato em nome do povo. Segundo Fiorin (1988), no primeiro momento, o povo é o *destinatário*, alvo do discurso político do candidato, mas, no segundo momento, será o *destinador*, porque dele emana o poder.

Barros (2002) corrobora com Fiorin, afirmando ser nesse nível narrativo que depreendemos os mecanismos de manipulação contidos no discurso. Para Fiorin

(2016a, p. 29), “[...] na fase de manipulação, um sujeito age sobre o outro para levá-lo a um querer e/ou dever fazer alguma coisa [...]”. Em relação ao discurso político, o *valor modal do querer-fazer e dever-fazer*, é primeiramente articulado na estrutura da apresentação de campanhas eleitorais, programas de governos e até do discurso de descumprimento de contrato, como veremos mais adiante (FIORIN, 1988). De toda forma, no nível narrativo, veem-se sujeitos provocando mudanças de estados em busca de valores investidos nos objetos, além disso, os papéis e os valores com os quais se quer entrar em *conjunção* se alternam entre os sujeitos (BARROS, 2002, p. 17).

Ao falarmos do discurso político, depreendemos que ele pode demonstrar aspectos culturais, históricos, esportivos e até religiosos. De acordo com Alencar (2020), “[...] No Brasil, uma eleição pode ser ganha ou perdida dependendo de como se instrumentaliza Deus [...]”. Sobre essa característica religiosa no discurso político, que motivou a produção desta pesquisa, tratamos mais à frente. Agora, porém, vamos nos deter um pouco mais no discurso político-partidário na perspectiva da semiótica discursiva.

O discurso político-partidário combina as modalidades *poder-fazer-querer*, que operam no *sujeito de estado* a transformação de *poder-fazer-saber*, que se conclui em *poder-fazer-dever-crer*. Em linhas gerais, no primeiro momento, o político *destinador* busca o *objeto de valor*, o voto, e para isso apresenta o plano de governo ao *destinatário*, o povo, dono do voto que pode elegê-lo. No segundo momento, o povo, como *destinador*, depois de crer na proposta apresentada pelo político, *sanciona* positivamente o discurso do candidato com o voto (FIORIN, 1988).

Ao falar de discurso *veridictório*, como tratado no início deste tópico, segundo Greimas (1976), tanto o discurso político-partidário quanto o religioso são discursos de *veridicção*. Segundo o autor, “[...] a modalização *veridictória* está totalmente ligada à atividade do sujeito discursante [...]”. Desse modo, o estatuto que rege esses modelos de discursos é o de verdade.

Por isso, Greimas assevera que o discurso *veridictório* apresenta pelo menos duas outras características, a saber: a *coerência* e o *saber* do sujeito. A primeira está ligada à estruturação linguística do sujeito discursante, enquanto *actante enunciador*. A organização discursiva é capaz de gerar, além da *isotopia racional* produzida pela colocação das verdades no discurso, a *isotopia paralela*, isto é, o *actante-manipulador*

organiza seu discurso político coerentemente capaz de fazer com que o *actante-interpretador* veja não apenas a verdade racional, mas a paralela.

O segundo ponto se relaciona com o conceito de *saber*. O destinador desenvolve seu discurso e, por meio da *debreagem actancial*, procura:

[...] camuflar com a construção impessoal o sujeito da enunciação que garante a verdade de p, ao mesmo tempo em que o predicado “é verdade” não passa de uma maneira indireta de dizer eu sei. Em outras palavras, se a produção de um enunciado assertivo como:

p = a terra é redonda

pressupõe o ato de fala produtor desse enunciado, podendo ser explicitado como:

(eu digo que) a terra é redonda (GREIMAS, 1976, p. 13-14).

Com isso, o sujeito *enunciador* se coloca como agente mediador e transforma aquilo que sabe em um *fazer-saber*. Se atingido o objetivo do discurso, como dito anteriormente, o candidato é dotado do *poder-fazer* mediante assinatura do contrato, a eleição (FIORIN, 1988).

No entendimento do autor, o destinador assinará o contrato nas eleições concedendo uma via de acordo unilateral: o de *poder-fazer* e de *não-poder-não-fazer*. Agora, no papel de *destinatário*, o candidato terá de cumprir o primeiro, isto é, a proposta apresentada no plano de governo, afinal, esta lhe permitiu adquirir *competência* para representar o *destinador*, o povo, nas casas de leis. Já o segundo encontra-se no fato de que o destinatário não poderá não cumprir o que foi proposto no plano de governo. Dessa forma, depreendemos que o destinatário terá uma liberdade vigiada (FIORIN, 1988).

Em nosso objeto de análise, o discurso político e religioso nas eleições presidenciais de 2018-2020, para que o possível eleitor crie conexões com o discurso do político, como fez Jair Bolsonaro em 2018, os *objetos de valor* foram alistados na sua estrutura segundo a Bíblia. É aí que Greimas (2014) fornece o *estatuto semiótico do valor*.

Nesse caso, há um poder *enunciativo* do *destinador manipulador* de fazer com que o eleitor, *sujeito de estado*, passe a acreditar no que se diz, e não apenas isso, mas querer que as transformações propostas no plano de governo (*poder-fazer-querer*) sejam, de fato, as melhores para o momento. Se o discurso foi aceito como

verdade, o *enunciatório*, agora, na condição de *destinador*, valida o contrato por meio da modalização do *poder-querer-fazer*.

Em relação ao discurso religioso, Fiorin (2013, p. 23-26) afirma que esse é um discurso que se propõe a explicar a totalidade do mundo partindo da exposição de como a divindade criou o universo, a vida, a consciência, o motivo do sofrimento e a passagem para a eternidade. Diferentemente do discurso político, o discurso religioso não tem um tempo definido, ele é atemporal. Além disso, ele também não se limita a um espaço, por isso, é válido para todos os tempos. A eternidade, segundo o autor, é sua temporalidade e proclama o fim da história. Por essa razão, esse discurso trabalha na ordem do *fazer-criar*.

Ainda segundo o autor, o discurso religioso traz consigo a marca da divindade como enunciador. A verdade enunciada pelo enunciador é inquestionável, e é sempre o enunciador primeiro do enunciado. Torresan (2007) assevera que a complexidade desse modelo de discurso tem fomentado pesquisadores de várias áreas do conhecimento a desenvolverem estudos objetivando sua compreensão.

Retomando Fiorin (1988), o autor explica que a complicação está no fato de que o discurso religioso se fundamenta na Bíblia, e ela apresenta discursos proféticos, evangélicos, apocalípticos, epistolares etc. Ele acrescenta que o discurso teológico e o discurso militante, o discurso místico, o discurso litúrgico da prece, também são discursos religiosos.

Silva (2020, p. 24) apresenta gêneros que compõem o discurso religioso, dentre eles se destacam: “[...] a) fragmentos de epopeia; b) narrações históricas; c) listas genealógicas; d) narrações episódicas ou romanceadas; f) sermões; g) textos legislativos; h) poemas; i) orações; j) ensaios filosóficos; k) cantos de amor; l) cartas [...]”, enfim, a autora acrescenta que o cristianismo se modula pela Bíblia, afinal, ela se constitui na inspiração divina para esse grupo social, de modo que, não apenas a Escritura Sagrada recebe esse tratamento, mas a interpretação que se faz dela também.

Torresan (2007) explica que em decorrência de sua inspiração divina, o discurso religioso se coloca na esteira do discurso totalitário, porque a divindade é *destinadora*, e o homem é o *destinatário*. Isso difere do discurso político-partidário, em que os *papéis actanciais* se invertem, e o político que hora é *destinador*, e, depois de eleito, *destinatário*. É bom lembrar que, no campo político, todo poder emana do povo; mas no campo religioso, a divindade será sempre a detentora do poder.

Todavia, a aceitação da mensagem por parte do *destinatário* promoverá *sanção positiva*, podendo-se alterar a *competência* de *destinatário*. Sobre isso, Fiorin (1988, p. 140) assevera que:

O discurso religioso opera sobre a dimensão cognitiva, exercendo um fazer persuasivo, que propõe ao homem (destinatário) a execução de um fazer, ou seja, propõe um dever-fazer. É o discurso do fazer-dever-fazer [...]. Por outro lado, o discurso comunica um saber sobre o destinador (a divindade). Mostra que sua competência é totalizadora (onipotente e onisciente). A sua vontade não está submetida a de nenhum outro mandante ao qual ele é o executante. Recebendo o discurso e aderindo a ele, o destinatário tem a modalidade do dever e do saber. O poder também tem origem nesse destinador. O próprio /poder salvar-se/ foi dado ao homem por meio do sacrifício de seu Filho, que desfez o dano primordial. O poder é delegado ao homem e suas ações terão sucesso à medida que decorrerem da vontade inscrita anteriormente pelo destinador. Só há o querer desse destinador.

Portanto, o discurso religioso tem a divindade como enunciador, e o enunciado primeiro e inquestionável. Por essa razão, questionamos: de que modo o discurso religioso deixa o campo religioso para avançar ao campo político? Fiorin (2013) classifica essa movimentação como sacralização do discurso político. Para o autor, uma das formas de sacralizar o discurso político é a participação do líder ou do representante religioso na legitimação do poder político.

Ainda segundo o autor, um exemplo pode ser visto nas monarquias, quando a participação dos religiosos legitima a autoridade política. Em outros casos, Fiorin (2013) cita que os antigos faraós do Egito se constituíam em divindades, ou então, se declaravam a encarnação da divindade. Em seu estudo, Fiorin oferece três pontos que demonstram o movimento discursivo em busca de sacralizar o discurso político, a saber: (i) o estabelecimento de uma gramática das religiões, nesse caso, símbolos são estabelecidos com o intuito de transmitir a ideia de autoridade, por exemplo: suástica, martelo e foice, bem como outros que exercem a mesma função; (ii) a deificação do líder que personifica a entidade divina a fim de submeter os indivíduos pessoal e coletivo; e (iii) dar contornos de absolutização ao que está sendo exposto, de forma que não se pode questionar, afinal, trata-se de um ponto único e inquestionável.

Parafraseando Fiorin (1988), o discurso religioso opera sobre a modalidade do fazer-crer, exatamente porque o enunciatário do discurso é a divindade, que é

inquestionável, mesmo quando o discurso se coloca no campo político. Em seu estudo, o autor fornece exemplos de como o discurso dos militares foi sacralizado; por essa razão, nos próximos parágrafos, visando construir pontes para o capítulo de análise de nosso objeto, fazemos um recorte histórico do discurso político da AD, sobretudo, no período do regime militar.

Diferentemente de outras denominações cristãs, que cooperaram na instauração do regime militar, sobre a alegação da implantação do comunismo e da desordem, a AD se manteve em silêncio. O pesquisador Freston (1993) classifica a atuação dos evangélicos no cenário político nacional como discreto até as décadas de 1930, mas que foi efervescido a partir de 1964. O autor também explica que a participação dos pentecostais³⁵ na política era pouco visível, devido à autoexclusão. Entretanto, esse cenário sofreria mudanças, e os pentecostais passariam a querer ter mais influências no cenário político nacional.

De acordo com Almeida (2016), no período do regime militar, a Assembleia de Deus se manteve em silêncio por cerca de quatro anos. O autor corrobora com Freston (1993) ao afirmar que, até aquela década, a instituição se detinha na exposição do discurso religioso. Naquele período, a AD já mantinha o seu principal meio de comunicação, de circulação nacional, o jornal *O Mensageiro da Paz*, que não fez nenhuma menção aos acontecimentos ocorridos no Brasil, como a deposição do presidente da República.

Almeida (2016) questiona a instituição por não emitir nenhuma nota sobre os acontecimentos nem informar os seus leitores, mas alega que é possível que aquelas pautas não fossem interessantes para os redatores do jornal. O autor se fundamenta no fato de que o veículo já havia destacado eventos políticos em números anteriores, como a participação do governador José Sarney, num culto em Vargem Grande, no estado do Maranhão.

Outro ponto levantado pelo autor indica que, entre os anos de 1964 a 1967, o jornal da instituição publicou por duas vezes artigos com conteúdo que tratava sobre o comunismo como uma ideologia a ser combatida. Mas a partir de 1968, o veículo publicou a entrevista de Lewi Pethrus, que advertia os cristãos por não se atentarem

³⁵ Os pentecostais são distinguidos pela ênfase dada aos dons espirituais, curas e libertação, sendo que o falar em línguas é a evidência do batismo no Espírito Santo. Segundo o autor, sociologicamente, os pentecostais se definem pela evangelização (FRESTON, 1993, p. 2).

a todas as questões pertencentes à sociedade, sobretudo, aquelas que diziam respeito às necessidades dos menos favorecidos.

Almeida (2016) afirma que, até aquele momento, a AD não tinha nenhum representante na câmara dos deputados. No entanto, segundo o autor, o jornal *O Mensageiro da Paz* apresentou outra matéria naquele ano, a do pastor Abraão de Almeida, que refletia sobre as candidaturas que se apresentavam até então, já que se aproximavam as eleições. Desse modo, segundo o autor, por meio de seu principal jornal, que manteve seu objetivo inicial de divulgar conteúdos evangélicos, os editores do veículo adicionaram matérias jornalísticas e outros gêneros textuais, fizeram o povo pensar em seu comportamento, reorganizaram a instituição politicamente e lançaram assembleianos para a corrida eleitoral.

Como pudemos acompanhar neste tópico, o discurso político e o religioso são categorizados como discursos de verdade. O discurso político é modalizado pelo *querer-ser* e um *saber-fazer*. O *sujeito destinador* oscila entre o candidato e o povo. No primeiro momento, o candidato é o *destinador*, enquanto o povo, dono do voto, destinatário; no segundo, o povo é o *destinador*, e o candidato destinatário. O contrato é a eleição, e a *sanção* pode ser *positiva* ou *negativa*. Se positiva, o candidato será eleito, se negativa, entrará em disjunção com a condição de eleito.

Por outro lado, abordamos o conceito de discurso religioso. Demonstramos que tanto o discurso religioso como o político, em sua estrutura, carregam marcas que sugerem o parecer de sentido de verdade. Também vimos que o discurso religioso é complexo, por ser pautado na Bíblia e carregar diferentes temas e diferentes gêneros discursivos, demonstrando ainda que os agentes-actanciais não se alteram. Isto é, na relação de poder, a divindade sempre será o destinador, enquanto o homem, destinatário (FIORIN, 1988). No próximo capítulo, propomos analisar semioticamente discursos de pastores da AD, exclusivamente, de José Wellington Bezerra da Costa e José Wellington Costa Junior.

Nossa análise segue a seguinte metodologia: para cada discurso, em primeiro lugar, incluímos uma captura de tela, extraída da plataforma YouTube, seguida da transcrição do referido discurso de cada pastor assembleiano selecionado para compor o *corpus* deste estudo. A análise se propõe a captar o parecer de sentido do plano de conteúdo, seguindo a seguinte ordem: narrativo, discursivo e fundamental.

3 ANÁLISE DO PLANO DE CONTEÚDO DOS DISCURSOS DE PASTORES DA ASSEMBLEIA DE DEUS

As eleições de 2018 e de 2022 para a presidência da República foram decididas no segundo turno. De um lado, estavam os candidatos do Partido dos Trabalhadores (PT), a saber: Fernando Haddad, em 2018, e Luís Inácio Lula da Silva (Lula), em 2022; de outro lado, Jair Bolsonaro, como candidato pelo Partido Social Liberal (PSL), em 2018, e pelo Partido Liberal (PL), em 2022. Nos dois pleitos, Jair Bolsonaro conseguiu apoio de boa parte do setor evangélico, como citamos na Introdução deste trabalho.

A nossa análise se concentra em recortes de discursos dos pastores José Wellington Costa Júnior e José Wellington Bezerra da Costa, ambos compondo a presidência da CGADB e da ADBelém, em São Paulo. Esclarecendo mais as posições dos pastores na liderança da AD no Brasil, o primeiro pastor, até o momento da produção deste estudo, ocupa a presidência da CGADB e a vice-presidência da ADBelém; já o segundo, foi presidente da CGADB, desde a década de 1980 a 2017 e, até o momento, ocupa o cargo de presidente de honra dessa instituição, além de acumular a presidência da CONFRADESP.

A ordem metodológica de análise dos discursos segue primeiramente pela análise do patamar narrativo, seguido pelo discursivo, finalizando no fundamental do plano de conteúdo. O primeiro discurso foi publicado pela TV AD Brasilândia, em 17 de agosto de 2017.

3.1 Discurso 1 - Pastor José Wellington Bezerra da Costa

No patamar narrativo, como citado no segundo capítulo deste trabalho, vamos analisar o discurso sintática e semanticamente. Sendo assim, iniciamos pelas relações de junção entre os sujeitos de valor e de objeto. O pastor José Wellington Bezerra da Costa está no encontro de pastores da CONFRADESP, realizado na primeira segunda-feira de cada mês, e pronuncia o seguinte discurso:

Figura 1 – Pastor José Wellington Bezerra da Costa



Fonte: AD Brás Brasilândia (<https://www.youtube.com/watch?v=TUmopyxEMuE&t=4s.>)

Meus irmãos, eu queria chamar atenção dos senhores, eu tenho aqui um pronunciamento que eu precisava que todos ouvissem para que ninguém saia daqui enganado. Eu recebi aqui uma pergunta, eu vou responder: “Pastor, por favor, responda, por que os pastores da nossa convenção votaram no presidente Temer?” Aqui o momento não é política, mas eu vou responder.

Meus queridos, todos nós, brasileiros, que temos interesse pela nossa Pátria acompanhamos minuciosamente a administração de nosso País. Isso é uma obrigação daqueles que têm maior responsabilidade com o povo. Pois bem! E todos nós também acompanhamos a campanha feita pela imprensa, irmãos, diante do quadro político que aí está. E, meus irmãos, acompanhando as coisas mais de perto, aquele cidadão que fez uma acusação gravíssima contra o presidente, não sei se os senhores sabem, mas ele é dono de uma das maiores empresas frigoríficas do mundo, mas ele tem como sócio uma pessoa muito pertinho do governo passado. Então há um interesse político muito grande daquela turma que destruiu o Brasil, que levou o Brasil ao estado que nós estamos aqui, de chapéu na mão, irmãos, aquele grupo que destruiu o Brasil, irmãos, que aí está trabalhando para voltar para o poder.

O momento era esse: se voltar para o Temer, os deputados federais me [perguntaram]: “Pastor, o que é que nós fazemos?” Eu disse: se vocês votarem no Temer, muitos vão dizer que vocês receberam dinheiro. Mas vocês são crentes, não podem e nem devem sujar as mãos, mas se vocês votarem contra o Temer, vocês estarão contribuindo para a volta daquele grupo que destruiu o Brasil. Eles estão aí doidos para voltar. Aquele grupo que a metade, quem não está com a coleira no pé, em casa, está preso, essa que é a verdade, essa é a pura realidade.

Então, meus queridos irmãos, eu disse para aqueles irmãos: olha, nós não podemos colocar as mãos no fogo se Temer deve ou Temer não deve, isso é problema dele, que ele vai responder quando ele sair do governo; quando ele terminar o governo, se ele deve, a justiça vai cobrar dele. Porém, amados, desestabilizar agora, irmãos, é jogar o País mais no fundo do poço do jeito que está. Com certeza, porque o desejo daquela gente era levar o Brasil à situação que está a Venezuela, do jeito que está a Venezuela. Esse é o propósito. Os irmãos sabem que mesmo nessa situação da Venezuela, há poucos dias foi aqui um grupo de um determinado partido político foi à Venezuela para se solidarizar com o governo que lá está, naquele estado de miséria que lá está. A imprensa publicou, vocês viram isso aí.

E nós, na responsabilidade que temos, que amamos o nosso querido Brasil, não poderíamos votar para a volta daquela gente, que destruiu o nosso País. Eu disse aqui, os senhores lembram-se quando no dia da nossa convenção e da posse dos senhores estava conosco o ministro das Finanças, ministro Meireles, eu chamei num canto ali, lá embaixo, só nós dois, conversamos um pouco com ele. Eu disse para ele: Ministro, o presidente Temer, não sei se é santo, se e... o que é... é problema dele. Porém, amados, é o homem certo para o lugar certo no momento certo. Por quê? Ele não tem pretensão política no futuro. Ele está queimado com o povo. Ninguém vota no Temer. É claro! Ele está queimado com o povo! Mas ele é o homem certo para tomar as medidas amargas que o Brasil precisa. Ele não tem compromisso pensando fazer bem feito para voltar amanhã para o poder, não! Mas ele precisa tomar medidas amargas que o Brasil precisa, e é para este momento.

Os irmãos sabem que aí, algumas dessas reformas que estão fazendo aí, dessa lei do INSS, eles têm que arrumar esse negócio, a casa está desarrumada, porque o buraco foi muito grande! A desestabilidade financeira do Brasil é tremenda, tremenda! Começou a melhorar um pouco o dinheiro, a moeda começou a cair um pouco, a inflação começou a cair, alguns empregos começaram a aparecer, mas isso, irmãos, ainda é muito pouco para a situação que aí está. Não devemos de forma nenhuma, irmãos, votar contrário para desestabilizar o Brasil. Por quê? Se os senhores acompanharam, porque eu acompanhei voto por voto, a maior parte foi aquele partido que destruiu o Brasil somado aos seus adeptos. Eu não vou citar aqui nome de partido porque não tenho nada a ver com esse negócio, o nosso negócio é Bíblia. Porém, eu estou respondendo aqui a essa pessoa, e eu quero dizer para esse irmão que me perguntou: eu assumo a responsabilidade de ter mandado os nossos deputados federais votar no Tema [Temer]. Fui eu que mandou! Eu falei com eles e disse: vocês não vão tirar esse homem agora, vai desestabilizar. Vão fazer uma eleição já, é o que está aí, o que eles querem. É a eleição já que vai ganhar, então, diretas já. É voltar o Brasil e entregar na mão dessa gente.

Foi por isso, pensando no Brasil, não tenho nada com o presidente Temer, nunca lhe pedi um favor; nem a ele e nem a nenhum político, graças a Deus. Se tem alguém aí emaranhado com outras coisas, os senhores podem dormir tranquilo, pastor José Wellington, Convenção Geral, CONFRADESP, Belém, nós nunca recebemos nenhum centavo dessa gente, temos a nossa cabeça de pé, glorificado seja o nome do Senhor. De maneira que o Wellington assumiu, aqui está o tesoureiro da convenção, saibam disso: o senhor vai ver lá a nossa a

contabilidade, aliás, o senhor [dirigindo o olhar e apontando para o tesoureiro da convenção] trabalha há muito tempo na contabilidade. Pois bem, nós não temos nenhum compromisso com nenhuma dessa gente. O meu compromisso é orando para o Brasil; é orando para os milhões de desempregados que aí estão. É olhando irmãos para uma dívida tremenda que nós temos, uma situação que estava caminhando, era, na verdade, muito difícil. Mas a resposta está dada. Foi por isso que eu mandei (TRANSCRIÇÃO DO AUTOR).

3.1.1 Análise narrativa

Nesse discurso, o pastor José Wellington Bezerra da Costa responde a um questionamento de um membro da Igreja que solicitou explicação sobre o motivo de os parlamentares ligados à Igreja terem votado³⁶ a favor do então presidente do Brasil, Michel Temer (MDB), em 2017, impedindo-o de ser investigado³⁷ por corrupção passiva. Inicialmente, o *sujeito destinador* é o membro da Igreja que questiona o pastor sobre a razão do voto – o *objeto de valor* é a informação com o qual pretende entrar em conjunção, e o pastor é o destinatário. No entanto, no interior do discurso, os *papéis actanciais* se invertem e novos papéis são assumidos pelos sujeitos.

De *destinador*, o membro questionador passa a ser *destinatário*, da mesma forma que o pastor assume o papel de *destinador*. Como sujeito destinador, o pastor cria o efeito de sentido de que havia riscos de o PT, partido que havia sido retirado do poder em 2016, retornasse ao poder e fizesse o País enfrentar as mesmas crises que a Venezuela enfrentava. Quando ele diz “não sei se os senhores sabem”, o *destinador* cria o *simulacro* de que o auditório desconhece os motivos que provocaram aquele evento e introduz a resposta ao questionamento, sugerindo que (i) o acusador do presidente Michel Temer é “dono de uma das maiores empresas de frigorífico”; (ii) que “tem como sócio uma pessoa muito pertinho do governo passado”, isto é, Lula; e (iii) que esse grupo deixou o “Brasil de chapéu na mão”, isto é, gerou crise profunda no País. Com isso, o parecer de sentido é que o conhecimento sobre a corrupção e a

³⁶ Sobre a votação dos parlamentares que livrou Temer da investigação, conferir em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/08/os-nomes-dos-deputados-que-salvaram-michel-temer-na-camara.html>. Acesso em: 22 dez. 2022.

³⁷ O então presidente da República em 2017, Michel Temer, sofreu um pedido de investigação da Procuradoria Geral da República por corrupção passiva. O pedido foi feito pelo então Procurador Geral, Rodrigo Janot. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/pgr/noticias-pgr/pgr-denuncia-michel-temer-e-rodrigo-loures-por-corrupcao-passiva-1>. Acesso em: 22 dez. 2022.

miséria se constituem no *objeto de valor* com o qual o *destinador* pretende fazer com que o *destinatário* entre em conjunção.

Logo após, ainda na condição de *destinador-manipulador*, o pastor sugere o parecer de sentido de que mantém relação conjuntiva com parlamentares da câmara federal, em Brasília, sobre quem exerce autoridade, sobretudo, em assuntos que requerem responsabilidade na decisão, como a que está em questão, por isso diz que os parlamentares não sabiam o que fazer em relação à matéria. Além disso, ele incluiu no discurso a figura de Henrique Meireles, ministro do Governo Temer na época, que esteve na igreja durante um evento e com quem teve oportunidade de conversar num “canto” da igreja sobre o presidente Temer. Com isso, o destinador cria o simulacro de alguém que também tem relação de proximidade com o governo.

Ainda na condição de destinador, o pastor cria o parecer de sentido de ter conhecimento sobre a economia do País e das reformas de que precisa. Para isso, assevera que, mesmo não tendo aprovação popular, o presidente Temer é a pessoa certa para ocupar a posição certa e na hora certa para tratar de temas certos, como economia, reforma do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), além de manter a estabilidade do País. Depois disso, ele responde ao questionamento, dizendo “fui eu que mandou” os parlamentares votarem em favor do presidente Temer.

No programa narrativo, há várias relações nesse discurso: no PN¹, o Brasil está em conjunção com reformas importantes, como o INSS, estabilidade financeira e a pessoa certa para arrumar a casa que está desarrumada. No PN², a narrativa se constitui na privação do PT, que está em disjunção com o poder, mas pretende deixar o estado disjuntivo para entrar novamente em conjunção com o poder no Brasil. No PN³, há uma transformação dos candidatos que passam do não saber-fazer para o saber-fazer em relação à votação, o que se constitui em doação de *competência*, afinal, depois das orientações do pastor, eles passaram a saber o que fazer. E por último, no PN⁴, acontece o programa de *performance*, ou seja, os parlamentares votaram em favor do presidente Temer. Em relação à natureza de função, como descreve Barros (2002, p. 23), o enunciado se constitui em um programa de *aquisição* por doação de *competência* e de *performance*.

No campo da manipulação, constatamos pelo menos duas categorias de manipulação. Na primeira, os parlamentares são intimidados pela possibilidade de o presidente Temer ser investigado, o Brasil se desestabilizar, o PT voltar ao poder e o País passar pelas mesmas crises que a Venezuela estava passando naquele

momento. Por essa razão, depreendemos que o percurso do *destinador* se constitui como dever-fazer. Ou seja, o *destinador* cria o parecer de sentido de que o voto dos parlamentares da Igreja em favor do presidente Temer foi um dever.

Na segunda, o pastor sugere o parecer de sentido de também manipular o destinatário pelo *dever-fazer*, nesse caso, por *provocação*. O simulacro criado é de que o *destinatário* tem responsabilidade com a Igreja, por isso, precisa acompanhar os noticiários de telejornais a fim de ter conhecimento dos desdobramentos políticos no País e tomar as decisões necessárias nesse tipo de situação.

Ainda no campo da manipulação, compreendemos que o pastor José Wellington Bezerra da Costa cria o efeito de sentido de valorização de si mesmo e a supervalorização dos candidatos da igreja, criando, assim, o efeito de sedução. Em seu discurso, o pastor se apresenta como alguém que tem interesse pela Pátria. Ele também valoriza o seu conhecimento sobre os eventos políticos, destacando-se como minucioso. Em seguida, sugere que os políticos assembleianos não “devem e nem podem” sujar as mãos, criando o efeito de sentido de valorizar a condição moral dos políticos da igreja. Ele também valoriza o período de seu trabalho na presidência da igreja, sugerindo que pastores podem dormir tranquilos e andar com a cabeça em pé, fato que procura validar destacando o tesoureiro da igreja. Em outras palavras, o pastor cria um simulacro positivo de si mesmo e dos políticos da igreja.

No campo da semântica narrativa, o sujeito pastor manipulador torna a permanência de Temer na presidência necessária ao Brasil naquele momento. Na condição de sujeitos virtualizados, isto é, dotados desse conhecimento sobre o cenário político pelo qual o Brasil passava, o destinatário se convence e apoia a decisão do pastor destinador. Além disso, como *destinador-manipulador*, o pastor modaliza o objeto pela moralização, criando o parecer de sentido de nunca, desde que assumiu a presidência da ADBelém, ter usado qualquer recurso financeiro de origem política como motivação para suas decisões no campo político. Ele insere a figura do tesoureiro da Igreja, que poderia testificar e modalizar o destinatário pelo *dever-ser* comprometido com a moral e com a oração pelo Brasil e pelos milhões de desempregados que naquele momento existiam.

3.1.2 Análise discursiva

Nossa análise se detém no campo da sintaxe e da semântica discursiva. Nos primeiros parágrafos da resposta, o pastor, como enunciador-manipulador, cria o efeito de sentido de objetividade a partir da construção inicial do discurso na terceira pessoa. Narrando os acontecimentos envolvendo o então presidente Michel Temer na terceira pessoa, por um lado, ele se distancia dos acontecimentos por meio da *debreagem enunciva*. Há uma oscilação entre *debreagem enunciva* e *enunciativa* no interior do discurso, como pode ser observado nos parágrafos a seguir.

Ainda na condição de *destinador-manipulador* e mantendo o distanciamento por meio da *debreagem enunciva*, o pastor narra a situação do Brasil criando o efeito de sentido de verdade. Por meio desse mecanismo, ele noticia fatos acontecidos no espaço do lá, em Brasília. Esse recurso é utilizado para noticiar fatos, como se faz nos textos noticiosos. Em seguida, ele cria a ilusão de aproximação e busca inserir o enunciatário no cenário narrado, ao sugerir que todos os que amam o Brasil devem acompanhar minuciosamente os acontecimentos no campo político da Nação. Nesse patamar da análise, os papéis actanciais de sujeito também se invertem. Inicialmente, o pastor é o enunciatário, porque recebeu o questionamento de um enunciador, mas, depois, ele assume o papel de enunciador, enquanto o enunciador, o de enunciatário.

A relação de *debreagem*, aproximação e distanciamento, também se alternam entre os sujeitos. Quando o enunciador-destinador constrói o discurso no presente a partir do uso dos verbos *ter* e *acompanhar*, o simulacro criado é o de que os eventos acontecem naquele momento. Além disso, cria-se também o sentido de que os acontecimentos envolvendo o presidente Michel Temer estão sendo acompanhados por ele. Com isso, o enunciador-manipulador ancora o seu posicionamento em favor de Temer no simulacro da verdade e da realidade.

O simulacro da verdade e da realidade se projeta por meio da ilusão que permite comparar o Brasil com a Venezuela. Nessa comparação, o Brasil está sendo arrumado pelo remédio “necessário”, aplicado pelo presidente Michel Temer, que é “o homem certo para tomar as medidas amargas”, necessárias ao País. Ao contrário da arrumação visualizada por meio das reformas realizadas na área econômica do Brasil, sem mencionar dados que permitam compará-lo com a Venezuela, o *enunciador-destinador* diz que o que está acontecendo na Venezuela pode acontecer no Brasil. Com isso, ele fabrica o efeito de conhecer o que está acontecendo nos dois países.

Na sintaxe discursiva, o discurso do pastor José Wellington Bezerra da Costa oferece planos de leituras temáticas, dentre eles, destacamos a relevância da influência pastoral nas decisões políticas. Em outras palavras, o pastor sugere o parecer de sentido de que os pastores devem se preparar para influenciar os parlamentares em decisões importantes do País, além do que os parlamentares devem se aconselhar com os pastores sobre o que deve ser feito no campo político.

No domínio da semântica discursiva, a não investigação do presidente Temer, considerado como valor de objeto no nível narrativo, recebe o revestimento temático de organização, de arrumação, de equilíbrio. No dizer do enunciador, o Brasil será reorganizado politicamente por meio do voto dos parlamentares da Igreja que acataram a determinação do pastor para votar em favor da não investigação do presidente.

3.1.3 Análise fundamental

O patamar fundamental, como já foi mencionado, é o mais profundo do percurso gerativo de sentido da semiótica francesa. Nessa etapa, construiremos nossa análise a partir da sintaxe fundamental e da semântica fundamental. Como disse Barros (2002, p. 10), é preciso identificar os termos que se opõem no eixo semântico, no qual se constrói o sentido do discurso. Nesse caso, o discurso analisado fundamenta-se na oposição da corrupção vs honestidade e destruir vs reconstruir.

A não corrupção representada na atuação do presidente Temer se opõe à corrupção operada durante os governos Lula e Dilma. No campo da contradição, o voto a favor da investigação do presidente Temer significa a continuidade do sistema de corrupção atuante no Brasil até aquele momento. Na relação de asserção, o voto contrário à investigação se constitui na ruptura do esquema de corrupção.

O governo do PT é mencionado no discurso como aquele que destruiu o Brasil, por isso, tem a coleira no pé. Os termos coleira e destruição criam o efeito de valor negativo. Por outro lado, o enunciado “pessoa certa” para arrumar a casa cria o efeito de sentido de reconstrução, ou seja, valor positivo. Em linhas gerais, o enunciado cria a ilusão de que Temer tem decoro, ou seja, não é corrupto, enquanto o PT é corrupto.

No domínio da semântica fundamental, a não investigação do presidente Temer se constitui como valor eufórico. Já o contrário, consideramos como disfórico. Feita a

análise do discurso 1, partimos para o discurso 2, publicado no YouTube pelo canal Ativismo Protestante, em 3 de outubro de 2018.

3.2 Discurso 2 - Pastor José Wellington da Costa Junior

O recorte do discurso que abaixo propomos analisar foi proferido pelo pastor José Wellington Costa Junior, no templo da ADBelém, às vésperas do segundo turno das eleições presidenciais de 2018. Por ocasião do aniversário do pastor José Wellington Bezerra da Costa, um vídeo contendo uma mensagem do então candidato Jair Bolsonaro, parabenizando o aniversariante, foi apresentado aos presentes na reunião. Na ocasião, Bolsonaro se recuperava de cirurgia realizada por conta da facada³⁸ que recebeu enquanto estava em campanha na cidade de Juiz de Fora - MG.

Logo após a apresentação do vídeo contendo o discurso do candidato, o pastor José Wellington Costa Junior disse:

Figura 2 – Pastor José Wellington Costa Junior



Fonte: Ativismo Protestante, 2018 (<https://www.youtube.com/watch?v=IXbJL6zyWII&t=4s>).

³⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>. Acesso em: 19 dez. 2022.

Meus irmãos, vamos aproveitar que estamos em pé assim, a CGADB estabeleceu uma campanha de 30 dias de oração pelo nosso Brasil. Desde o dia 7 de setembro até o dia 7 de outubro, quando acontecerão as eleições. E durante esse período, nós estamos convidando a todos os irmãos da Assembleia de Deus para que orem pelo nosso País; a CGADB está divulgando, e esse é um bom momento que temos, depois de ouvirmos aqui uma saudação de parabéns pelo nosso pastor, de orarmos pelo nosso Brasil, orar pelo nosso País para que o Senhor Deus abençoe a cada eleitor, que nos oriente como devemos votar. Não é?

Nós já temos os nossos representantes na Assembleia Legislativa aqui em São Paulo e na Câmara Federal, lá em Brasília, e o nosso desejo é que eles retornem a essas casas. E, logicamente serão levados por nós. Mas também, oremos e peçamos a Deus uma orientação para votar no presidente da República. Para que nosso País e esse povo não venham sofrer, meus amados, o que os países vizinhos estão sofrendo, e se nós não tomarmos cuidado, o Brasil caminha para isso. Então queria pedir aos irmãos que orem no dia da eleição, 7 de outubro, e saia já decidido a quem você vai confiar os seus votos e vamos orar o Senhor para Deus que continue abençoando nosso País, que é abençoando nosso Brasil. Muito bem, o Paulo está lembrando aqui que até as 17 horas que é pra votar (TRANSCRIÇÃO DO AUTOR).

3.2.1 Análise narrativa

Iniciamos nossa análise descrevendo a narrativa mínima que o discurso oferece. Após a exibição de um vídeo contendo uma mensagem do candidato à presidência da República, Jair Bolsonaro, o pastor — *destinador* — convida o *destinatário* — auditório composto por pastores presidentes e não presidentes da AD — para orar a fim de buscar orientação divina sobre em quem votar para presidente da República.

Na relação de junção, os papéis actanciais de destinador se intercalam entre os sujeitos CGADB, José Wellington Costa Junior e Deus; já o objeto de valor se constitui na eleição dos representantes da Igreja e de Jair Bolsonaro ao cargo de presidente da República. Inicialmente, constatamos que o pastor assume o papel de *interlocutor*, enquanto a CGADB, o de *destinador*. Nesse papel actancial, ele comunica ao *interlocutário* que foi estabelecido um período de 30 dias de oração pelas eleições de 2018, objetivando que Deus, como *destinador*, revele o nome do candidato em quem os assembleianos devem votar.

Retomamos Fiorin (1988), que afirma ser inquestionável o discurso da divindade e, a partir disso, depreendemos que em caso de o nome do candidato ter

sido revelado por Deus na oração, o voto no candidato revelado se constitui um dever para o cristão pentecostal assembleiano. E é por meio do enunciado “nós já temos os nossos representantes na Assembleia Legislativa aqui em São Paulo e na Câmara Federal, lá em Brasília, e o nosso desejo é que eles retornem a essas casas” que compreendemos que o pastor, no papel actancial de *destinador-manipulador*, descreve o *objeto de valor* com o qual pretende conjungir, nesse caso, a eleição dos candidatos escolhidos pela Igreja. Feito isso, partimos para compreender os programas narrativos que o discurso apresenta.

No PN¹, o pastor propõe oração como meio de entrar em conjunção com o objeto de valor representado pelo nome dos candidatos a serem votados pela Igreja; No PN², o auditório é o sujeito do estado que sofrerá a transformação por aderir à campanha de 30 dias de oração; no PN³, a liderança da Igreja já passou pela transformação porque já tem o nome dos representantes aos cargos de deputado estadual e federal, ou seja, eles já oraram e, antes do término do período de oração, os nomes dos candidatos já são conhecidos. No PN⁴, o Brasil é o *sujeito do estado* que será privado do sofrimento que acontece nos países vizinhos.

Retomamos o conceito de discurso religioso apresentado por Fiorin (1988, 2013), mencionado no segundo capítulo deste trabalho, que expõe sobre o discurso religioso possuir a divindade como seu enunciador-destinador e enunciado prioritário, para sugerir que os candidatos que tiveram os seus nomes revelados pela divindade na oração, inquestionavelmente, devem receber os votos dos eleitores assembleianos. Por essa razão, o pastor, agora, no papel actancial de *destinador-manipulador*, cria o efeito de sentido de *fazer-criar* que a divindade se expressa sobre o campo político-partidário.

No PN⁵, o pastor, como sujeito-destinador, sugere o parecer de sentido de que o auditório, destinatário, depois de orar, não pode ter dúvida sobre em quem votar, além de não poder votar contrário à orientação da Igreja, que, em relação ao candidato à presidência da República, se projeta na menção do horário limite estabelecido pela justiça eleitoral para a realização do voto. Como citado anteriormente neste texto, na eleição de 2018, Jair Bolsonaro concorreu pelo PSL usando o 17 na urna eletrônica, por isso, ao mencionar “Paulo está lembrando aqui que até às 17 horas que é para votar”, o *destinador-manipulador* anuncia o nome do candidato a ser votado nas urnas. Com isso, compreendemos que o discurso está modalizado pelo *fazer-criar* e *fazer-fazer*.

Retomando o pensamento de Greimas e Courtés (2020, p. 75-76) sobre *competência*, que pode ser entendida como uma estrutura modal do querer-fazer, ou de “[...] todas as preliminares e os pressupostos que tornam a ação possível [...]”, compreendemos que o destinador-manipulador doa *competência* ao sujeito do estado, o auditório, a fim de fazê-lo querer buscar graça em Deus para votar, isto é, o fazer-fazer, que na semiótica se conhece como *performance*. Nesse sentido, o pastor José Wellington Costa Junior cria o simulacro de que manipula o auditório por meio da prática cristã da oração, a fim de fazê-lo votar no candidato da Igreja.

Num primeiro momento, a manipulação acontece por meio da tentação. Interpretando Barros (2002), o destinador manipula o destinatário com algo que ele não pode ficar sem; a oração é essencial para o cristão, sobretudo para pastores assembleianos. No discurso analisado, se os pastores orarem, da mesma forma que a liderança da igreja já tinha a revelação do nome dos candidatos para ocupar cargos nas Assembleias Legislativas e na Câmara dos Deputados, o auditório também obterá a revelação do nome do candidato em quem votar para presidente da República.

Por meio dessa mesma construção, o pastor também cria o efeito de sentido de valorizar a revelação do nome dos “nossos candidatos”, ao dizer que a diretoria já os tem, criando, com isso, o efeito de sedução. E por fim, ainda nesse campo, o pastor cria o efeito de sentido de manipular o destinatário por meio da intimidação, ao criar o simulacro de que se os pastores não orarem, o nome do candidato indicado por Deus não será eleito, fazendo com que os brasileiros sofram da mesma forma que sofrem os povos dos países vizinhos. Os programas narrativos empregados nesse discurso são os de doação de *competência* e o de aquisição de *performance*.

No campo da semântica narrativa, compreendemos, primeiramente, que as marcas deixadas no interior do discurso se concentram na modalização do ser. Ou seja, depois do período de 30 dias de oração,³⁹ convocado pela liderança da Igreja e com a adesão dos pastores, os candidatos que tiverem seus nomes apresentados aos

³⁹ Para auxiliar na compreensão desse recorte, recorreremos ao conceito de oração para os assembleianos. Segundo Soares (2017, p.145), na Declaração de fé das Assembleias de Deus, a oração pode ser coletiva ou individual em palavras, ou em pensamento, e entre os motivos da prece estão as autoridades. Souza (1969) assevera que na experiência pentecostal, a oração pode ser realizada como meio de preparação para a realização de um culto, durante o culto por um motivo especial, em reuniões específicas, por um período para esse fim. A base para a oração está no entendimento de que, conforme diz o texto de Mateus 21.22: “E tudo o que pedirem em oração, se crerem, vocês receberão”. Portanto, para esse grupo social, a oração é essencial antes de tomar qualquer decisão. E é nesse sentido que o pastor José Wellington Costa Junior impulsiona a Igreja que está presente no templo para orar por um período de 30 dias em favor da eleição presidencial.

assembleianos são os que devem receber os votos; também constatamos a modalização do ter, afinal, o pastor propõe que, se eleito o candidato revelado por Deus, o povo brasileiro não passará por sofrimento, e isso sugere o parecer de sentido de manipulação por sedução.

3.2.2 Análise discursiva

No campo discursivo, no primeiro momento, vamos conferir as projeções de enunciação e os efeitos de proximidade e realidades presentes no texto em análise. Por meio do movimento de *debreagem enunciativa*, o pastor assume o *papel actancial* de *interlocutor* e notifica o *interlocutário*, *papel actancial* exercido pelo auditório, de que “a CGADB estabeleceu uma campanha de 30 dias de oração pelo nosso Brasil”. percebemos que o discurso está na ordem direta, por isso, cria o parecer de sentido de afastamento e de objetividade em relação ao objeto enunciado.

Em seguida, o pastor sugere o sentido de deixar a objetividade para assumir a subjetividade, ao estabelecer as noções de pessoa, espaço e tempo. Por meio do mecanismo de *debreagem enunciativa*, isto é, discurso na primeira pessoa, ele se projeta como enunciação enunciada e delimita as noções de espaço do aqui e do lá. No dizer do enunciador-manipulador, o aqui, Brasil, não pode ficar como o lá, países vizinhos, onde há sofrimentos. E quanto ao tempo, o pastor sugere sentido do agora.

No campo da semântica discursiva, o discurso propõe a isotopia temática da religião e do sofrimento. O tema sofrimento se manifesta nos enunciados que remetem à visualização do “sofrimento dos países vizinhos”, em “se não tomarmos cuidado”, ou seja, se não forem realizadas orações em favor do Brasil, o País “caminha para isso”, isto é, é preciso mudar de direção. Por essa razão, os “países vizinhos” assumem a condição de referência para que os sujeitos do estado não permitam que os brasileiros sofram votando corretamente nos candidatos recomendados pela Igreja.

3.2.3 Análise fundamental

Como já foi dito, este nível é o mais profundo do percurso gerativo de sentido. Sendo assim, no campo da sintaxe fundamental, constatamos os seguintes termos

que se opõem no eixo semântico: sofrimento vs contentamento. Nesse recorte, o percurso construído pelo actante *enunciador-destinador* sugere o parecer de sentido de que se não houver unidade na oração e no voto dos assembleianos, o Brasil poderá se tornar um lugar de sofrimento. Por essa razão, o voto dado ao candidato escolhido pela Igreja, depois do período de oração de 30 dias, afirma o bem-estar dos brasileiros. A complexidade se projeta na não oração, na não revelação e na incerteza sobre em quem votar. Ainda nessa categoria de análise, constatamos a afirmação do bem-estar vivido no Brasil e a negação do bem-estar nos países vizinhos.

No campo da semântica fundamental, o voto com oração e em acordo com a indicação da Igreja gera o bem-estar da população. Nesse sentido, o voto nos candidatos escolhidos tem valor positivo eufórico, enquanto o contrário e o indeciso representam o valor negativo disfórico. Tendo analisado o discurso de número 2, partimos para a análise do discurso 3, do pastor José Wellington Bezerra da Costa.

3.3 Discurso 3 - Pastor José Wellington Bezerra da Costa

Esse discurso também foi proferido no mesmo dia e local do anterior, após a exposição do vídeo do, então, candidato à presidência da República, Jair Bolsonaro, contendo felicitações de aniversário ao pastor José Wellington Bezerra da Costa. Após a exposição do material e do discurso do pastor José Wellington Costa Junior, o pastor aniversariante disse:

Figura 3 – Pastor José Wellington Bezerra da Costa



Fonte: Ativismo Protestante, 2018 (<https://www.youtube.com/watch?v=IXbJL6zyWII>). A partir do tempo 2'31". Acesso em: 19 dez. 2022

[...] Meus irmãos, no dia 7 de outubro, dia 17, não, dia 7. 17 é outra coisa que precisa falar também. Mas, meus irmãos, eu quero pedir a vocês, além da nossa oração, Pastor Severino Pedro, de saudosa memória dizia: "há tempo de divulgar, há tempo para orar, e depois de votar". Nós já oramos, já divulgamos e agora está se aproximando o dia de votar. Meus queridos, nós esperávamos que as propagandas e as apresentações dos candidatos que aí postulam a presidência da República, irmãos, nos trouxessem algo diferente. Porém, irmãos, as coisas estão se afunilando, e todos nós estamos devidamente conscientizados de que estamos polarizados. Nós temos que ter muitos cuidados com nossos votos. E a minha orientação aos senhores é não votar à esquerda. Não podemos deixar que o Brasil caia na mão dessa gente mais uma vez. Tá certo? Então, queridos, nós agradecemos aqui de público as felicitações do candidato à presidência da República, né, o senhor Jair Bolsonaro, muito obrigado, capitão! Muito obrigado, amigo! Obrigado, deputado, amigo do meu filho! E, com certeza, o Senhor Deus que está também velando por esse Brasil, ele certamente colocará aquele a quem com muita unção de Deus e com muita graça, o senhor tem em suas apresentações, em seus discursos, o senhor tem falado nosso idioma. O senhor fala aquilo que os evangélicos gostariam de ouvir. E nós estamos certos de que, com apoio dos evangélicos, o senhor cumprirá os seus compromissos junto conosco. Meus irmãos, Deus abençoe a todos vocês! E, no dia 7 de outubro, estaremos lá votando. Nós temos os nossos candidatos a deputados estaduais, deputado federal, vocês conhecem o nome de cada um, não é verdade? E, estaremos dando o nosso voto completo, não é? Glória a Deus! E o mais importante será o número um, o

presidente da República, governador do estado e senadores e deputados federal e estadual, vamos dar o nosso voto e com certeza Deus continuará abençoando o Brasil (TRANSCRIÇÃO DO AUTOR).

3.3.1 Análise narrativa

Da mesma forma realizada nos discursos anteriores, vamos analisar a sintaxe e a semântica narrativas desse discurso. Iniciamos pelas relações de junção entre os *actantes de sujeito* e o *objeto de valor*. O *sujeito do fazer* é o pastor José Wellington Bezerra da Costa, que sugere estar insatisfeito com as campanhas eleitorais dos candidatos na campanha de 2018, e, por isso, propõe entrar em *disjunção* com aquele cenário para conjungir com candidatos que apresentam propostas novas, diferentes do que já existiam até então. Nessa relação, o novo quadro legislativo e executivo se configura no seu *objeto de valor*. O auditório assume o *papel actancial de sujeito de estado*. Como já foi dito, os papéis actanciais se invertem no interior do discurso.

O texto projeta o parecer de sentido de que o sujeito do fazer, o pastor, propõe transformar o sujeito de estado, os pastores que estão presentes na reunião, que pastoreiam congregações e Igrejas por todo o Brasil, a fim de que votem em candidatos que representam o novo, isto é, o objeto de valor com o qual se pretende entrar em conjunção. Para isso, o pastor, como destinador-manipulador, desqualifica o contrato de fidúcia oferecido pelos candidatos durante a campanha eleitoral, sugerindo não apresentar nenhuma novidade, alegando que esperava “as propagandas e as apresentações dos candidatos que aí postulam a presidência da República [...] trouxessem algo diferente”, mas nada de novo foi mostrado, como argumenta o sujeito do fazer.

Como mencionamos no segundo capítulo, o contrato apresentado pelos políticos é constituído pelas propostas de governo demonstradas durante a campanha eleitoral. Se elas forem aceitas pelos eleitores, o contrato será sancionado positivamente nas urnas, concretizando a eleição do candidato. No discurso em análise, o pastor destinador-manipulador propõe a sanção negativa de um dos espectros ideológicos partidários, orientando os destinatários a “não votar à esquerda”. Na eleição de 2018, o candidato da esquerda foi Fernando Haddad, sobre quem o destinador-manipulador disse: “Não podemos deixar que o Brasil caia na mão

dessa gente mais uma vez”. O Partido dos Trabalhadores (PT) governou o Brasil de 2002 a 2016.

No programa narrativo, José Wellington Bezerra da Costa, sujeito *destinador-manipulador*, sugere o parecer de sentido de revestir a relação que mantém com Jair Bolsonaro do *valor modal* de amizade, dizendo que Bolsonaro é seu amigo e também de seu filho. Nesse sentido, o valor de amizade adicionado ao candidato Bolsonaro o coloca em posição diferente em relação ao candidato do PT, a quem ele se referiu como “essa gente”. Com isso, o destinador cria o simulacro de que a relação mantida com Bolsonaro é de amizade, de família, e perpassa duas gerações, ou seja, a dele e a de seu filho.

Em seguida, por meio dos enunciados “Deus está velando por esse Brasil” e “certamente colocará [no poder] aquele a quem com muita unção de Deus e com muita graça”, o pastor cria o simulacro de que Deus vai governar o Brasil. Logo após, o pastor sugere o sentido de que Deus está ao lado de Jair Bolsonaro e o escolheu para ser presidente do País, quando diz, “O senhor fala aquilo que os evangélicos gostariam de ouvir”. Em seu discurso eleitoral, Jair Bolsonaro tem se posicionado contrário ao aborto, à ideologia de gênero e à corrupção.

Por fim, o pastor sugere o sentido de que a AD fará parte do governo de Bolsonaro, caso seja eleito, ao dizer “nós estamos certos de que, com apoio dos evangélicos, o senhor cumprirá os seus compromissos junto conosco”, sugerindo doação de *competência*. Com isso, compreendemos que o sujeito do fazer propõe que o sujeito de estado queira fazer parte daqueles que vão auxiliar o candidato no cumprimento das promessas eleitorais.

No percurso narrativo de sujeito, o pastor exerce alguns *papéis actanciais*, a saber: o de sujeito do fazer-querer e do saber-fazer. Ele argumenta que o cenário político necessita de transformação e sugere o parecer de sentido de saber como mudar o cenário, isto é, elegendo Jair Bolsonaro presidente e os demais candidatos da Igreja. No percurso do *destinador*, o *destinatário* assume o *papel actancial* de *destinador* e doa *competência* para o político exercer o mandato pelo tempo determinado de quatro anos. Nesse caso, é o povo que tem o poder do voto e pode eleger os candidatos escolhidos pela Igreja. Em relação à *manipulação*, constatamos que ela ocorre pela sedução de *querer-fazer* amigo de Bolsonaro e de *poder-fazer*, ou seja, participar do cumprimento das suas promessas eleitorais feitas durante a campanha.

No campo semântico, o pastor, *actante destinador-manipulador*, transmite valores de *fazer-ser ao sujeito destinatário*, com o intuito de torná-lo *sujeito virtualizado*. Compreendemos que com a transmissão dos *valores modais* “amigo, ungido e boa palavra”, o *simulacro* criado do sujeito Jair Bolsonaro é de alguém verdadeiro e seguro com quem os assembleianos devem se relacionar nas eleições.

3.3.2 Análise discursiva

Nossa análise desse patamar se concentra na análise da sintaxe discursiva e da semântica discursiva. Na primeira fase, o *actante de sujeito* se projeta no discurso por meio da *debreagem enunciativa*. Não encontramos objetividade nesse discurso, pois sua estrutura sugere o parecer de sentido de que os *actantes de sujeito do fazer* e do estado estão próximos. Como na semiótica os *papéis actanciais* de sujeito e objeto se invertem, constatamos que o discurso está dividido em três blocos e dirigido a destinatários distintos.

No primeiro, o *eu*, sujeito actancial pastor enunciador-manipulador, fala para o *tu*, sujeito actancial do enunciatário composto pelo auditório presente no templo, sobre o conteúdo em vídeo que acabaram de assistir; no segundo, o *eu* pastor enunciador fala para o *tu* enunciatário, Jair Bolsonaro, não presente no templo, mas que pela forma como o discurso está estruturado, cria-se o simulacro de que ele está no local; e no terceiro, novamente, o *eu* pastor enunciador fala para o *tu* enunciatário, o auditório. Em cada um deles, o enunciador utiliza dispositivos distintos que pretendemos analisar.

No primeiro bloco, o *enunciador-manipulador* aciona o dispositivo de memória ao mencionar Severino Pedro⁴⁰ (1946-2013), pastor, teólogo e escritor que exerceu grande influência sobre os assembleianos por sua dedicação ao ensino cristão, sobretudo, no campo da escatologia bíblica. Ao mencioná-lo, o pastor cria o simulacro de esgotamento temporal e da hora de decisão. A projeção é reforçada por meio da

⁴⁰ Severino Pedro foi um pastor na ADBelém que pastoreou diversos setores da Igreja, escreveu livros teológicos, sendo alguns de cunho escatológico, e foi comentarista da revista Lições Bíblicas. Ele também foi membro da Academia Evangélica de Letras e da Casa de Letras Emílio Conde das Assembleias de Deus no Brasil. Sua morte aconteceu em 2013, e o velório foi no templo central da ADBelém. Disponível em: <https://www.facebook.com/tvadbelem/photos/nota-de-falecimento-pastor-severino-pedro-da-silva-vel%C3%B3rio-e-sepultamentopastor-/544842225574929/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

criação da intertextualidade que remete o auditório ao texto de Eclesiastes⁴¹, onde está escrito haver tempo para todas as coisas.

Por intertextualidade⁴² entende-se a relação entre dois textos, que pode acontecer por meio de citação, paráfrase, paródia, epígrafe, alusão ou outro gênero textual no interior do discurso. Greimas e Courtés (2020, p. 272) afirmam que intertextualidade é um conceito que permite conhecer o sentido de um texto por meio da presença de outro texto em seu interior. No texto em apreço, o que percebemos é a relação do discurso do pastor com o texto bíblico, construindo o sentido de que chegou a hora de votar e mudar. No segundo bloco, o *enunciador* projeta Jair Bolsonaro como ungido e de boa fala.

No terceiro bloco, por meio do enunciado “nós temos os nossos candidatos a deputados estaduais, deputado federal, vocês conhecem o nome de cada um”, o *enunciador-destinador* dirige o discurso ao *enunciatário* presente no auditório e cria o efeito de sentido de que os nomes dos candidatos escolhidos pela Igreja já estavam claros na mente dos presentes no templo naquele momento. Com isso, ele cria o efeito de sentido de que a eleição dos candidatos da Igreja será a constatação da bênção de Deus.

No campo da semântica discursiva, compreendemos que o discurso oferece alguns planos de leitura, os quais passaremos a citar: o primeiro deles é o plano religioso escatológico, a partir do efeito de sentido de que chegou a hora de votar, referenciado pela menção do nome de Severino Pedro; o segundo é o teocrático, a partir do marcador de que Deus escolhe o ungido para governar o País; o terceiro é o fraterno, ao criar o efeito de sentido de que Bolsonaro é amigo, de fala agradável.

E em relação a figuras, a figura do óleo reveste Bolsonaro de capacitação divina para governar o País. Por essa razão, o simulacro criado é de que Jair Bolsonaro é o candidato eleito que os assembleianos querem ter. Ele é ungido por Deus e governará com graça. Sua fala será agradável aos evangélicos e, conseqüentemente, será amigo tanto da Igreja quanto da família. As mesmas projeções se aplicam aos outros candidatos da Igreja.

⁴¹ No texto bíblico de Eclesiastes 3, Salomão escreveu sobre o tempo estabelecido para todas as coisas debaixo do sol.

⁴² De acordo com Talliandre Matos, “[...] A intertextualidade se refere à presença de elementos formais ou semânticos de textos, já produzidos, em uma nova produção textual. Em outras palavras, refere-se aos textos que apresentam, integral ou parcialmente, partes semelhantes ou idênticas de outros textos produzidos anteriormente [...]”. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/intertextualidade-.htm>. Acesso em: 20 dez. 2022.

3.3.3 Análise fundamental

Nesse nível, detemo-nos em compreender como se constrói o discurso na sintaxe e na semântica fundamental, conforme os postulados de Barros (2002) e de Fiorin (2016). No discurso, o pastor José Wellington Bezerra da Costa trabalha os seguintes termos que se opõem no eixo semântico, a saber: igual vs diferente, esquerda vs direita e amigo vs inimigo. Ele também sugere o sentido de que Bolsonaro é seu amigo e da família, o que se opõe ao candidato Fernando Haddad, que não é descrito como amigo, mas como “essa gente”. Além disso, o texto se organiza entre as oposições do novo vs velho. Jair Bolsonaro representa o novo porque traz o sentido de ser amigo da família, enquanto Haddad representa o velho.

Ao se referir ao candidato do Partido dos Trabalhadores e seus apoiadores como “essa gente”, o enunciador sugere o parecer de sentido de fazer um eufemismo como recurso retórico. Para Fiorin (2014, p. 78-79; 2016a, p. 84), eufemismo é um recurso utilizado para reduzir o impacto da enunciação no enunciado. Por outro lado, o enunciador-manipulador se refere ao candidato Jair Bolsonaro como amigo, amigo do filho, e aquele que fala o que os assembleianos querem ouvir, descrições que o colocam em oposição ao primeiro.

O destinador sugere o sentido de que apoiar o candidato Fernando Haddad se constitui em *disforia*, enquanto o apoio ao candidato Bolsonaro, *euforia*. Seguimos para o discurso 4, do pastor José Wellington Bezerra da Costa, publicado pelo portal Estadão, em 10 de fevereiro de 2022.

3.4 Discurso 4 - Pastor José Wellington Bezerra da Costa

Nesse discurso, o pastor José Wellington Bezerra da Costa atende a um pedido para orar por aqueles que estavam pleiteando cargos eleitorais nas eleições de 2022. Antes de orar pelos candidatos, o pastor fala sobre a influência que os pastores têm na liberação de verbas parlamentares para os municípios. O discurso foi pronunciado no templo central da Igreja, em São Paulo, no bairro do Belenzinho.

Figura 4 – Pastor José Wellington Bezerra da Costa



Fonte: Estadão, 2022 (<https://www.youtube.com/watch?v=xL3stPk8YaY&t=198s>). Acesso em: 19 dez. 2022.

Meus amados, nós vamos orar por esses irmãos. Eu, em nossa reunião particular com os presidentes de Igreja, aqui, do nosso Estado, pedi com palavras grandes: vem o período eleitoral, você é um pastor da Igreja do Senhor.

Na Igreja, irmãos, têm irmãos que Deus escolheu, que estão num grupo escolhido do Senhor para legislar, que têm uma vocação para esta vida política. Mas, tenho certeza absoluta que não é a política que domina o coração desses homens, eles são dominados pelo poder de Jesus Cristo, Senhor. Glória a Deus! Então, eles estão servindo na política, mas são homens de Deus ligados à obra do Senhor. Mas a minha insistência, irmãos, é pelo nosso comportamento.

Por favor, lá na sua cidade: você não pode se compatibilizar com o prefeito local. É natural. Você tem que ter o respeito do prefeito, respeito do juiz de direito, o respeito dos demais líderes religiosos. Isso não importa. Pela sua postura, pelo seu comportamento, pela revelação do seu caráter. Pois bem, porque o homem de Deus não se vende por qualquer importância. Por favor, o homem que se vende não vale o dinheiro que lhe paga. Tenham muito cuidado! você tem um rebanho.

Mas pastor, como é que vai fazer? Pastor Paulo Freire é nosso candidato a deputado federal. Mas lá na minha cidade tem lá um candidato que tem o apoio do prefeito local. Meus irmãos, deixa eu abrir aqui um parêntese: nós temos a nossa deputada estadual, e é assim que Paulo também trabalha, eles têm verba. Deputado federal tem verba, Paulo, deputado estadual também tem verba, vereador também tem verba. Pois bem, aqui os três aqui de São Paulo são meus filhos, e eu disse a eles, vocês entreguem a verba do governo a quem vocês quiserem lá fora, a Igreja não precisa de dinheiro do Estado. A Igreja, repito, não precisa de dinheiro do Estado.

O Ministério do Belém, eu tenho aqui na diretoria 59 anos da minha vida, e durante esses 59 anos nós nunca permitimos receber um centavo de nenhum político, de nenhuma origem pública: nem da prefeitura, nem do Estado e nem da União. Então, meus irmãos, você é pastor, você tem ministério que Deus lhe deu. A Igreja não precisa! Jesus Cristo, ó Deus da Igreja! Ele é aquele que tem graça e unção e sabedoria e ele cuida de você. Nunca fique preocupado, porque o dono da Igreja não é você, o dono da Igreja é Jesus. Ele é Jesus! [...]. E Paulo e Marta, lá no interior, eles são políticos, precisam de voto, é claro! Pastor da Igreja chega lá, faz amizade com o prefeito: “Olha pastor, a prefeitura de nosso município está precisando aqui de uma verba, perfeitamente! Aí eles vão lá, pois não, prefeito quer, tá certo. Só que é o seguinte: a verba só vai para o prefeito por intermédio do pedido do pastor da Assembleia de Deus. Então, você, o pastor, é o intermediário. E ele que vem ao Paulo, e o Paulo vai lá ao prefeito, junto com ele, por quê? Para que o prefeito respeite não só o pastor, mas a Igreja que ali está. O eleitorado que ali está, irmãos, que não é do prefeito, mas são irmãos em Cristo que estão nos apoiando para que os nossos candidatos continuem trabalhando. Então, amados, é uma coisa sempre muito interessante.

Eu tenho andado com eles no interior, irmãos, e vejo, a Marta diz para o prefeito: “Olha, você quer dinheiro? Mas chame, então, um pastor da Assembleia de Deus, porque você só receberá a verba por intermédio de um pedido do pastor da Assembleia de Deus”. Meus amados, para evitar, evitar qualquer nuvem negra sobre o comportamento dos nossos companheiros. Aqui estão os nossos irmãos, e eu quero, então, fazer aqui um convite: nós temos aqui alguns pastores de outros estados, meus irmãos trabalhem para eleger os nossos irmãos na fé. Procurem eleger os nossos irmãos na fé. Glória a Deus! Seja fiel a este nome Assembleia de Deus no Brasil. Você tem, meu amado irmão, uma participação em toda essa Igreja no território nacional. Então, nós temos compromissos. Vereador crente que é candidato com possibilidade, pastor apoia e elege; deputado estadual; a mesma coisa, deputado federal, a mesma coisa. Eu espero, meu querido pastor, Paulo, que você seja muito bem-sucedido, e aos demais companheiros. Até o major, ele vai tirar a farda e não vai se vestir de político, vai aparecer lá como servo de Deus (TRANSCRIÇÃO DO AUTOR).

3.4.1 Análise narrativa

Nesse discurso, o pastor José Wellington Bezerra da Costa, *actante de sujeito*, está no templo central da ADBelém, em São Paulo, na reunião mensal da CONFRADESP, no ano eleitoral de 2022, e convida os pastores presentes na reunião para orar pelos candidatos ao pleito naquela eleição. Nesse momento, ele se pronunciou sobre a influência dos pastores assembleianos na liberação de verbas de parlamentares para os municípios do estado de São Paulo. Além disso, o pastor

discursa sobre os candidatos da Igreja, sobretudo, de seus filhos Paulo Freire da Costa, candidato à reeleição na câmara federal, e Marta Costa, candidata à reeleição para ocupar vaga na Assembleia Legislativa. Iniciamos nossa análise pela sintaxe narrativa, seguida pela semântica narrativa.

De acordo com Barros (2002), Fiorin (2016a) e Greimas (2014), nesse patamar estudam-se as relações de junção entre os *sujeitos* e *objeto de valor* e os *papéis actanciais* que se movem entre os sujeitos. Inicialmente, há um grupo composto de candidatos que querem entrar em *conjunção* com a eleição e, por isso, como *sujeito-destinador*, o grupo pede a oração do pastor José Wellington Bezerra da Costa e da Igreja. No entanto, antes de orar, o pastor assume o *papel actancial destinador-manipulador* e diz ao *sujeito-destinatário*, o auditório, que houve uma reunião particular de pastores presidentes em que o tema eleição foi enfatizado em “letras grandes”, sugerindo ter sido tratado com relevância.

Na condição de *destinador-manipulador*, o pastor diz que “tem irmãos que Deus escolheu, que estão num grupo escolhido do Senhor para legislar, que têm uma vocação para essa vida política”, e cria o efeito de sentido de que a vocação política acontece da mesma forma que a vocação pastoral. Esse efeito de sentido se cria por meio de um intertexto, como o que o apóstolo Paulo escreveu na carta aos Efésios 4.11, onde está escrito que Jesus Cristo escolheu homens para o pastorado e os deu à Igreja. Com esse movimento, o *sujeito do fazer* reveste os parlamentares da Igreja com a mesma vocação dos pastores.

Em seguida, o *parecer de sentido* criado pelo *destinador-manipulador* é que o *objeto de valor* com o qual pretende entrar em *conjunção* é a eleição dos candidatos da Igreja. Para isso, ressalta que os parlamentares mantêm *relação de junção* com a postura, o comportamento e com o caráter de pastor, que representam valores cristãos com os quais os parlamentares não podem entrar em *disjunção*. A *disjunção* pode ocorrer por meio da *sedução* financeira, provocada por candidatos que, segundo o simulacro criado pelo pastor José Wellington Bezerra da Costa, poderão aparecer para comprar o apoio dos pastores.

Ainda no programa narrativo, o *sujeito do fazer*, pastor da Igreja, doa *competência* ao sujeito do estado, candidatos da Igreja, e modifica sua condição de político para político vocacionado por Deus e capacitado pelo Espírito Santo. Ele faz menção de ter a “certeza absoluta que não é a política que domina o coração desses homens [antes] eles são dominados pelo poder de Jesus Cristo”. Além disso, ainda

no domínio da *competência*, o pastor como sujeito do fazer altera a condição do auditório, que assume, inicialmente, o *papel actancial de sujeito de estado*, mas será transformado e assumirá o papel actancial de intermediador dotado de poder para intermediar a liberação de verbas parlamentares para prefeitos de municípios do interior de São Paulo.

Com isso, constatamos que o sujeito de estado, o auditório, é modalizado pelo querer-fazer do destinador-manipulador, e sobre esses valores passa a agir constituindo, então, o plano da *performance*. Os pastores que acreditarem no dizer do sujeito destinador terão o prestígio de um pastor assembleiano. Por essa razão, o destinador-manipulador pede para o destinatário ser “fiel a este nome Assembleia de Deus no Brasil”, e acrescenta que o assembleiano tem “participação em toda essa Igreja no território nacional”.

Assim, constatamos diferentes tipos de manipulação: a tentação, que se constitui no fato de que se os pastores forem fiéis às diretrizes da ADBelém, logo vão desfrutar do prestígio dos políticos, dos médicos e de pastores de outras denominações, além de serem elevados ao posto de mediadores entre prefeitos e a verba pública; a intimidação, projetada no sentido de que se o sujeito-destinatário aceitar qualquer valor em troca de apoio eleitoral, a consequência será a perda do valor de *status* de pastor assembleiano, como afirmou o destinador: “o homem que se vende não vale o dinheiro que lhe paga”. Nisso se configura o dever-fazer.

No domínio da semântica narrativa, os sujeitos destinatários modalizados virtualmente *dever-fazer* passam a agir como agentes políticos, a fim de eleger os candidatos da Igreja, por isso, atualizados pelo *poder-fazer*, dessa forma, agem como foram orientados perante os convites de candidatos não pertencentes à denominação assembleiana. Por fim, tornam-se sujeitos realizados pelo *fazer-fazer*.

3.4.2 Análise discursiva

No campo da sintaxe discursiva, o enunciador se faz presente no texto por meio da *debreagem enunciativa*. No interior do discurso, ele anuncia “eu tenho dito”, “eu tenho aqui” e “eu tenho andado com eles” criando, assim, o efeito de sentido de aproximação e de realidade. Ele também determina como o discurso deve ser interpretado pelo enunciatário: de acordo com o enunciado, o enunciatário que não

quiser perder o valor de um pastor assembleiano deve se negar a apoiar qualquer candidato eleitoral além dos filhos do pastor, a saber: Paulo Freire da Costa e Marta Costa, mencionados no discurso. A eleição dos candidatos demonstra o apoio dado pelos pastores nas respectivas cidades.

No domínio da semântica discursiva, retomando o conceito greimasiano de tematização de Greimas e Courtés (2020, p. 496-497), esta equivale à disseminação de valores atualizados, ao longo do texto, sob a forma de temas pelos programas e percursos narrativos que oferecem planos de leituras. Como plano de leitura, o discurso do pastor deixa marcas de discurso político, ou seja: candidatos, votos, cargos eleitorais, eleitorado, verbas parlamentares, negociação para liberação de verbas e pressão popular, além das marcas religiosas, a saber: Deus, vocação pastoral, pastor, Igreja, irmãos, poder de Deus e servos de Deus.

Na isotopia política, o pastor inicia o discurso dizendo que Deus escolheu homens para serem políticos, mas que a política não contaminou os escolhidos. Nesse caso, o pastor sacraliza a vocação política, classificando-a como uma vocação divina. Logo após, compreendemos que José Wellington Bezerra da Costa sugere o sentido de que os pastores de Igrejas das cidades do interior de São Paulo devem ter e manter bom relacionamento e respeito com pessoas dos diversos setores da sociedade, ou seja, o setor político, o judiciário e o religioso. Nesse caso, esses pastores assumem a função de agentes político-partidários dos deputados para atenderem às necessidades dos municípios do estado. Afinal, no dizer do enunciador-manipulador, os pastores colocarão os prefeitos em conjunção com a verba pública.

Em seguida, após criada a ilusão da atuação política dos pastores, o pastor sugere que a AD tem os seus candidatos para as referidas casas eleitorais brasileiras, e diz o nome deles, a saber: Marta Costa e Paulo Freire, ambos seus filhos, que disputavam aquele pleito. Essas pessoas, no dizer do pastor, têm verba parlamentar para a execução de ações nos municípios e estados que podem ser distribuídas aos prefeitos que solicitarem. No entanto, a liberação de verbas deve ser intermediada pelos pastores das Igrejas instaladas nos diferentes municípios dos estados do Brasil. Com isso, cria-se o parecer de sentido de que a atuação dos pastores na intermediação para a liberação de verbas também é uma vocação divina, por isso, o enunciatário, sujeitos do estado, devem fazer.

Na isotopia religiosa, o pastor cria o parecer de sentido de que os pastores não devem se vender ao poder dos candidatos regionais, que surgirão durante o pleito.

Além disso, devem se guardar do poder da manipulação financeira de compra de apoio político, afinal, esses candidatos poderão tentar comprar o apoio dos pastores. Diante disso, os parlamentares da Igreja deverão se manter fiéis às diretrizes estabelecidas pela Igreja, sugerindo a moralização da política.

Para fundamentar o seu discurso, o pastor usa o período em que está à frente da ADBelém, “[...] eu tenho aqui na diretoria 59 anos da minha vida e, durante esses 59 anos, nós nunca permitimos receber um centavo de nenhum político, de nenhuma origem pública: nem da prefeitura, nem do Estado e nem da União”. Com essa argumentação, o pastor sugere o sentido de que é possível não se corromper por meio de verbas parlamentares para fins eclesiais. É com esse objetivo que ele propõe que os ouvintes devam se relacionar no campo político e religioso.

3.4.3 Análise fundamental

Nossa análise se concentra na sintaxe fundamental e na semântica fundamental. No eixo da sintaxe fundamental, a vocação humana se opõe à vocação divina para o campo político. Os valores de vocação como grupo escolhido, ungidos, poder de Deus e hebreus atrelados ao campo político-partidário, no contexto da eleição, carregam o sentido de que o governante do País é uma escolha divina, validada pelo poder divino para fazer a vontade divina e não a humana. Com isso, o pastor enunciador-manipulador cria o sentido de que a divindade direciona o poder civil, e isso se constitui em sacralização do discurso político. Retomando Fiorin (2013, p. 29) a “[...] sacralização do discurso político ocorre, quando as relações entre esses dois campos são tão estreitas que o discurso político toma do campo religioso conceitos ou características [...]”. No caso em questão, o pastor aplica o conceito de vocação para o ministério pastoral aos pastores que se candidataram a cargos políticos.

Além disso, os vocacionados para o ministério pastoral são os que votam alinhados ao pensamento da Igreja, enquanto os que opõem ao que diz a diretoria da Igreja votam o contrário. Os pastores vocacionados para o pastorado reconhecem que há homens, também vocacionados por Deus, para trabalharem no campo político e, por isso, apoiam suas candidaturas. Por outro lado, os pastores não vocacionados não reconhecem a referida vocação e, por isso, não apoiam suas candidaturas.

No eixo da complementariedade, a vocação pastoral complementa a vocação política e resulta na eleição do candidato da Igreja. Os pastores vocacionados são obedientes, de bom comportamento, e mantêm o respeito de diferentes setores da sociedade; já os não vocacionados, não. A contradição se configura em ser o pastor vocacionado aquele que reconhece a vocação política do candidato da Igreja, mas não apoia e nem se compromete com sua eleição.

Na categoria da semântica fundamental, como vimos no capítulo 2 deste trabalho, os valores reconhecimento, bom comportamento e comprometimento com os candidatos da Igreja se constituem em euforia; já os contrários, correspondem a valores negativos, portanto, disforia.

Segue o discurso de número 5, publicado pelo jornal *Portal360*, em 4 de maio de 2022.

3.5 Discurso 5 - José Wellington Costa Junior

Esse discurso foi proferido no templo sede da Igreja na cidade de São Paulo, na reunião de pastores da CONFRADESP⁴³, que acontece em todas as primeiras segundas-feiras de cada mês, naquele local. Na ocasião, a CGADB havia sido alvo de uma ação judicial movida pelo PT⁴⁴ devido à participação do então presidente Jair Bolsonaro na 45ª AGO⁴⁵, realizada em Cuiabá - MT, em abril de 2022. No discurso, o pastor José Wellington Costa Junior assim se expressa:

⁴³ As reuniões de obreiros da CONFRADESP na primeira segunda-feira de cada mês, no templo sede da ADBelém, na cidade de São Paulo. Nesse evento, que tem início às 9h, os presentes recebem instruções bíblicas de diferentes pastores da agremiação. A Igreja oferece café da manhã, almoço e jantar para os presentes no evento.

⁴⁴ Sobre a ação movida pelo Partido dos Trabalhadores, leia em: <https://revistaoeste.com/brasil/pt-entra-com-acao-contra-lider-da-assembleia-de-deus/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

⁴⁵ Sobre a participação do então presidente Jair Bolsonaro na 45ª AGO da CGADB leia mais em: <https://www.cpadnews.com.br/presidente-bolsonaro-participa-de-culto-no-2o-dia-da-45o-ago-da-cgadb-em-cuiaba/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

Figura 5 – Pastor José Wellington Costa Junior



Fonte: Jornal Poder360, 2022 (<https://www.youtube.com/watch?v=YRBqkgIzhnk>). Acesso em: 19 dez. 2022.

[...] E lamentamos, meus amados, que ainda temos alguns pastores que ainda vem trazer pastores do PT para o presidente. Alguns pastores vêm pedir para o presidente, o senhor me permite pastor, que venham pedir para o presidente, para que o presidente receba o outro candidato do PT na nossa Igreja, não cabe, irmão. O inferno não tem como entrar no lugar santo. Aqui é santo. Aleluia! Aqui é santo. Glória a Jesus!

Então, meus amados, é bom que nos conscientizemos disso, nos preparemos porque você pode ser procurado. Você que é pastor de Igreja, você que é dirigente de congregação pode ser procurado sorrateiramente. Não é só uma visita, não! É laço! É laço do Diabo! É laço do Diabo.

A nossa Igreja tem o seu perfil; a nossa Igreja tem a sua posição, está polarizado, meu amado, não adianta ficar em cima do muro não: ou é, ou não é. Ou somos pelos preceitos morais, ou somos contra o aborto, ou somos contra a miséria que estão pregando aí, essa ideologia de gênero, ou nós vamos colocar a nossa posição diante do Senhor Jesus e da Igreja de Deus. A Igreja quer ver a nossa posição. A Igreja não quer ver pastor em cima do muro não, meu irmão. A Igreja não quer ver pastor com dois pensamentos, a Igreja quer ver pastor que tem autoridade espiritual, autoridade ministerial para tomar a sua posição (TRANSCRIÇÃO DO AUTOR).

3.5.1 Análise narrativa

No patamar narrativo, começamos pelas relações de junção que envolvem os actantes de sujeito e objeto de valor. O discurso em questão reflete que, no dizer do líder da CGADB, há pastores do PT que querem colocar Lula em conjunção com o apoio político da AD. O sujeito Lula, que está em disjunção com o apoio da AD, mantém relação de junção com pastores da Igreja, por meio de quem pretende mudar o estado de sua relação com a Igreja, criando uma oportunidade para dialogar com seus líderes. Nesse caso, o parecer de sentido é que o sujeito do fazer é Lula, e o sujeito do estado, a AD. O objeto de valor é o apoio com o qual o PT pretende entrar em conjunção.

Conforme mencionamos no segundo capítulo, de acordo com Barros (2002), são os valores investidos nos objetos que movem os sujeitos. Dessa forma, o líder da CGADB sugere o parecer de sentido de que pretende manter a disjunção entre a AD e o candidato do PT, porque ele carrega toda a representação do inferno. Para isso, no programa narrativo, o pastor, como destinador-manipulador, sugere transformar o auditório, destinatário, por meio de dois programas narrativos, são eles: o de espoliação e o de renúncia.

No primeiro, o pastor descreve Lula como o representante do inferno, que não cabe na Igreja. Para nos ajudar a compreender esse efeito de sentido, recorreremos ao conceito de inferno no protestantismo pentecostal. Segundo o Novo Dicionário da Bíblia, organizado por Douglas (1962, p. 745-746), o inferno pode ser pensado como o estado de morte, ou lugar profundo como o fundo do mar ou de punição. Para ampliar o sentido da palavra, o autor recorre aos termos *Seol*, *Hades*, *Geena* e *Tártaro*.

Sintetizando, *Seol*, entre outros, carrega o sentido de “[...] um monstro hiante e devorador [...]”; o segundo, *Hades*, “[...] representa o submundo, isto é, a dimensão dos mortos [...]”; já o *Geena* carrega o sentido judaico de lugar de punição para os pecadores, de castigo eterno; da mesma forma se traduz a palavra *Tártaro*. Com isso, o pastor cria o efeito de sentido de que se os pastores estabelecerem conjunção com Lula, todo o sofrimento implícito na palavra inferno estará em conjunção com a Igreja. Em outras palavras, toda a sensação de paz e de alegria desfrutada pelos pastores, até aquele momento, será *espoliada*. Com isso, a manipulação se dá pela intimidação, pois o inferno é um lugar de sofrimento, de tormento e de suplício das almas.

Em seguida, ele utiliza o recurso de provocação ao dizer “ou somos pelos preceitos morais, ou não somos”. Nisso, o destinador constrói o seu percurso modalizando o destinatário pelo *dever-fazer*, isto é, a manutenção da disjunção com o PT. Afinal, se o destinatário é a favor dos preceitos morais defendidos pela Igreja, certamente, não entrará em conjunção com o PT. Além disso, o destinador também manipula o destinatário, afirmando que “a Igreja não quer ver um pastor em cima do muro”. Com isso, ele propõe o valor modal da decisão como aquisição de *competência*.

Retomando os conceitos de *competência* e *performance* apresentados por Barros (2002, p. 24), a *competência* é uma doação do valor modal; a *performance*, a apropriação dos valores descritivos. Assim, no recorte em análise, o pastor José Wellington Costa Junior cria o simulacro de que o sujeito do estado, o auditório, é transformado pelo valor modal do querer-fazer e do saber-fazer. Ou seja, a partir das informações recebidas do destinador, o sujeito do estado adquire a *competência* de ser bem quisto pela Igreja, ou pela congregação que pastoreia e, por essa razão, agirá conforme os princípios defendidos pela instituição, configurando o programa de *performance*. Além disso, no percurso do sujeito, o destinatário adquire o desejo de entrar em conjunção com o objeto de valor, nesse caso, a “autoridade espiritual” e a “autoridade ministerial” pelo qual passa a *fazer-fazer*.

No campo da semântica narrativa, segundo Greimas (1993), as relações entre sujeito e objeto podem ser modificadas conforme os valores modais investidos nos objetos. Em nosso caso, é a passagem do estado de *disjunto*, com o perfil do pastor que a Igreja quer ver, ao estado de conjunto, que com ele pode se dar em consequência do *querer-fazer*. Em linhas gerais, o sujeito do fazer, o pastor *destinador-manipulador*, comunica valores modais que geram no sujeito de estado o *querer-fazer*.

Ao absorver os valores comunicados pelo sujeito do fazer, o sujeito do estado se constitui como um sujeito virtualizado, embora ainda não esteja em conjunto com o objeto de valor, isto é, o pastor que a Igreja quer ver. Em seguida, o sujeito modalizado passa a agir de acordo com o que foi proposto pelo sujeito do fazer, o que o torna um sujeito atualizado, isto é, consciente de que a ação do inimigo é sorrateira, por isso, saberá fugir do “laço do Diabo”. Nisso, dá-se o *saber-fazer*. No dizer do pastor *destinador-manipulador*, o pastor, *sujeito-destinatário*, atualizado, se mantém disjunto com a ideologia de gênero, com o aborto, isto é, com “a miséria que estão pregando

aí”, portanto, logo entrará em conjunção com *objeto de valor* que se tornará sujeito realizado e se constitui o *poder-fazer*.

3.5.2 Análise discursiva

No nível discursivo, vamos analisar a sintaxe e a semântica discursiva em questão. O enunciador escolheu termos que o fazem ser percebido em sua fala. Por meio da *debreagem enunciativa*, ele se projeta no texto e cria o efeito de sentido de proximidade. São esses os marcadores utilizados para criar esse efeito: “temos”, “somos” e “nós”. Ele também estabelece um “tu” a partir do emprego de “meu irmão”, forma informal de se referir a alguém. Além disso, o *enunciador-manipulador* demarca o espaço do *aqui*, no templo da Igreja, e o tempo do *agora*, pelo emprego do verbo vir no presente. Segundo Barros (2002), as projeções de enunciação têm o objetivo de convencer alguém da verdade que está sendo enunciada.

Com isso, o enunciador constrói o efeito de realidade do que está acontecendo naquele momento. Ao atrelar o acontecimento ao pastor da Igreja, dizendo que tem “pastores que vêm pedir para que o presidente receba”, no espaço da Igreja “o candidato do PT”, e ao tempo do agora, o enunciador cria o que Barros (2002, p. 60) chama de iconização, isto é, preenchimento de espaço com traços sensoriais.

Além disso, no campo da semântica discursiva, o pastor enunciador-manipulador deixa marcas no discurso que permitem diferentes leituras do texto e também o tematizam. No discurso em questão, encontramos os seguintes marcadores: governo político, governo religioso, união de governos político-religioso e costumes, sobre os quais propomos as seguintes leituras:

O primeiro plano de leitura sugerida remete ao campo de governo político do PT. Nesse caso, o governo será de sofrimento, dor e miséria; o segundo plano de leitura, no campo religioso, sugere que deve haver consenso e harmonia nas decisões tomadas pela Igreja em relação ao campo político-partidário, ou seja, as decisões não podem ser tomadas apenas por uma parte do corpo eclesial e em desacordo com a que já foi anunciada. E o terceiro plano, também no campo religioso, sugere o parecer de sentido de que as autoridades ministerial e espiritual serão visualizadas por meio da adoção das diretrizes e decisões no campo político-partidário, que conduzem e/ou

reconduzem candidatos da Igreja aos cargos eleitorais pleiteados. Nesse sentido, lê-se o resultado da força da união da Igreja.

3.5.3 Análise fundamental

Esse nível, como mencionado, é o mais profundo do percurso gerativo de sentido da semiótica francesa. Nessa etapa, nossa análise se dá a partir da sintaxe fundamental e da semântica fundamental. Como disse Barros (2002, p. 10), é preciso identificar os termos que se opõem no eixo semântico, no qual se constrói o sentido do discurso. Nesse caso, o discurso analisado fundamenta-se na oposição entre céu vs inferno, Igreja com perfil vs Igreja sem perfil, pastor com autoridade e pastor sem autoridade.

O texto cria o efeito de sentido de que os pastores da Igreja, que representam o céu, prezam pelos preceitos morais defendidos por ela, por isso, se opõem aos valores defendidos pelo PT, representado no discurso pelo inferno. Os valores defendidos pelo inferno são enunciados como miséria. Os pastores com autoridade negam apoio ao inferno e mantêm a posição e o perfil do céu. A relação de complementariedade se estabelece na autoridade ministerial e espiritual adquirida como demonstração do apoio aos candidatos da Igreja. É contraditório ser um pastor de autoridade espiritual e ministerial e apoiar o PT.

No campo da semântica fundamental, o parecer de sentido indica que o estabelecimento da relação com o PT é considerado disforia, enquanto que o não estabelecimento deve ser visto como euforia. O apoio aos candidatos da Igreja se constitui na afirmação da autoridade ministerial e espiritual e do perfil da Igreja de Deus.

Neste capítulo, observamos os diferentes efeitos de sentido criados pelos cinco discursos religiosos analisados. Os dois pastores compõem a liderança mais duradoura da AD no Brasil. Como depreendemos, cada pastor utilizou-se de estratégias discursivas para manipular o enunciatário-destinatário a fazer-fazer, isto é, votar nos candidatos escolhidos pela Igreja ou na pauta que, segundo o pastor, era de interesse do povo brasileiro.

Eles sugeriram o parecer de sentido de que os eleitores destinatários deveriam votar nos candidatos da Igreja, ancorados no entendimento de que, por meio da

oração, Deus revelaria o candidato de sua preferência para os assembleianos e, conseqüentemente, eles seriam eleitos. Entre os planos de leitura que depreendemos dos discursos analisados está o de que a moralização da política se dará por meio da eleição de homens vocacionados para trabalhar no campo político.

4 COMPARAÇÃO DOS DISCURSOS ANALISADOS

Os discursos analisados são recortes de discursos políticos proferidos por pastores que lideram a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), a Convenção Fraternal Inter-Estadual das Assembleias de Deus do Ministério do Belém em São Paulo (CONFRADESP) e a Assembleia de Deus Ministério do Belém (ADBelém), em São Paulo. Eles foram realizados no templo sede da ADBelém, no bairro do Belenzinho, no município de São Paulo. Os discursos referem-se ao período entre 2017 e 2022, que correspondem às eleições de 2018 e 2022. Eles criam o parecer dos efeitos de sentido de refletir, em parte, o pensamento dos líderes da instituição sobre os candidatos da igreja, apoiados e não apoiados por esse braço das ADs.

Como constatamos nas análises, os discursos contam como se constroem os simulacros do ator político apoiado pela denominação entre os pastores e os membros da igreja. Vale ressaltar que desde as eleições presidenciais de 2014, pastores, representados por Everaldo Dias Pereira, na época, pastor na Assembleia de Deus Madureira⁴⁶, por Cabo Daciolo, descrito na matéria do jornal Gazeta do Povo como pastor⁴⁷, e o padre Kelmon, que até o primeiro turno das eleições de 2022 esteve ligado à Igreja Ortodoxa do Peru,⁴⁸ deram um caráter mais religioso aos pleitos presidenciais das eleições de 2014, 2018 e 2022.

Ressaltamos também que os discursos analisados são políticos, porque apresentam características de discurso político, nesse caso, a indicação de candidatos no pleito eleitoral, e também por construir o simulacro desses candidatos perante os presentes que estavam no templo nos dias em que foram proferidos. Conforme Landowski (1982, p. 167-168 apud FIORIN, 1988, p. 144), o discurso político se caracteriza, também, pela busca de poder, pela solicitação de poder feita ao povo:

⁴⁶ Disponível em: <https://oestadoce.com.br/politica/pastor-everaldo-o-candidato-a-presidente-pelo-psc/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

⁴⁷ Disponível em: <https://www.semprefamilia.com.br/eleicoes-2018/o-que-o-cabo-daciolo-pensa-sobre-religiao-aborto-e-casamento-gay/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

⁴⁸ <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/ex-candidato-padre-kelmon-deixa-a-igreja-ortodoxa-do-peru-no-brasil/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

O discurso político é um discurso de busca de poder. No entanto, deve ele afirmar um querer-ser e um saber-fazer do enunciador, ou seja, o político que busca o poder deve afirmar o seu desejo de ser investido do poder e sua capacidade (saber) de satisfazer as necessidades e reivindicações dos atores sociais. Afirmando seu querer e seu saber, solicita ao povo que lhe dê poder. Mesmo quando o político está investido de poder, ao se dirigir ao povo pede mais poder, pelo menos sob a forma de renovação da confiança e do apoio necessário para que ele continue a realizar a tarefa.

Dito isso, conforme constatamos, os pastores José Wellington Bezerra da Costa e José Wellington da Costa Junior criam efeitos de sentidos de serem atores políticos, destinadores de discursos políticos com objetivos de sancionar positivamente os candidatos de suas preferências e falarem em nome da instituição. Para elucidar, criamos três quadros, sendo:

No Quadro 1, elencamos recortes dos discursos que sugerem o sentido de que os pastores falam pela instituição e criam simulacro de que os candidatos apontados nos discursos são candidatos da instituição, como se vê a seguir:

Quadro 1 – Termos que sugerem sentido de pastores falarem pela igreja

Construções em 1º pessoa plural	Pr José Wellington B Costa	Pr. José Welington Costa Junior
Discurso 1	<ul style="list-style-type: none"> • nós não podemos colocar as mãos no fogo; • não poderíamos votar para a volta daquela gente; • Não devemos de forma nenhuma, irmãos, votar contrário para desestabilizar o Brasil. 	
Discurso 2		<ul style="list-style-type: none"> • Nós já temos os nossos representantes na Assembleia Legislativa aqui em São Paulo e na Câmara Federal, lá em Brasília; • E, logicamente, serão levados por nós.
Discurso 3	<ul style="list-style-type: none"> • Nós já oramos, já divulgamos e agora está se aproximando o dia de votar; • Não podemos deixar que o Brasil caia na mão dessa gente mais uma vez; • Temos os nossos candidatos. 	
Discurso 4	<ul style="list-style-type: none"> • Meus irmãos, trabalhem para eleger os nossos irmãos na fé. Procurem eleger os nossos irmãos na fé; • nós temos compromissos 	

Discurso 5		<ul style="list-style-type: none"> • Ou somos pelos preceitos morais, ou somos contra o aborto, ou somos contra a miséria que estão pregando aí, essa ideologia de gênero, ou nós vamos colocar a nossa posição diante do Senhor Jesus e da Igreja de Deus. A Igreja quer ver a nossa posição.
------------	--	---

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como podemos observar, os pastores criam o efeito de sentido de que falam em nome da instituição. Ambos afirmam que os compromissos de votar nos candidatos da igreja é de todos, que os irmãos devem eleger candidatos da igreja e que os interesses da liderança da igreja também são de todos os assembleianos. Não há distinção entre os interesses dos destinadores dos interesses dos destinatários em relação aos candidatos.

Tendo visto como os pastores constroem o parecer de sentido de que falam pela instituição e apresentam os seus interesses como sendo de todos, podemos verificar no quadro a seguir como eles projetam o simulacro de seus candidatos. No Quadro 2, elencamos termos que descrevem como o simulacro dos candidatos, apoiados ou não pela igreja, são projetados nos destinatários.

Quadro 2 – Simulacro criado nos discursos dos pastores

	José Wellington Bezerra da Costa		José Wellington Costa Junior	
	Candidatos apoiados pela igreja	Candidatos não apoiados pela igreja	Candidatos apoiados pela igreja	Candidatos não apoiados pela igreja
Discurso 1	<ul style="list-style-type: none"> • Homem certo para o lugar certo; • Sem pretensões políticas futuras; • Tomou medidas corretas para o Brasil 	<ul style="list-style-type: none"> • Aquela gente que arruinou o país e quer voltar ao poder. 		
Discurso 2			<ul style="list-style-type: none"> • São respostas de orações; • Abençoados por Deus. 	<ul style="list-style-type: none"> • Provocadores de sofrimento
Discurso 3	<ul style="list-style-type: none"> • Capitão; • Amigo; • Amigo do filho; • Ungido por Deus para governar o Brasil; • Fala o idioma da igreja; • Fala o que a igreja quer ouvir; • Cumpridor de compromissos assumidos; 	<ul style="list-style-type: none"> • Gente que não pode voltar ao poder 		

Discurso 4	<ul style="list-style-type: none"> • Escolhidos para legislar; • Vocacionados para a política; • Não dominados por política; • Servem a Deus na política; • Ligados à obra de Deus; • Liberam verbas para municípios quando solicitados por um pastor; • Trabalham continuamente; • Irmãos de fé. 	<ul style="list-style-type: none"> • Alguém que pode comprar o apoio dos pastores 		
Discurso 5			<ul style="list-style-type: none"> • Defendem valores, posições e perfil da igreja. 	<ul style="list-style-type: none"> • Inferno e toda representação que carrega; • Sorrateiros; • Laço do Diabo; • Contrários aos princípios e valores da igreja.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Esse quadro demonstra como os pastores criaram simulacros dos candidatos escolhidos pela igreja. O pastor José Wellington Bezerra da Costa procurou revestir os candidatos com temas mais ligados à competência. No dizer do pastor, os candidatos da igreja são as pessoas certas e mais bem posicionadas para resolverem os problemas econômicos e morais que o País enfrenta. Além disso, ele cria o efeito de sentido de que os candidatos da igreja são ungidos por Deus, amigos, que falam o que a igreja quer ouvir, ligados à igreja e trabalhadores. Já os candidatos não apoiados pela igreja são considerados pessoas que destroem o País e que não podem voltar ao poder.

Em comparação aos discursos do pastor José Wellington Bezerra da Costa, José Wellington Costa Junior reveste os candidatos não apoiados pela igreja com temas que sugerem o sentido de estes serem causadores de sofrimento, como se vê em países vizinhos ao Brasil. Além disso, utiliza termos que lhes conferem valores de malignidade, afinal, são agentes do inferno, sorrateiros, pessoas que têm propostas malignas para laçar os pastores e também contrários aos princípios e valores defendidos pela igreja. Em contrapartida, os candidatos apoiados pela igreja são as respostas de orações e os que defendem os princípios e valores da instituição. No Quadro 3, elencamos temas em comum nos discursos dos pastores.

Quadro 3 – Temas em comum nos discursos dos pastores

José Wellington Bezerra da Costa		José Wellington Costa Junior	
Candidatos apoiados pela igreja	Candidatos não apoiados pela igreja	Candidatos apoiados pela igreja	Candidatos não apoiados pela igreja
<ul style="list-style-type: none"> • Competentes • Religiosos • Espirituais • Trabalhadores • Políticos • Dedicados • Responsáveis 	<ul style="list-style-type: none"> • Destruidores • Interessados no poder 	<ul style="list-style-type: none"> • Espirituais • Enviados por Deus 	<ul style="list-style-type: none"> • Malignidades • Contrários aos princípios e valores da igreja • Causadores de sofrimentos

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nos discursos analisados, enquanto o pastor José Wellington Bezerra da Costa tematizou os candidatos apoiados pela igreja pela competência, religiosidade, espiritualidade, trabalho, vocação política, dedicação e responsabilidade com as verbas, José Wellington da Costa Junior também tematizou os candidatos pela espiritualidade. Em relação aos candidatos não apoiados pela igreja, ambos tematizaram pela destruição e promotores de sofrimento, mas o pastor José Wellington Costa Junior atribui maiores revestimentos de malignidade aos candidatos não apoiados pela igreja, nesse caso, candidatos do Partido dos Trabalhadores. Feito esses apontamentos, seguiremos com a análise dos dados de acordo com o referencial teórico.

4.1 Análise dos dados de acordo com o referencial teórico

Os dados elencados nas planilhas mostram que os pastores se esforçam muito para construir um pensamento mais hegemônico dentro da instituição em relação aos interesses políticos da AD, como demonstra o Quadro 1. No entanto, como sugere o parecer dos efeitos de sentido no Discurso 5, o pensamento político de membros da diretoria da igreja não é o mesmo de todo o grupo de pastores, afinal, o pastor José Wellington Costa Junior afirma que ainda “[...] alguns pastores vêm pedir [...] para que o presidente receba o outro candidato do PT na nossa Igreja [...]”, criando o efeito de sentido de haver divergência de alinhamento no campo político-partidário da instituição.

O pastor José Wellington Bezerra da Costa cria o efeito de sentido de trabalhar essa unidade da igreja mais relacionada com o dever, com o compromisso da instituição em relação aos brasileiros e com o comprometimento dos líderes no campo moral e social da esfera política. Diferentemente do discurso de seu pai, o pastor José Wellington Costa Junior cria o efeito de sentido de buscar o alinhamento político institucional por meio de pautas ligadas aos costumes e religiosidade. No entanto, ambos caminham juntos quanto ao campo moral dos candidatos.

No Quadro 2, constatamos que o pastor José Wellington Bezerra da Costa constrói o simulacro de seus candidatos baseados na competência, nos valores fraternos, na honestidade e na vocação divina para exercer o cargo político. Em relação aos candidatos não apoiados pela igreja, o pastor se limita a dizer que eles não podem voltar ao poder, portanto, sugere ser mais comedido ao falar dos candidatos adversários da igreja. Não abertamente, o pastor se refere aos eventos de corrupção ocorridos no País, ligando o fato aos candidatos não apoiados pela igreja. Já o pastor José Wellington Costa Junior sugere o parecer dos efeitos de sentido de ser mais enfático, objetivo e direto na construção de seus candidatos, mas também norteado pela pauta de costumes e de valores cristãos. De forma mais direta e com poucas explicações, o pastor demonstra o desejo de que os candidatos da igreja sejam eleitos.

Sobre essa percepção, Alencar (2019) contribui afirmando:

A politização externa é articulação da cúpula e não da igreja. Evidentemente que o discurso legitimador busca o que são os “interesses” da igreja – algo que calou forte na época da Constituinte de 1988 e, no presente, na luta contra o aborto e a questão gay. Majoritariamente, os assembleianos, como os brasileiros em geral, têm os mesmos valores morais, mas isso não implica em alinhamento automático da membresia com a liderança, pois em 2011 houve uma campanha oficial da CGADB, por parte de Silas Malafaia e outros líderes evangélicos contra a eleição de Dilma Rousseff no segundo turno, que não surtiu o efeito esperado. Havia dissenso entre os membros. Portanto, textos e reportagens “AD vai apoiar o candidato X”, para ser mais próxima da verdade, deveriam ser “A direção da Convenção X ou do Ministério Y vai apoiar o candidato Z” (ALENCAR, 2019, p. 258).

Dialogando nossas observações desta seção com o estudo de Alencar (2019), depreendemos que o pastor José Wellington Costa Junior expressa mais o parecer dos efeitos de sentido de que a escolha dos candidatos da igreja é feita por sua diretoria e, por isso, tais candidatos devem ser eleitos. Além disso, constatamos que não há muitas explicações nas indicações do pastor. Como mencionado anteriormente, no dizer do pastor, os políticos da igreja devem ser eleitos porque são respostas às orações.

No Quadro 3, constatamos as semelhanças dos candidatos nos enunciados dos pastores. Ambos descrevem os candidatos da igreja com termos que criam os efeitos de sentido de serem honestos, dedicados e trabalhadores. Além disso, revestindo os candidatos semanticamente, como nos mostrou a análise semiótica, os pastores criam os efeitos de sentido de que os candidatos da igreja não se corrompem, afinal, são homens de Deus que tiveram os seus nomes revelados por Deus para exercer essa função. Já em relação ao simulacro dos candidatos, o pastor José Wellington Costa Junior é mais enfático e direto na tentativa de associar os candidatos adversários ao inferno, malignos, provocadores de sofrimento etc.

Com isso, demonstramos a importância de adotarmos a teoria semiótica greimasiana para a análise do plano de conteúdo dos discursos que compõem o *corpus* deste trabalho. Por meio dessa teoria e método, evidenciamos como o discurso político-partidário se forma no discurso religioso dos líderes da AD no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo abordou a construção do discurso político de pastores da Assembleia de Deus nas eleições de 2018 e de 2022. Embora seja um tema importante, são poucas as pesquisas que tratam dessa temática, a partir de uma perspectiva da semiótica francesa, sobretudo, aplicada aos líderes da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, José Wellington Costa Junior, e de José Wellington Bezerra da Costa, presidentes da Assembleia de Deus Ministério do Belém e da CONFRADESP.

Por essa razão, compreendemos que uma das contribuições desta pesquisa para os estudos interdisciplinares em Ciências Humanas é abrir campo para futuras investigações que tratam o discurso desse grupo social e de suas relações com a política partidária, na perspectiva da semiótica discursiva.

Para compreender esse tema e a atuação do referido grupo, tivemos como objetivo geral sustentar, durante toda a pesquisa, uma investigação do discurso desses dois pastores nas redes sociais digitais a partir do prisma teórico-metodológico da semiótica francesa, uma disciplina de cunho estruturalista, imanentista e baseada nas ciências da linguagem. O *corpus* escolhido foi composto por cinco discursos, sendo dois do presidente da CGADB e três do presidente da ADBelém e CONFRADESP, proferidos no templo central da Igreja, localizado no bairro do Belenzinho, em São Paulo.

Como mencionado na Introdução, foram escolhidos os discursos dos pastores José Wellington Bezerra da Costa e José Wellington Costa Junior, proferidos no templo central da Assembleia de Deus, de cunho político, que buscava direcionar o voto dos assembleianos. Já como exclusão, descartamos todos os discursos que não foram realizados por José Wellington Bezerra da Costa e José Wellington Costa Junior.

A metodologia utilizada foi a de cunho descritivo, como sugere a tradição semiótica, que prevê estudar o plano do conteúdo. Também foram utilizadas outras teorias e pressupostos teóricos durante a pesquisa, pois mantivemos um diálogo com o pensamento da sociologia, da história e das ciências da religião para construir o caráter interdisciplinar deste estudo; todavia, a matriz teórica desta dissertação foi primordialmente semiótica. A escolha pela semiótica da Escola de Paris se deu porque

ela é uma teoria da significação dos textos e dos discursos que permite estudar qualquer tipo de expressão verbal e não verbal.

Examinamos o nascedouro da Assembleia de Deus, partindo do avivamento de Chicago, da chamada vocacional dos missionários suecos para realizar a missão de pregar o evangelho pentecostal no Brasil, em Belém, no estado do Pará. Por meio do caminho percorrido neste trabalho conseguimos compreender como se deu a construção do discurso desse movimento dedicado ao batismo no Espírito Santo, curas divinas, expansão da Igreja em congregações pelo País, os cismas, a formação de pastores, a criação de ministérios e as convenções estaduais e nacional. Abordamos, também, como a Igreja se manteve à margem da política partidária até o início da década de 1980, quando o pastor José Wellington Bezerra da Costa assumiu a presidência da CGADB e da ADBelém, e foram estabelecidos objetivos da Igreja em se projetar no campo político.

Discorreremos sobre a teoria e o método de análise da semiótica francesa. Abordamos o nascedouro dessa teoria e como ela compreende o discurso político e religioso, além de explicitar os patamares que compõem o percurso gerativo de sentido, analisando semioticamente os cinco discursos dos pastores da Assembleia de Deus no Brasil. Aplicamos o método semiótico de análise nos discursos selecionados e compreendemos que tanto em 2018 como em 2022, os discursos políticos se constituíram a partir da construção do candidato que carrega a marca de escolhido pela divindade para ocupar cargos públicos.

Em relação à escolha da teoria e do método, ressaltamos que trabalhamos com outras teorias e pressupostos teóricos, como mencionamos anteriormente, com o intuito de construir um trabalho interdisciplinar. No entanto, esta dissertação tem matriz na semiótica discursiva. Escolhemos a semiótica greimasiana porque é uma teoria da significação dos textos e dos discursos, e nos permite analisar qualquer expressão verbal ou não verbal.

Nesta análise, ficou patente que os discursos do pastor José Wellington Costa Junior são construídos sobre pilares da fé cristã pentecostal, que carregam o sentido de manter o perfil de Igreja, de ser um pastor de Deus, ter autoridade de Deus e de livrar o Brasil do sofrimento. Os candidatos indicados pelo pastor, especialmente, seus irmãos, receberam maiores investimentos de argumentos que fazem mais sentido para o público assembleiano. São esses os termos aplicados: ungido e escolhido de Deus.

Já os discursos do pastor José Wellington Bezerra da Costa sugerem o parecer de sentido de terem sido construídos sobre os eixos da corrupção e não corrupção, da moralização, de valores de amizade e de vocação para ser político. Ele também cria o simulacro sobre ter conhecimento desses assuntos, além de fazer uso do imperativo em algumas partes dos discursos analisados. No entanto, em nenhum deles foram encontrados dados sobre setores como saúde, economia, emprego, esportes e outras áreas que compõem o discurso político. Em um caso, apenas, encontramos o tema educação, mas ligado ao campo da ideologia de gênero, contudo, sem dados.

Confirmamos nossa hipótese de que as propostas políticas de candidatos da Igreja ou ligados a ela recebem revestimento de sagrado no templo, com o sentido de direcionar o voto dos fiéis. Além disso, constatamos que os pastores também recobrem os candidatos de valores do sagrado, a saber: ungido, amigo, dotado de poder e escolhido de Deus.

Embora os discursos pareçam e se postulem como discursos políticos, evidenciamos que eles não apresentam discussões importantes sobre os assuntos basilares, a saber: educação, saúde, economia, esportes, segurança e outros. O que constatamos é que os discursos políticos analisados demonstram fragilidade e superficialidade sobre esses temas. Por essa razão, compreendemos a necessidade da realização de novos estudos que demonstrem as atualizações e a evolução dos discursos religiosos ligados ao campo político.

Entretanto, o que depreendemos desse estudo é que esse grupo social era apartidário politicamente, direcionando seus discursos apenas ao campo eclesiástico, pentecostal e escatológico, salvo as poucas inserções sobre a necessidade de que a Igreja se inclua no campo político, publicadas no jornal *O Mensageiro da Paz*, durante o período do Regime Militar. É possível simular que esse posicionamento em relação ao campo político-partidário se deu porque os missionários suecos carregaram consigo essa herança por onde passaram.

Além disso, constatamos que com o avanço da instituição no campo da educação teológica, os pastores brasileiros passaram a ter mais esclarecimento sobre a necessidade do avanço da denominação para os diferentes setores da sociedade. Essa fase se evidenciou a partir da ascensão do pastor José Wellington Bezerra da Costa ao comando da Igreja, na década de 1980. Finalizamos compreendendo como se estruturam os discursos políticos e religiosos na perspectiva da semiótica

discursiva e depreendemos que a Assembleia de Deus no Brasil tem avançado no campo político-partidário, mas com um discurso predominantemente religioso, sem apresentar dados concretos que fundamentam um discurso político necessário a ser debatido com a sociedade.

Por questões temporais e espaciais, houve limitações sobre o desenvolvimento da temática, mas que serão retomadas futuramente num estudo posterior de doutoramento. Temos ciência de que novos estudos sobre esse tema surgirão e contribuirão na compreensão sobre a configuração do discurso político-partidário desse grupo social. Evidenciamos que esta pesquisa buscou colaborar para uma reflexão sobre o tema a partir de uma perspectiva interdisciplinar que tanto enriquece os trabalhos acadêmicos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. J. "**Pelo Senhor, marchamos**": os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964–1985). 2016. Tese (Doutorado em História) — Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.
- ALENCAR, G. F. **Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus**. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911–1946). 2000.. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Religião) — Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2000.
- ALENCAR, G. F. **Matriz pentecostal brasileira**: Assembleia de Deus: 1911 a 2011. 2. ed. São Paulo: Recriar; Vitória: Unida, 2019.
- ALENCAR, G. F. Jair Messias Bolsonaro: o "eleito" de Deus?. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 13, n. 37, 2020.
- ARAUJO, I. D. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- ARAUJO, I. D. **José Wellington**: biografia. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. p. 179–217.
- BARROS, D. L. P. **A festa do discurso**: teoria do discurso e análise de redações de vestibulandos. 1985. Tese (Livre Docência) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.
- BARROS, D. L. P. **Teoria do discurso**: fundamentos semióticos. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 2001.
- BARROS, D. L. P. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2002.
- BARROS, D. L. P. (org.). A construção discursiva dos discursos intolerantes. *In*: BARROS, D. L. P. **Preconceito e intolerância**: reflexões linguístico-discursivas. São Paulo: Mackenzie, 2011.
- BARROS, D. L. P. A comunicação humana. *In*: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à Linguística I**: objetos teóricos. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- CARREIRO, G. S. Reinterpretando o crescimento das Assembleias de Deus no Brasil. **Caminhos**, v. 12, n. 2, p. 190–208, 2014. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/3535/2046>. Acesso em: 19 dez. 2022.
- COELHO, P. M. F.; COSTA, M. R. M.; FONTANARI, R. O parecer do sentido: a perspectiva semiótica. **Razón y Palabra**, v. 20, n. 92, dez. 2015, p. 1065–1082. Disponível em: <https://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/234>. Acesso em: 5 jan. 2023.
- CONDE, E. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 1960.

CORREA, M. **Assembleias de Deus**: ministérios, carisma e o exercício do poder. 3. ed. São Paulo: Recriar, 2020a.

CORREA, M. **Dinastias assembleianas**: sucessões familiares nas Igrejas das Assembleias de Deus no Brasil. São Paulo: Recriar, 2020b.

COSTA, M. C. C. **O aggiornamento do pentecostalismo brasileiro**: as Assembleias de Deus e o processo de acomodação à sociedade de consumidores. 2. ed. São Paulo: Recriar, 2020.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ASSESSORIA PARLAMENTAR.
Diagnóstico das Eleições 2018. Disponível em:
<https://www.diap.org.br/index.php/publicacoes/category/53-diagnostico-das-eleicoes-2018>. Acesso em: 19 dez. 2022.

DOUGLAS, J. D. (org.). **O novo dicionário da Bíblia**. São Paulo: Imprensa da Fé, 1962.

FAJARDO, M. P. **Onde a luta se travar**: uma história das Assembleias de Deus no Brasil. 2. ed. São Paulo: Recriar, 2019.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. 18. ed. Campinas: Papirus, 2012.

FIGUEREDO F., V. **A fraquejada de um país terrivelmente evangélico**. Rio de Janeiro: Telha, 2020.

FIORIN, J. L. **O regime de 1964**: discurso e ideologia. São Paulo: Atual, 1988.

FIORIN, J. L. A sacralização da política. *In*: FULANETI, O. N.; BUENO, A. M. (org.). **Linguagem e política**: princípios teórico-discursivos. São Paulo: Contexto, 2013.

FIORIN, J. L. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2016a.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2016b.

FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2017.

FRESTON, P. **Protestantes e políticas no Brasil**: da constituinte ao impeachment. 1993. Tese (Doutorado em Ciências Sociais, Filosofia e Humanas) — Universidade de Campinas, Campinas, 1993. Disponível em:
<http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalle/69813>. Acesso em: 4 jun. 2020.

GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural**. São Paulo: Cultrix, 1966.

GREIMAS, A. J. **Semiótica e ciências sociais**. São Paulo: Cultrix, 1976.

GREIMAS, A. J. **Semiótica das paixões**. São Paulo: Ática, 1993.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido II**: ensaios semióticos. São Paulo: Edusp, 2014.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2020.

HORTON, S. M. **Teologia sistemática**. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. 2012.

Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espiritas-e-sem-religiao>. Acesso em: 12 nov. 2020.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

MARIANO, R.; GERARDI, D. A. Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores. **Revista USP**, [S. l.], n. 120, p. 61–76, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i120p61-76>. Acesso em: 7 maio 2022.

MENDES, C. M.; SANTOS, M.; COELHO, P. M. F. Estratégias de enunciação sincrética: uma análise comparativa. **Estudos Semióticos**, v. 6, n. 1, p. 26–34, 2010.

MENDONÇA, A. G. Protestantismo brasileiro, uma breve interpretação histórica. *In*: SOUZA, B. M.; MARTINO, L. M. S. (org.). **Sociologia da religião e mudança social**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

RABUSKE, I. J.; SANTOS, P. L.; GONÇALVES, H. A.; TRAUB, L. Evangélicos brasileiros: quem são, de onde vieram e no que acreditam?. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 4, n. 12, jan. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30275/15877>. Acesso em: 19 dez. 2022.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, S. M. R. **Discurso religioso**: semiótica e retórica. Campo Grande: UFMS, 2020.

SOARES, E. (org.). **Declaração de fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

SOARES, E. **Pentecostalismo brasileiro**: um guia histórico e teológico para compreender o pentecostes no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

SOUZA, B. M. **A experiência da salvação**: pentecostais em São Paulo. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1969.

SOUZA, B. M.; MARTINO, L. M. S. (org.). **Sociologia da religião e mudança social**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SYNAN, V. **O século do Espírito Santo**: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático. São Paulo: Vida, 2009.

SYNAN, V. **Vozes do pentecoste**: relatos de vidas tocadas pelo Espírito Santo. São Paulo: Vida, 2012.

TORRESAN, J. L. A manipulação no discurso religioso. **Dialogia**, v. 6, p. 95–106, 2007.

VINGREN, I. **Diário do pioneiro**. Rio de Janeiro: CPAD, 1973.

WEBER, M. **Economia e sociedade**. São Paulo: UnB, 2004. p. 155–356.

WEBER, M. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. São Paulo: Schwarcz, 2018.

GLOSSÁRIO

O glossário foi adaptado a partir do modelo idealizado por Barros (2002, p. 85-90) para esclarecer possíveis dúvidas na compreensão de termos da Semiótica aplicados nesta dissertação.

Ator: é uma entidade do discurso que resulta da conversão dos actantes narrativos, graças ao investimento semântico que recebem no discurso. O ator cumpre papéis actanciais, na narrativa, e papéis temáticos, no discurso.

Competência: é um tipo de programa narrativo, em que o destinatário- sujeito recebe do destinador a qualificação necessária à ação.

Conteúdo: é um dos planos da linguagem (Hjelmslev) ou o plano do significado (Saussure) que é veiculado pelo plano da expressão, com o qual mantém relação de pressuposição recíproca.

Destinador: é o actante narrativo que determina os valores em jogo e que dota o destinatário-sujeito da competência modal necessária ao fazer (destinador-manipulador) e o sanciona, recompensando ou punindo-o pelas ações realizadas (destinador-julgador).

Destinatário: é o actante narrativo manipulado pelo destinador, de quem recebe a competência modal necessária ao fazer, e é por ele reconhecido, julgado e punido ou recompensado, segundo as ações que realizou.

Discurso: é o plano do conteúdo do texto, que resulta da conversão, pelo sujeito da enunciação, das estruturas sêmio-narrativas em estruturas discursivas. O discurso é, assim, a narrativa “enriquecida” pelas opções do sujeito da enunciação que assinalam os diferentes modos pelos quais a enunciação se relaciona com o discurso que enuncia.

Disforia: é um dos termos da categoria tímica euforia vs. disforia, categoria que modifica as categorias semânticas. A disforia marca a relação de desconformidade do ser vivo com os conteúdos representados.

Enunciação: é a instância de mediação entre as estruturas narrativas e discursivas que, pressuposta no discurso, pode ser reconstruída a partir das pistas que nele espalha; é também mediadora entre o discurso e o contexto sócio-histórico e, nesse caso, deixa-se apreender graças às relações intertextuais.

Enunciado: é o objeto-textual resultante de uma enunciação.

Enunciatário: uma das posições do sujeito da enunciação, o enunciatário, implícito, cumpre os papéis de destinatário do discurso.

Esquema narrativo: é a unidade maior na hierarquia sintática da narrativa, que se define pelo encadeamento lógico dos percursos narrativos da manipulação (ou do destinador-manipulador), da ação (ou do sujeito) e da sanção (ou do destinador-julgador).

Euforia: é um dos termos da categoria tímica euforia vs. disforia, categoria que determina as categorias semânticas. A euforia estabelece a relação de conformidade do ser vivo com os conteúdos representados.

Expressão: é um dos planos da linguagem (Hjelmslev) ou o plano do significante (Saussure), que suporta ou expressa o conteúdo, com o qual mantém relação de pressuposição recíproca.

Isotopia: é a reiteração de quaisquer unidades semânticas (repetição de temas ou recorrência de figuras) no discurso, o que assegura sua linha sintagmática e sua coerência semântica.

Manipulação: o percurso narrativo da manipulação ou percurso narrativo do destinador-manipulador é aquele em que o destinador atribui ao destinatário-sujeito a competência semântica e modal necessárias à ação. Há diferentes modos de manipular, e quatro grandes tipos de figuras de manipulação podem ser citados: a tentação, a intimidação, a provocação e a sedução.

Modalidades veridictórias: as modalidades veridictórias determinam a relação do sujeito com o objeto, dizendo-a verdadeira ou falsa, mentirosa ou secreta.

Modalização: é a determinação que modifica a relação do sujeito com os valores (modalização do ser), ou que qualifica a relação do sujeito com o seu fazer (modalização do fazer).

Objeto: é o actante sintático da narrativa que se define pela relação transitiva de junção ou de transformação que o liga ao sujeito e que, enquanto posição actancial, pode receber investimentos de projetos e de aspirações do sujeito.

Objeto-valor: é o objeto determinado pelas aspirações e projetos do sujeito, por seus valores, em suma.

Papel actancial: refere-se a cada um dos papéis assumidos pelos actantes da narrativa e que variam segundo se altere a posição dos actantes no percurso.

Papel Temático: refere-se ao papel que os actantes da narrativa assumem no interior de um tema, ou de um percurso temático, quando então os actantes se convertem em atores discursivos. Por exemplo: o saber se exemplifica pelo papel temático do pesquisador, no quadro temático da investigação científica.

Percurso gerativo: para construir o sentido do texto, a semiótica concebe seu plano do conteúdo sob a forma de um percurso de engendramento do ou dos sentidos, que vai do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto e que se organiza em níveis ou lugares de articulação da significação, passíveis, cada qual, de descrição autônoma.

Percurso narrativo: é uma sequência de programas narrativos de tipos diferentes (de competência e de performance), relacionados por pressuposição simples.

Performance: é o programa narrativo que representa a ação do sujeito que se apropria, por sua própria conta, dos objetos-valor que deseja.

Sanção: no percurso narrativo da sanção, ou percurso do destinador-julgador, o destinador interpreta as ações do destinatário-sujeito, julga-o, segundo certos valores, e dá-lhe a retribuição devida, sob a forma de punições ou de recompensas.

Semântica: é um dos componentes, com a sintaxe, da gramática semiótica e tem por tarefa estudar os conteúdos investidos nas relações sintáticas, nos diferentes níveis de descrição linguística ou semiótica.

Semântica discursiva: cabe-lhe examinar a disseminação dos temas no discurso, sob a forma de percursos, e o investimento figurativo dos percursos.

Sintaxe: é um dos componentes, com a semântica, da gramática semiótica e estuda as relações e regras de combinação dos elementos linguísticos, tendo em vista a construção de unidades variáveis (frase, discurso, texto, narrativa etc.), conforme o nível de descrição linguística ou semiótica escolhido.

Sintaxe discursiva: cabe à sintaxe discursiva explicar as relações do sujeito da enunciação com o discurso-enunciado e também as relações “argumentativas” que se estabelecem entre enunciador e enunciatário.

Sintaxe narrativa: estuda o “espetáculo” narrativo oferecido pelo fazer do sujeito que transforma o “mundo”, à procura dos valores investidos nos objetos, e pela sucessão de estabelecimentos e de rupturas de contratos entre um destinador e um destinatário, de que decorrem a comunicação e os conflitos entre sujeitos e a circulação de objetos-valor.

Sujeito: é o actante sintático da narrativa que se define pela relação transitiva de junção ou de transformação que o liga ao objeto e graças a que o sujeito se relaciona com os valores. Enquanto actante funcional, o sujeito caracteriza-se por um conjunto variável de papéis actanciais, em que ocorrem algumas determinações mínimas, tais como os papéis de sujeito competente para a ação e de sujeito realizador da performance.

Tema: é um elemento da semântica narrativa que não remete a elementos do mundo natural, e sim às categorias “linguísticas” ou “semióticas” que o organizam.

Texto: resultado da junção do plano do conteúdo, construído sob a forma de um percurso gerativo, com o plano da expressão, o texto é um objeto de significação e um objeto cultural de comunicação entre sujeitos.

Valor: é o termo de uma categoria semântica, selecionado e investido em um objeto com o qual o sujeito mantenha relação. É a relação com o sujeito que define o valor.

Veridicção: refere-se a um discurso ou um texto que será interpretado como verdadeiro ou dito como verdadeiro.

ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DOS DISCURSOS UTILIZADOS NO CORPUS

Discurso 1

Discurso do pastor José Wellington Bezerra da Costa, publicado pelo canal TV AD Brás Brasilândia, em 17 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TUmopyxEMuE&t=4s>. Acesso em: 19 dez. 2022.



Meus irmãos, eu queria chamar a atenção dos senhores, eu tenho aqui um pronunciamento que eu precisava que todos ouvissem para que ninguém saia daqui enganado. Eu recebi aqui uma pergunta, eu vou responder: “Pastor, por favor, responda, por que os pastores da nossa convenção votaram no presidente Temer? Aqui o momento não é de política, mas eu vou responder.

Meus queridos, todos nós, brasileiros, que temos interesse pela nossa Pátria acompanhamos minunciosamente a administração de nosso País. Isso é uma obrigação daqueles que têm maior responsabilidade com o povo. Pois bem! E todos nós também acompanhamos a campanha feita pela imprensa, irmãos, diante do quadro político que aí está. E, meus irmãos, acompanhando as coisas mais de perto, aquele cidadão que fez uma acusação gravíssima contra o presidente, não sei se os

senhores sabem, mas ele é dono de uma das maiores empresas frigoríficas do mundo, mas ele tem como sócio uma pessoa muito pertinho do governo passado. Então há um interesse político muito grande daquela turma que destruiu o Brasil, que levou o Brasil ao estado que nós estamos aqui, de chapéu na mão, irmãos, aquele grupo que destruiu o Brasil, irmãos, que aí está trabalhando para voltar para o poder.

O momento era esse: se voltar para o Temer, os deputados federais me [perguntaram]: “Pastor o que é que nós fazemos? Eu disse: se vocês votarem no Temer, muitos vão dizer que vocês receberam dinheiro. Mas vocês são crentes, não podem e nem devem sujar as mãos, mas se vocês votarem contra o Temer, vocês estarão contribuindo para a volta daquele grupo que destruiu o Brasil. Eles estão aí doidos para voltar. Aquele grupo que a metade, quem não está com a coleira no pé, em casa, está preso, essa que é a verdade, essa é a pura realidade.

Então, meus queridos irmãos, eu disse para aqueles irmãos: olha, nós não podemos colocar as mãos no fogo se Temer deve ou Temer não deve, isso é problema dele, que ele vai responder quando ele sair do governo; quando ele terminar o governo, se ele deve, a justiça vai cobrar dele. Porém, amados, desestabilizar agora, irmãos, é jogar o País mais no fundo do poço do jeito que está. Com certeza, porque o desejo daquela gente era levar o Brasil à situação que está a Venezuela. do jeito que está a Venezuela. Esse é o propósito. Os irmãos sabem que mesmo nessa situação da Venezuela, há poucos dias foi aqui um grupo de um determinado partido político foi à Venezuela para se solidarizar com o governo que lá está, naquele estado de miséria que lá está. A imprensa publicou, vocês viram isso aí.

E nós, na responsabilidade que temos, que amamos o nosso querido Brasil, não poderíamos votar para a volta daquela gente, que destruiu o nosso País. Eu disse aqui, os senhores lembram-se quando no dia da nossa convenção e da posse dos senhores estava conosco o ministro das Finanças, ministro Meireles, eu chamei num canto ali, lá embaixo, só nós dois, conversamos um pouco com ele. Eu disse para ele: Ministro, o presidente Temer, não sei se é santo, se e... o que é... é problema dele. Porém, amados, é o homem certo para o lugar certo no momento certo. Por quê? Ele não tem pretensão política no futuro. Ele está queimado com o povo. Ninguém vota no Temer. É claro! Ele está queimado com o povo! Mas ele é o homem certo para tomar as medidas amargas que o Brasil precisa. Ele não tem compromisso pensando fazer bem feito para voltar amanhã para o poder, não! Mas ele precisa tomar medidas amargas que o Brasil precisa, e é para este o momento.

Os irmãos sabem que aí, algumas dessas reformas que estão fazendo aí, dessa lei do INSS, eles têm que arrumar esse negócio, a casa está desarrumada, porque o buraco foi muito grande! A desestabilidade financeira do Brasil é tremenda, tremenda! Começou a melhorar um pouco o dinheiro, a moeda começou a cair um pouco, a inflação começou a cair, alguns empregos começaram a aparecer, mas isso, irmãos, ainda é muito pouco para a situação que aí está. Não devemos de forma nenhuma, irmãos, votar contrário para desestabilizar o Brasil. Por quê? Se os senhores acompanharam, porque eu acompanhei voto por voto, a maior parte foi aquele partido que destruiu o Brasil somado aos seus adeptos. Eu não vou citar aqui nome de partido porque não tenho nada a ver com esse negócio, o nosso negócio é Bíblia. Porém, eu estou respondendo aqui a essa pessoa, e eu quero dizer para esse irmão que me perguntou: eu assumo a responsabilidade de ter mandado os nossos deputados federais votar no Tema [Temer]. Fui eu que mandou! Eu falei com eles e disse: vocês não vão tirar esse homem agora, vai desestabilizar. Vão fazer uma eleição já, é o que está aí, o que eles querem. É a eleição já que vai ganhar, então, diretas já. É voltar o Brasil e entregar na mão dessa gente.

Foi por isso, pensando no Brasil, não tenho nada com o presidente Temer, nunca lhe pedi um favor; nem a ele e nem a nenhum político, graças a Deus. Se tem alguém aí emaranhado com outras coisas, os senhores podem dormir tranquilo, pastor José Wellington, Convenção Geral, CONFRADESP, Belém, nós nunca recebemos nenhum centavo dessa gente, temos a nossa cabeça de pé, glorificado seja o nome do Senhor. De maneira que o Wellington assumiu, aqui está o tesoureiro da convenção, saibam disso: o senhor vai ver lá a nossa contabilidade, aliás, o senhor [dirigindo o olhar e apontando para o tesoureiro da convenção] trabalha há muito tempo na contabilidade. Pois bem, nós não temos nenhum compromisso com nenhuma dessa gente. O meu compromisso é orando para o Brasil; é orando para os milhões de desempregados que aí estão. É olhando irmãos para uma dívida tremenda que nós temos, uma situação que estava caminhando, era, na verdade, muito difícil. Mas a resposta está dada. Foi por isso que eu mandei.

Discurso 2

Discurso dos pastores José Wellington Bezerra da Costa e José Wellington Costa Junior publicados no canal Ativismo Protestante, em 3 de outubro de 2018. O vídeo foi selecionado em 20 de maio de 2021. <https://www.youtube.com/watch?v=IXbJL6zyWII&t=4s>. Acesso em: 19 dez. 2022.



Meus irmãos, vamos aproveitar que estamos em pé assim, a CGADB estabeleceu uma campanha de 30 dias de oração pelo nosso Brasil. Desde o dia 7 de setembro até o dia 7 de outubro, quando acontecerão as eleições. E durante esse período, nós estamos convidando a todos os irmãos da Assembleia de Deus para que orem pelo nosso País, a CGADB está divulgando e esse é um bom momento que temos, depois de ouvirmos aqui uma saudação de parabéns pelo nosso pastor, de orarmos pelo nosso Brasil, orar pelo nosso País para que o Senhor Deus abençoe a cada eleitor, que nos oriente como devemos votar. Não é?

Nós já temos os nossos representantes na Assembleia Legislativa aqui em São Paulo e na Câmara Federal, lá em Brasília, e o nosso desejo é que eles retornem a essas casas. E, logicamente serão levados por nós. Mas também, oremos e peçamos a Deus uma orientação para votar no presidente da República. Para que nosso País e esse povo não venham sofrer, meus amados, o que os países vizinhos estão

sofrendo, e se nós não tomarmos cuidado, o Brasil caminha para isso. Então queria pedir aos irmãos que orem no dia da eleição, 7 de outubro, e saia já decidido a quem você vai confiar os seus votos e vamos orar o Senhor para Deus que continue abençoando nosso País, que é abençoando nosso Brasil. Muito bem, o Paulo está lembrando aqui que até as 17 horas que é pra votar.

Discurso 3



Meus queridos há poucos instantes ouvimos aqui um vídeo, eu não sei se preciso falar mais alguma coisa com relação à política. Risos. Meus irmãos, no dia 7 de outubro, dia 17, não, dia 7. 17 é outra coisa que precisa falar também. Mas, meus irmãos, eu quero pedir a vocês, além da nossa oração, Pastor Severino Pedro, de saudosa memória dizia: "há tempo de divulgar, há tempo para orar, e depois de votar". Nós já oramos, já divulgamos e agora está se aproximando o dia de votar. Meus queridos, nós esperávamos que as propagandas e as apresentações dos candidatos que aí postulam a presidência da República, irmãos, nos trouxessem algo diferente.

Porém, irmãos, as coisas estão se afunilando, e todos nós estamos devidamente conscientizados de que estamos polarizados. Nós temos que ter muitos cuidados com nossos votos. E a minha orientação aos senhores é não votar à

esquerda. Não podemos deixar que o Brasil caia na mão dessa gente mais uma vez. Tá certo? Então, queridos, nós agradecemos aqui de público as felicitações do candidato à presidência da República, né, o senhor Jair Bolsonaro, muito obrigado, capitão! Muito obrigado, amigo! Obrigado, deputado, amigo do meu filho! E, com certeza, o Senhor Deus que está também velando por esse Brasil, ele certamente colocará aquele a quem com muita unção de Deus e com muita graça, o senhor tem em suas apresentações, em seus discursos, o senhor tem falado nosso idioma.

O senhor fala aquilo que os evangélicos gostariam de ouvir. E nós estamos certos de que, com apoio dos evangélicos, o senhor cumprirá os seus compromissos junto conosco. Meus irmãos, Deus abençoe a todos vocês! E, no dia 7 de outubro, estaremos lá votando. Nós temos os nossos candidatos a deputados estaduais, deputado federal, vocês conhecem o nome de cada um, não é verdade? E, estaremos dando o nosso voto completo, não é? Glória a Deus! E o mais importante será o número um, o presidente da República, governador do Estado e senadores e deputados federal e estadual, vamos dar o nosso voto e com certeza Deus continuará abençoando o Brasil.

Discurso 4

Publicado pelo canal do Estadão, em 10 de fevereiro de 2022. O vídeo foi selecionado para compor o *corpus* na mesma data da publicação, e está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xL3stPk8YaY&t=198s>. Acesso em: 19 dez.2022.



Meus amados, nós vamos orar por esses irmãos. Eu, em nossa reunião particular com os presidentes de Igreja, aqui, do nosso Estado, pedi com palavras grandes: vem o período eleitoral, você é um pastor da Igreja do Senhor.

Na Igreja, irmãos, têm irmãos que Deus escolheu, que estão num grupo escolhido do Senhor para legislar, que têm uma vocação para esta vida política. Mas, tenho certeza absoluta que não é a política que domina o coração desses homens, eles são dominados pelo poder de Jesus Cristo, Senhor. Glória a Deus! Então, eles estão servindo na política, mas são homens de Deus ligados à obra do Senhor. Mas a minha insistência, irmãos, é pelo nosso comportamento.

Por favor, lá na sua cidade: você não pode se compatibilizar com o prefeito local. É natural. Você tem que ter o respeito do prefeito, respeito do juiz de direito, o respeito dos demais líderes religiosos. Isso não importa. Pela sua postura, pelo seu comportamento, pela revelação do seu caráter. Pois bem, porque o homem de Deus não se vende por qualquer importância. Por favor, o homem que se vende não vale o dinheiro que lhe paga. Tenham muito cuidado! você tem um rebanho.

Mas pastor, como é que vai fazer? Pastor Paulo Freire é nosso candidato a deputado federal. Mas lá na minha cidade tem lá um candidato que tem o apoio do prefeito local. Meus irmãos, deixa eu abrir aqui um parêntese: nós temos a nossa deputada estadual, e é assim que Paulo também trabalha, eles têm verba. Deputado federal tem verba, Paulo, deputado estadual também tem verba, vereador também

tem verba. Pois bem, aqui os três aqui de São Paulo são meus filhos, e eu disse a eles, vocês entreguem a verba do governo a quem vocês quiserem lá fora, a Igreja não precisa de dinheiro do Estado. A Igreja, repito, não precisa de dinheiro do Estado.

O Ministério do Belém, eu tenho aqui na diretoria 59 anos da minha vida, e durante esses 59 anos nós nunca permitimos receber um centavo de nenhum político, de nenhuma origem pública: nem da prefeitura, nem do Estado e nem da União. Então meus irmãos, você é pastor, você tem ministério que Deus lhe deu. A Igreja não precisa! Jesus Cristo, ó Deus da Igreja! Ele é aquele que tem graça e unção e sabedoria e ele cuida de você. Nunca fique preocupado, porque o dono da Igreja não é você, o dono da Igreja é Jesus. Ele é Jesus!

Veja no Velho no Testamento. Irmãos, haviam 12 tribos, uma tribo foi escolhida pelo ministério, e as 11 tribos trabalhavam sustentando aquela tribo. Então, meus irmãos, não tem problemas: o mesmo Deus dos hebreus, o mesmo Deus de Israel, o Deus de Jacó também é o nosso Deus. Então, guarde esse conselho no teu coração. Pastor, e aí? Ele não tem nada.

E Paulo e Marta, lá no interior, eles são políticos, precisam de voto, é claro! Pastor da Igreja chega lá, faz amizade com o prefeito: “Olha pastor, a prefeitura de nosso município está precisando aqui de uma verba, perfeitamente! Aí eles vão lá, pois não, prefeito quer, tá certo. Só que é o seguinte: a verba só vai para o prefeito por intermédio do pedido do pastor da Assembleia de Deus. Então, você, o pastor, é o intermediário. E ele que vem ao Paulo, e o Paulo vai lá ao prefeito, junto com ele, por quê? Para que o prefeito respeite não só o pastor, mas a Igreja que ali está. O eleitorado que ali está, irmãos, que não é do prefeito, mas são irmãos em Cristo que estão nos apoiando para que os nossos candidatos continuem trabalhando. Então, amados, é uma coisa sempre muito interessante.

Eu tenho andado com eles no interior, irmãos, e vejo, a Marta diz para o prefeito: “Olha, você quer dinheiro? Mas chame, então, um pastor da Assembleia de Deus, porque você só receberá a verba por intermédio de um pedido do pastor da Assembleia de Deus”. Meus amados, para evitar, evitar qualquer nuvem negra sobre o comportamento dos nossos companheiros. Aqui estão os nossos irmãos, e eu quero, então, fazer aqui um convite: nós temos aqui alguns pastores de outros estados, meus irmãos trabalhem para eleger os nossos irmãos na fé. Procurem eleger os nossos irmãos na fé. Glória a Deus! Seja fiel a este nome Assembleia de Deus no Brasil. Você tem, meu amado irmão, uma participação em toda essa Igreja no território

nacional. Então, nós temos compromissos. Vereador crente que é candidato com possibilidade, pastor apoia e elege; deputado estadual; a mesma coisa, deputado federal, a mesma coisa. Eu espero, meu queiro pastor, Paulo, que você seja muito bem-sucedido, e aos demais companheiros. Até o major, ele vai tirar a farda e não vai se vestir de político, vai aparecer lá como servo de Deus.

Discurso 5

Esse vídeo foi publicado pelo portal Poder360, em 4 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YRBqkglzhnk>. Acesso em: 19 dez. 2022. No vídeo há dois discursos, sendo o primeiro do pastor José Wellington Costa Junior, presidente da CGADB, e o segundo, do pastor José Wellington Bezerra da Costa, presidente da ADBelém.



José Wellington Costa Junior

E lamentamos, meus amados, que ainda temos alguns pastores que ainda vem trazer pastores do PT para o presidente. Alguns pastores vêm pedir para o presidente, o senhor me permite pastor, que venham pedir para o presidente, para que o

presidente receba o outro candidato do PT na nossa Igreja, não cabe irmão. O inferno não tem como entrar no lugar santo. Aqui é santo. Aleluia! Aqui é santo. Glória a Jesus!

Então, meus amados, é bom que nos conscientizemos disso, nos preparemos porque você pode ser procurado. Você que é pastor de Igreja, você que é dirigente de congregação pode ser procurado sorrateiramente. Não é só uma visita, não! É laço! É laço do Diabo! É laço do Diabo.

A nossa Igreja tem o seu perfil; a nossa Igreja tem a sua posição, está polarizado, meu amado, não adianta ficar em cima do muro não: ou é, ou não é. Ou somos pelos preceitos morais, ou somos contra o aborto, ou somos contra a miséria que estão pregando aí, essa ideologia de gênero, ou nós vamos colocar a nossa posição diante do Senhor Jesus e da Igreja de Deus. A Igreja quer ver a nossa posição. A Igreja não quer ver pastor em cima do muro não, meu irmão. A Igreja não quer ver pastor com dois pensamentos, a Igreja quer ver pastor que tem autoridade espiritual, autoridade ministerial para tomar a sua posição.